

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS-MG/UNIMONTES

Centro de Ciências Humanas

Programa de Pós-Graduação em Geografia

FRANCIELLE DE FRANÇA MENDES

**A ORGANIZAÇÃO SOCIO-ESPACIAL DO MUNICÍPIO DE
PORTEIRINHA (MG) SOB A PERSPECTIVA DAS
RURALIDADES: O ENTENDIMENTO DOS FEIRANTES NO
MERCADO**

Montes Claros-MG

2018

FRANCIELLE DE FRANÇA MENDES

**A ORGANIZAÇÃO SOCIO-ESPACIAL DO MUNICÍPIO DE
PORTEIRINHA (MG) SOB A PERSPECTIVA DAS
RURALIDADES: O ENTENDIMENTO DOS FEIRANTES NO
MERCADO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Montes Claros, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Área de concentração: Dinâmica e Análise Espacial

Linha de Pesquisa: Produção dos Espaços Urbanos e Rurais

Orientadora: Prof. Dra. Ana Ivania Alves Fonseca

**MONTES CLAROS/MG
2018**

FRANCIELLE DE FRANÇA MENDES

**A ORGANIZAÇÃO SOCIO-ESPACIAL DO MUNICÍPIO DE
PORTEIRINHA (MG) SOB A PERSPECTIVA DAS
RURALIDADES: O ENTENDIMENTO DOS FEIRANTES NO
MERCADO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Montes Claros, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Área de concentração: Dinâmica e Análise Espacial

Linha de Pesquisa: Produção dos Espaços Urbanos e Rurais

Orientadora: Prof. Dra. Ana Ivania Alves Fonseca

Data de aprovação:

Banca:

Orientadora: Prof^a Dra. Ana Ivania Alves Fonseca
Universidade Estadual de Montes Claros

Prof^a Dra. Maria Araci Magalhães
Instituto Federal do Norte de Minas Gerais- IFNMG

Prof^o Dr. Cássio Alexandre da Silva
Universidade Estadual de Montes Claros

Mendes, Francielle de França.
M538o Organização sócio-espacial do município de Porteirinha (MG) sob a perspectiva das ruralidades [manuscrito] : o entendimento dos feirantes no mercado / Francielle de França Mendes. – Montes Claros, 2018.
111 f. : il.

Bibliografia: f. 107-110.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes, Programa de Pós-Graduação em Geografia/PPGEO, 2018.
Defesa: 14/12/2018.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Ivania Alves Fonseca.

1. Ruralidade. 2. Organização socioespacial – Porteirinha (MG). 3. Mercado. 4. Feirantes. I. Fonseca, Ana Ivania Alves. II. Universidade Estadual de Montes Claros. III. Título. IV. Título: O entendimento dos feirantes no mercado .

Dedico este trabalho a Deus, Senhor de tudo,
meu amigo fiel, Aquele que me guia e me fortalece.

“Talvez não tenha conseguido fazer o melhor, mas lutei para que o melhor fosse feito. Não sou o que deveria ser, mas Graças a Deus, não sou o que era antes”. (Marthin Luther King)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela sua fidelidade, por me conceder saúde e força para chegar até aqui.

A Adelcy Pereira de Carvalho, marido singular, profissional exemplar e pai atencioso, pelo seu amor, carinho, apoio e pela família que formamos. Muito obrigada! Te amo!

Aos meus pais, amigos e familiares pelas orações, palavras de ânimo e motivação. Vocês me inspiram a prosseguir. Sem vocês nada teria sentido!

A minha orientadora, Prof^a Dr^a Ana Ivânia Alves Fonseca, pelas suas correções, incentivos e, principalmente, compreensão por ter acreditado em mim quando eu mesma não acreditava. Muito obrigada!

À Unimontes, pela oferta do mestrado e pelas várias oportunidades de me aperfeiçoar por meio dos estudos.

Aos colegas e professores do PPGEO que estiveram em minha trajetória.

Aos professores Dr. Cássio Alexandre da Silva e Prof.^o Dr.^o Anderson Willians Bertholi, pelas correções e direções apontadas para o enriquecimento do trabalho na fase de qualificação.

A administração do Município e Mercado, Secretaria Municipal de Cultura e Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Porteirinha(MG), dentre outros, e aos seus representantes, pela assistência nos trabalhos de campo, material/informações fornecidas e entrevistas efetuadas, por terem me recebido e permitido a pesquisa de vários dias em seu acervo. Lugar que me acolheu e onde atuo profissionalmente.

A todos, muito obrigada!

RESUMO

Com a redefinição do espaço rural na atualidade, foi estabelecido no meio acadêmico o conceito de ruralidade que envolve a concepção de que o campo se explica não apenas pelas atividades agrícolas ali existentes, mas na sua relação com as cidades. Isto implica em relações sociais, econômicas, políticas, culturais e ambientais. Desta maneira, para o estudo dessas relações, utilizou-se da categoria ruralidade, buscando a interpretação sócio-espacial para compreensão do modo de vida das pessoas, as formas de trabalho, cultura e tradições que se materializa no local e dá uma configuração diferenciada ao espaço. O presente estudo busca compreender como o modo de vida sob a perspectiva da ruralidade reflete na organização sócio-espacial do município de Porteirinha/MG a partir do entendimento dos feirantes no mercado. Para execução da pesquisa o procedimento metodológico utilizado foi a revisão bibliográfica para embasamento teórico; a pesquisa secundária foi realizada em *sites* institucionais e de dados estatísticos. O trabalho de campo constituiu-se em anotações e fotografias com coleta de dados e com visitas *in loco* em áreas do Município onde realizaram-se entrevistas. Portanto, analisar a organização do espaço rural a partir dos feirantes que frequentam o mercado no município de Porteirinha/MG, identificados pelas ruralidades e discutir as inter-relações entre o rural e o urbano como lugar onde se desenrolam as atividades socioeconômicas é afirmar a ruralidade como um processo dinâmico de constante reestruturação dos elementos da cultura local, com base na incorporação de novos valores, hábitos e técnicas.

Palavras-chave: Ruralidade. Organização Socioespacial. Mercado. Feirantes.

ABSTRACT

With the redefinition of rural areas today, was established in academia the concept of rurality which involves the design of the field is explained not only by the existing agricultural activities there, but in its relationship with the cities. This implies social, economic, political, cultural and environmental relationships. Thus, for the study of these relationships, we used the rurality category, seeking socio-spatial interpretation for understanding the way of life, work, culture and traditions that materializes on site and gives a different configuration to space. This study seeks to understand how the way of life from the perspective of rural life reflects the socio-spatial organization of the municipality of Porteirinha / MG from the understanding of market traders in the market. For the research running the methodological procedure used was the literature review for theoretical basis; the secondary research was carried out in institutional sites and statistical data. The field work consisted of notes and photos with data collection and site visits in areas where the municipality were held interviews. Therefore, to analyze the organization of the rural space from the market participants in the municipality of Porteirinha / MG, identified by the ruralities and to discuss the interrelations between the rural and the urban as a place where socioeconomic activities unfold is to affirm rurality as a dynamic process of constant restructuring of the local culture elements, based on the incorporation of new values, habits and techniques.

Keywords: Rurality. Socio-spatial organization. Marketplace. Trade shows.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES E TABELAS

Figura 01: Presença de ruralidades na cidade de Porteirinha-MG.....	27
Figura 02: Tradicional feira no Mercado Municipal de Porteirinha-MG.....	28
Figura 03: Mercado Municipal de Porteirinha-MG.....	28
Figura 04: Plantio de hortaliças na área urbana de Porteirinha-MG, próximo aos prédios do CAIC e INSS.....	32
Figura 05: Praça São Joaquim onde funcionava a antiga feira a céu aberto em Porteirinha/MG.....	34
Figura 06: Vista parcial do Mercado Municipal de Porteirinha localizado atualmente na Avenida Dalton Cunha.....	34
Figura 07: Porteirinha ainda distrito de Grão Mogol em 1932.....	48
Figura 08: Distrito de Bom Jesus.....	50
Figura 09: Vista parcial do Distrito de Bom Jesus.....	50
Figura 10: Vista do Distrito de Tocandira.....	51
Figura 11: Praça pública: espaço de sociabilidade no Distrito de Tocandira.....	51
Figura 12: Vista do Distrito de Paciência.....	52
Figura 13: Igreja Católica do Distrito de Paciência.....	52
Figura 14: Vista do Distrito de Mocambinho.....	53
Figura 15: Vista da Igreja Católica de Mocambinho.....	53
Figura 16: Vista do Distrito de Mulungu de Minas.....	54
Figura 17: Vista da Igreja Católica do Distrito de Mulungu de Minas.....	54
Figura 18: Vista do Distrito de Serra Branca.....	55
Figura 19: Vista panorâmica da cidade de Porteirinha/MG.....	59
Figura 20: Produtos da Cooperativa Crescer do município de Porteirinha/MG.....	63
Figura 21: Sede do Sindicato dos Trabalhadores Rurais na cidade de Porteirinha/MG.....	66
Figura 22: Reunião de Capacitação com os agricultores familiares no auditório do STR...	67
Figura 23: Seminário da Agricultura Familiar no Centro Cultural de Porteirinha/MG.....	67
Figura 24: Caixas d'água instaladas pelo P1MC no município de Porteirinha/MG.....	71
Figura 25: Feira no Mercado Municipal de Porteirinha/MG.....	73
Figura 26: Venda de produtos de origem da Agricultura Familiar.....	80

Figura 27: IV Marcha das mulheres na cidade de Porteirinha/MG.....	83
Figura 28: Participação do STR de Taiobeiras na IV Marcha das mulheres na cidade de Porteirinha/MG.....	83
Figura 29: Participação do CEMTR/MG na IV Marcha das mulheres na cidade de Porteirinha/MG.....	84
Figura 30: Participação de comunidade idosa feminina na IV Marcha das mulheres na cidade de Porteirinha/MG.....	84
Figura 31: Participação de diversas mulheres na IV Marcha das mulheres na cidade de Porteirinha/MG.....	85
Figura 32: Participação da FETAEMG-TB-CEMTR/MG.....	85
Figura 33: Participação do STR de Rio Pardo de Minas na IV Marcha das Mulheres na cidade de Porteirinha/MG.....	86
Figura 34: Capela de São José do Gorutuba.....	94
Figura 35: Vista da Antiga Escola Estadual do Gorutuba em meados do século XX, em período anterior à desapropriação realizada pelo DNOCS.....	95
Figura 36: Festa do Divino em Gorutuba.....	97
Figura 37: Festa do Divino no Distrito de Gorutuba.....	97
Figura 38: Convite da Festa Religiosa Tradicional de Porteirinha-MG.....	99
Figura 39: Celebração da Missa na tradicional Festa Religiosa de Senhora Sant’Ana em Porteirinha-MG.....	100
Figura 40: Festeiros participando da Festa Religiosa de Senhora Sant’Ana em Porteirinha-MG.....	100
Figura 41: Serra Branca no município de Porteirinha-MG.....	101
Figura 42: Comunidade rural de Serra Branca em Porteirinha-MG.....	103
Tabela 01: Dados Demográficos (Municípios pertencentes ao Território da Cidadania Serra Geral - MG).....	29

LISTA DE MAPAS

Mapa 01: População urbana e rural do Norte de Minas Gerais no ano de 2010.....	30
Mapa 02: Localização do município de Porteirinha/MG na Mesorregião Norte de Minas.....	38
Mapa 03: Municípios pertencentes ao Território da Cidadania Serra Geral-MG.....	46
Mapa 04: Município de Porteirinha/MG e suas comunidades rurais.....	49

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01: Relação do agricultor com a feira.....	75
Gráfico 02: Produtos mais comercializados na feira.....	76
Gráfico 03: Moradores da área rural e urbana.....	77
Gráfico 04: Reconhecimento enquanto agricultor familiar.....	78
Gráfico 05: Recebe algum auxílio do Governo.....	78
Gráfico 06: Recebe benefício da aposentadoria.....	79
Gráfico 07: Utilização de algum tipo de agrotóxico.....	80
Gráfico 08: Frequência na feira.....	81
Gráfico 09: Participação feminina e masculina na feira.....	82

LISTA DE SIGLAS

ASA- Articulação no Semiárido Brasileiro

COPASA-Companhia de Saneamento de Minas Gerais

CMDRS- Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável

CRESCER- Cooperativa Regional da Serra Geral de Porteirinha/MG

CPT- Comissão Pastoral da Terra

CEBS -Comunidades Eclesiais de Base

CAA/NM- Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas

DNOCS- Departamento Nacional de Obras Contra as Secas

EMATER/MG-Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural Estado de Minas Gerais

EMBRAPA- Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

FUNDEB- Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica

FETAEMG- Federação dos Trabalhadores Rurais do Estado

IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPEA- Fundação Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

MDA-Ministério do Desenvolvimento Agrário

PRONAF- Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

PRODEA- Comissão Municipal de Distribuição Emergencial de Alimentos

P1MC- Programa Um Milhão de Cisternas

SUDENE- Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste

STR- Sindicato dos Trabalhadores Rurais

SIE- Serviço de Inspeção Estadual

SENAR- Serviço Nacional de Aprendizagem Rural

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I: REFLEXÕES SOBRE A DISCUSSÃO DA ORGANIZAÇÃO SÓCIO-ESPACIAL DO RURAL NO MUNICÍPIO DE PORTEIRINHA/MG	18
1.1. Forma de leitura do espaço: a ruralidade na visão geográfica	20
1.2. Rural, Urbano e o entendimento do conceito de Ruralidades	23
1.3. Multifuncionalidade do rural desvendadas pelo mercado municipal	33
CAPÍTULO II: A ORGANIZAÇÃO SÓCIO-ESPACIAL SOB A PERSPECTIVA DAS RURALIDADES	38
2.1. Retrospectiva geo-histórica do município em estudo	45
2.2. A atual dinâmica espacial e socioeconômica do município de Porteirinha/MG	58
2.3 O Mercado municipal e o desenvolvimento rural	61
CAPÍTULO III: O OLHAR DOS FEIRANTES DO MERCADO DE PORTEIRINHA/MG SOBRE AS RURALIDADES	65
3.1. A feira e o mercado: espaço de sociabilidade.....	72
3.2. Os feirantes do mercado municipal como objeto de análise.....	74
3.2.1. O papel do homem e da mulher neste espaço social	82
3.3. As tradições preservadas em Porteirinha/MG: as festividades, cultura e os símbolos do mundo rural	92
CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	107
ANEXO	111

INTRODUÇÃO

A organização sócio-espacial de um lugar é percebida através da paisagem; e entender a dinâmica de seus habitantes, suas vivências e sua cultura é interpretar como um espaço se organiza. O espaço na Geografia aborda as mais variadas temáticas e por vezes é visto como um espaço natural ou onde a vida humana se desenvolve. Ao longo da história do pensamento geográfico o espaço representou algo absoluto, fixo e imutável e em outros momentos sua representação se deu como o resultado das ações e processos da história e cotidiano das sociedades. Todavia, quando se tem uma visão integrada da Geografia através dos elementos que constituem o espaço; o homem, a natureza e as técnicas no decorrer da história; é possível entender que a configuração do território se dá através da apropriação desse espaço geográfico. Logo, o espaço é o local onde se realizam e se concretizam as atividades humanas, confirmando a importância da cultura na formação da identidade de uma comunidade que pode ser entendida através da categoria paisagem.

A compreensão do espaço possibilita desvendar as facetas culturais de uma sociedade, e nas discussões acadêmicas, o rural tende a ser visto como um modo particular de utilização do espaço e da vida social. Mesmo que no passado o rural tenha chegado até mesmo ter seu fim anunciado, atualmente, após a modernização de seu sistema produtivo, o rural passou a chamar atenção de órgãos governamentais e de estudiosos devido a sua configuração mais diversificada. Wanderley (2001) posiciona-se em uma leitura do rural como espaço singular e ator coletivo. E em favor do reconhecimento do rural na contemporaneidade, a autora identifica a ruralidade como uma construção histórica, o rural como um espaço diversificado, o desenvolvimento rural como um novo compromisso institucional. A emergência de uma nova ruralidade na contemporaneidade permite-nos identificar várias ressignificações do rural, novos atores e novas disputas discursivas.

Com a redefinição do espaço rural, o conceito de ruralidade envolve a concepção de que o campo se explica não apenas pelas atividades agrícolas ali existentes, mas na sua relação com as cidades. Isso implica em relações sociais, econômicas, políticas, culturais e ambientais. Essas relações vêm mudando na atualidade e provocando uma redefinição na importância dos atores e dos atores desse espaço. A interpretação do espaço a partir da leitura da paisagem torna-se um importante instrumento de análise para compreender o modo de vida das pessoas, as formas de trabalho, cultura e tradições sob o olhar das ruralidades que se materializa no local e dá uma configuração diferenciada ao espaço.

A relação rural-urbano tem sido objeto de debate e estudo ao longo das décadas pelas ciências humanas e sociais, inclusive pela Geografia, que tem desempenhado um importante papel nessas discussões. As ruralidades se expressam de diferentes maneiras como representação social, que orienta práticas sociais distintas em universos culturais diferentes, em um processo de integração plural com a economia urbana. Esses fatores representam a identidade social de uma comunidade que reproduz o seu modo de vida rural na cidade, indicando as ruralidades no espaço urbano. O conceito de ruralidade é discutido por Lindner (2011) como:

[...] não só aquelas que estão diretamente relacionadas com as atividades agrícolas, mas, também com as características culturais ligadas aos modos de vida das pessoas que habitam o rural, aos modos de vida tradicionais do campo, que influenciam atitudes e comportamentos e que não necessariamente são encontrados apenas nas áreas rurais. (LINDNER, 2011, p. 02)

Nesse contexto, a ideia acima apresentada, a presença das ruralidades nas cidades mostra que o rural não foi sobreposto pelo modo de vida urbano-industrial e que nem toda população residente nas cidades tem o urbano como padrão de vida, logo, não há a eliminação dos valores e da cultura rurais em meio à sociedade contemporânea dita urbana, o que nos leva a considerar sobre a permanência das ruralidades como um contínuo ou uma inter-relação entre estes espaços.

A mudança no sistema produtivo e a diversificação das atividades fez com que o rural deixasse de ser apenas um espaço agrícola que abriga somente os agricultores, porém, mesmo com a expansão das características urbanas no espaço rural, ainda é possível dizer que este conserva características peculiares de vida e dos costumes rurais. Essas especificidades podem ser percebidas em pequenos municípios, pois nesses locais existe uma grande carga cultural e um apego às tradições evidenciadas nas relações sociais, na religiosidade, festividades e economia. A reprodução do modo de vida do campo na cidade denota a interdependência do rural e o urbano que se complementam, rompendo assim com a concepção essencialista de um ser rural que se opõe ao ser urbano.

É nessas questões que se envolve todo o contexto da configuração sócio-espacial que esta pesquisa tem como objetivo geral compreender como o modo de vida sob a perspectiva da ruralidade reflete na organização sócio-espacial do município de Porteirinha/MG a partir do entendimento dos feirantes no mercado.

E os objetivos específicos definidos e que representaram o caminho para se chegar nas respostas dos problemas identificados foram:

- Fazer uma breve apresentação dos conceitos chaves para a pesquisa: organização sócio espacial, ruralidades, rural, urbano, paisagem;
- Discutir as inter-relações entre o rural e o urbano como lugar onde se desenrolam as atividades socioeconômicas;
- Identificar as ruralidades no município de Porteirinha/MG desvendadas pela paisagem do mercado municipal;
- Caracterizar a ruralidade como um processo dinâmico de constante reestruturação dos elementos da cultura local com base na incorporação de novos valores, hábitos e técnicas.

A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica para embasamento teórico; a pesquisa secundária foi realizada em *sites* institucionais e de dados estatísticos. A revisão de literatura serve tanto para conhecer os estudos já realizados na temática abordada quanto para tecer relações com os resultados encontrados ao longo da pesquisa. A pesquisa que se apresenta configura-se como uma pesquisa descritiva, na qual foram utilizados métodos mistos de análise e coleta de dados. Portanto, a partir das informações obtidas durante a pesquisa, elaborou-se um estudo descritivo visando entender o papel das ruralidades na manutenção do modo de vida dos feirantes no mercado e a organização do espaço do município de Porteirinha/MG, de forma que se possa entendê-lo e a partir de então planejar qual seria a melhor forma de buscar seu desenvolvimento.

Ao se desenvolver uma pesquisa é muito comum que se utilizem tanto métodos qualitativos quanto métodos quantitativos para a obtenção das informações. No caso deste estudo, a combinação desses dois métodos foi de fundamental importância para o entendimento do problema abordado. Tanto a obtenção dos dados quantitativos quanto a obtenção dos dados qualitativos tiveram objetivos específicos na coleta de dados. O trabalho de campo constituiu-se em anotações e fotografias com coleta de dados e com visitas *in loco* em áreas do Município, onde realizaram-se entrevistas semiestruturadas através de questionários aos feirantes do mercado, além de visitas realizadas à Prefeitura Municipal, Câmara de Vereadores, Secretaria Municipal de Cultura, Secretaria Municipal de Agricultura, EMATER-MG (escritório de Porteirinha), Sindicato dos Trabalhadores Rurais, onde realizou-se uma pesquisa documental na qual buscaram-se dados sobre o histórico de organização do espaço do município em estudo. Foram realizadas diversas visitas ao município de Porteirinha/MG nos meses de outubro, novembro e dezembro de 2017, janeiro, fevereiro, março e agosto de 2018, objetivando coletar informações através de entrevistas, observações,

conversas informais com membros da comunidade, feirantes do mercado e representantes dos poderes públicos, além de pesquisas documentais. Destacamos que o entendimento de percepção ou observação nesta pesquisa está atrelado ao meu olhar e entendimento do objeto de estudo enquanto pesquisadora que buscou entender como o modo de vida dos feirantes no mercado municipal de Porteirinha/MG reflete na organização sócio-espacial do município sob a perspectiva das ruralidades. Portanto, analisar a organização do espaço rural a partir dos feirantes que frequentam o mercado e a feira no município de Porteirinha/MG identificados pelas ruralidades e discutir as inter-relações entre o rural e o urbano como lugar onde se desenrolam as atividades socioeconômicas; é afirmar a ruralidade como um processo dinâmico de constante reestruturação dos elementos da cultura local com base na incorporação de novos valores, hábitos e técnicas.

Neste contexto, o capítulo 1 “Reflexões sobre a discussão da organização sócio-espacial do rural do município de Porteirinha/MG”, parte da necessidade de esclarecer como essa reflexão foi construída, com o intuito de pensar na definição dos conceitos de organização sócio-espacial, ruralidades, rural, urbano e paisagem, mostrando de que forma a literatura e os autores consultados foram trabalhados durante a pesquisa. A utilização dos métodos qualitativos e quantitativos nessa pesquisa descritiva também são explicados, no intuito de dar base para o entendimento do município em estudo e a demonstração do simbólico através das observações e das percepções dos habitantes locais e de visitantes.

No capítulo 2 “A organização sócio-espacial sob a perspectiva das ruralidades: A dinâmica espacial e social do município de Porteirinha/MG” busca fazer um breve resgate sobre o entendimento da configuração social e espacial do município em questão. O município de Porteirinha/MG constitui-se de uma população com características de uma economia notadamente agrária, um contexto cultural tradicional muito forte, um complexo mosaico socioambiental, representativo das muitas contradições da experiência mineira e, por que não dizer, brasileira, de políticas para o desenvolvimento rural; motivos que representaram o local ideal para a realização de uma pesquisa dessa natureza. Compreender a ruralidade como um processo dinâmico de constante reestruturação dos elementos da cultura local com base na incorporação de novos valores, hábitos e técnicas no município de Porteirinha, no Estado de Minas Gerais, configura-se num desafio de apreender as abordagens de questões que se referem aos processos sociais em curso no espaço rural.

As diferenciações que não cessam de se manifestar no espaço rural, abrem as discussões do capítulo 3 “O olhar dos feirantes do mercado de Porteirinha/MG sobre as

ruralidades”]; e considera que o rural possui formas de vida diferenciadas. Ao observarmos o espaço como um conjunto de inter-relações, existe a possibilidade de identificar elementos que o produzem. Pensar a paisagem pelo viés cultural, através da análise das simbologias, formas de trabalho e modos de vida presentes no mercado municipal, é um importante instrumento para verificar a presença de ruralidades.

As considerações finais desta dissertação apresentam os resultados da pesquisa, e buscam demonstrar como a organização sócio-espacial do município de Porteirinha-MG encontra-se assentada nas tradições locais, características culturais ligadas à sua colonização, economia e aos valores de seus habitantes.

Assim, a pesquisa procura demonstrar que o espaço geográfico é um espaço mutável e diferenciado cuja aparência visível é a paisagem, pois a mesma é tida como o meio pelo o qual o homem concebe o espaço geográfico e se relaciona com ele. O espaço é onde se realizam e se concretizam as atividades humanas, o que confirma a importância da cultura na formação da identidade de uma comunidade, que pode ser entendida através da categoria paisagem e que é constituída pelos aspectos socioeconômicos e culturais. A análise do espaço possibilita desvendar as facetas culturais de uma sociedade, e nos debates, o rural tende a ser visto como um modo particular de utilização do espaço e da vida social.

1. REFLEXÕES SOBRE A DISCUSSÃO DA ORGANIZAÇÃO SÓCIO-ESPACIAL

A abordagem realizada neste capítulo visa contextualizar os conceitos geográficos utilizados nesta pesquisa, com o objetivo de buscar subsídios teóricos para o entendimento da organização sócio-espacial. A partir do espaço podemos estudar as inter-relações da problemática ambiental, política, econômica e as questões culturais. Suertegaray (2001) coloca que os conceitos operacionais de paisagem, território, lugar e ambiente são trabalhados pelos geógrafos a partir da definição do conceito de espaço geográfico, que representam várias possibilidades de leitura deste espaço e que levam também a diferentes enfoques, como o econômico e cultural apontados na paisagem, a política e as relações de poder no território, o subjetivismo existente no lugar e a natureza no ambiente.

A formação e organização espacial se dão pelas relações entre objetos e pessoas e a diferença existente entre “socioespacial” e “sócio-espacial” é teoricamente elaborada por Souza (2007). Segundo o autor (2009, p. 24- 25)

[...]existe a possibilidade de dupla grafia – o que constitui, aliás, algo conceitualmente conveniente e relevante. “Socioespacial”, sem hífen, se refere somente ao espaço social (por exemplo, tomando-o do ponto de vista do resultado de sua produção em determinado momento histórico, real ou potencial, como em um plano de remodelação urbanística); de sua parte, “sócio-espacial”, com hífen, diz respeito às relações sociais e ao espaço, simultaneamente (abrangendo, diretamente, a dinâmica da produção do próprio espaço, no contexto da sociedade concreta como totalidade). (SOUZA, 2009, p. 24- 25)

Logo, trata-se de um produto das relações sociais e essa diferença é uma crítica à ideia reinante na Geografia que privilegia mais a ideia de “produção do espaço” do que a “organização do espaço”. Quando se têm uma visão integrada da Geografia através dos elementos que constituem o espaço: o homem, a natureza e as técnicas no decorrer da história; é possível entender que a configuração do território se dá através da apropriação desse espaço geográfico, que é organizado de acordo com as necessidades e possibilidades de uma determinada sociedade. A organização espacial está diretamente ligada aos modos de vida dos que habitam o espaço. Nesta pesquisa, adotaremos a visão do autor que utiliza a grafia da palavra “sócio-espacial”, com hífen, entendendo que a dinâmica dos habitantes, suas vivências, sua cultura e suas formas de pensar o seu lugar, possibilitam pensar como um espaço se organiza. E as ruralidades podem designar formas de produção e organização do espaço.

A compreensão do espaço possibilita revelar as facetas culturais de uma sociedade de acordo a Geografia Crítica, que surge na década de 1970 e compreende o espaço como um produto histórico e social. Já para a Geografia Humanista, o foco da análise espacial é o particular, o que torna a percepção o principal utensílio da Geografia Cultural concebendo o espaço vivido. No entendimento de Santos (2006), “o espaço é constituído por uma realidade objetiva, um produto social em permanente processo de transformação” e é definido pelo autor como um “conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações” (SANTOS, 2006). Podemos considerar que o espaço é percebido como uma construção humana, formado a partir dos aspectos materiais e temporais na paisagem, ele é constituído socialmente.

Segundo Moreira (2007) “O espaço é o objeto da Geografia. O conhecimento da natureza e das leis do movimento da formação econômico-social por intermédio do espaço é o seu objetivo” (MOREIRA, 2007, p.63). A Geografia é uma ciência social na qual o espaço geográfico é um espaço produzido. A formação espacial deriva de um duplo conjunto de interações que existem de forma necessariamente simultânea e articulada; o conjunto das interações homem-meio e das interações homem-homem; ou “primeira natureza” e “segunda natureza”. Essa análise da formação espacial confunde-se com a análise do processo do trabalho dentro do processo de produção. O autor propõe “tomar a geografia como a ciência de análise das formas espaciais que transformam as relações homem-meio e homem-homem numa dada formação econômico-social” (MOREIRA, 2007 p.66).

É através da dialética do espaço-tempo que se pode acompanhar os processos e os estágios de desenvolvimento das formações espaciais. Um fenômeno social qualquer é, ao mesmo tempo, econômico, jurídico-político e cultural-ideológico. A formação ou organização sócio-espacial é um conceito de totalidade que pode ajudar os geógrafos em sua tarefa de analisar as formas de organização das sociedades nos diferentes tempos da história.

Para Santos (2002), o espaço é resultado da inseparabilidade entre sistemas de objetos e sistemas de ações. O espaço é uma construção horizontal, uma situação única, é um sistema de valores, que se transforma permanentemente, é uno e múltiplo, é a sociedade; o que o difere do conceito de paisagem. A paisagem seria então testemunha da sucessão dos meios de trabalho, um resultado histórico acumulado. E na concepção de Spósito (2004), o conceito espaço-tempo está na base de toda história do conhecimento geográfico, onde o espaço é interpretado como uma construção humana e um espaço relativo formado a partir da materialidade e temporalidade da paisagem, constituindo-se em um espaço social.

O estudo e a correta compreensão do espaço permitem-nos conhecer as diferentes formas de relações existentes entre o homem e o meio ambiente. E essas relações configuram o espaço territorial, definem o homem como ser social sendo produto e produtor das tensões ambientais. Ao observarmos o espaço como um conjunto de inter-relações, existe a possibilidade de identificar elementos que o produzem.

Neste sentido, pensar a paisagem no município de Porteirinha, norte de Minas Gerais, pelo viés cultural, através da análise das simbologias, formas de trabalho e modos de vida, é um importante instrumento para verificar a presença de ruralidade como forma de organização e interpretação do espaço. Essa realidade discutiremos no tópico seguinte.

1.1. FORMA DE LEITURA DO ESPAÇO: A PAISAGEM NA VISÃO GEOGRÁFICA

Com a pretensão de buscar subsídios teóricos para o entendimento da organização sócio-espacial, elencamos uma breve discussão sobre o conceito de paisagem sob um viés cultural a fim de focar a “leitura” das paisagens de um espaço vivido, particular, carregado de simbologias e elementos que apontam as particularidades da organização do espaço de um determinado lugar. A percepção da paisagem traz importantes contribuições para o entendimento da organização, permanências e transformações ocorridas no espaço.

A tradição de estudo da ciência geográfica sempre esteve voltada para a descrição da diversidade da superfície terrestre. Daí o interesse pela relação entre espaço e cultura. No entanto, foi somente no final do século XIX que as relações sociedade, cultura e natureza tornaram-se objeto central de atenção de geógrafos europeus como Friedrich Ratzel (1844-1904), Paul Vidal de La Blache (1845-1918), Otto Schuter (1872-1952), entre outros. Conforme McDowell (1996)

A geografia cultural é atualmente uma das mais excitantes áreas de trabalho geográfico. Abrangendo desde as análises de objetos do cotidiano, representação da natureza na arte e em filmes até estudos do significado das paisagens e a construção social de identidades baseadas em lugares, ela cobre numerosas questões. Seu foco inclui a investigação da cultura material, costumes sociais e significados simbólicos, abordados a partir de uma série de perspectivas teóricas. (MCDOWELL, 1996, p.159)

A paisagem é um conceito que compõe a abordagem geográfica, e entendemos que seu significado tem variado ao longo do tempo e do espaço. É também um dos conceitos mais antigos da Geografia e foi um dos primeiros temas desenvolvidos pelos geógrafos alemães e

franceses na perspectiva cultural. Foi somente a partir do século XIX que seu conceito foi capaz de assumir uma unidade e identidade na ciência geográfica. Cada matriz epistemológica privilegia a paisagem geográfica em várias dimensões sejam elas, dimensões morfológica, funcional, histórica, espacial e simbólica. A paisagem para a Geografia é anterior ao espaço, sendo considerada o conceito-chave da Geografia tradicional. Nessa abordagem, era privilegiada a análise morfológica da paisagem, sendo a cultura apreendida através da análise das técnicas, dos utensílios e das transformações das paisagens, ou seja, dos artefatos materiais utilizados pelo homem de forma a modificar o ambiente natural com o intuito de torná-lo mais produtivo.

Desde a antiguidade a noção de paisagem já podia ser identificada sem uma reflexão sobre a sua concepção, na medida em que a partir da observação do meio, os primitivos habitantes da Terra, retratavam através da pintura rupestre o seu dia-a-dia. Com o passar do tempo, elas aparecem em formas de jardins artificiais e paisagismo. No entanto, suas premissas históricas podem ser verificadas a partir do século XV, quando, através do Renascimento cultural, a pintura revela um novo interesse pela natureza. A partir desse momento, a paisagem começa a ter um significado diferenciado. Ocupando lugar na Geografia através da herança do Renascimento, do período da Idade Média e nas abordagens científicas; a Geografia começa a descrever também a paisagem no momento em que ela própria começa a ser acreditada como ciência, tendo como exemplos os geógrafos alemães e franceses Alexander Von Humboldt e Friederich Ratzel, com suas respectivas obras, “Cosmos” e Antropogeografia”, que são referências clássicas em que o conceito de paisagem é inserido e foi utilizado como método de análise e entendimento da superfície terrestre. Neste mesmo contexto, no qual a Geografia constitui-se como ciência é preciso considerar ainda a contribuição de Paul Vidal de La Blache, contemporâneo de Ratzel, para o qual o conceito de paisagem assume uma conotação de região, visto que seus estudos privilegiavam a inter-relação entre os elementos naturais e humanos, conforme destaca Corrêa (2004).

A discussão sobre a dimensão cultural da paisagem, apontada por Corrêa (2003), é introduzida nos Estados Unidos no início do século XX e adquiriu expressividade a partir de 1925, ano em que Carl Ortwin Sauer (1889-1975) definiu a paisagem geográfica como resultado da ação da cultura, ao longo do tempo, sobre a paisagem natural. Carl Sauer fundou a escola norte-americana de Geografia Cultural, originando uma sólida tradição, que em parte, compartilhava com os geógrafos europeus inclusive a ênfase na dimensão material da cultura. Para Sauer, o principal objetivo dos estudos geográficos era analisar as paisagens culturais de modo que morfologia física deveria ser vista como um meio, transformado pelo agente que é

a cultura. Em sua obra clássica “A morfologia da paisagem”, Carl Sauer representa uma contestação à visão determinista da Geografia norte-americana e uma antecipação da Geografia Cultural que seria estabelecida por ele. A paisagem geográfica, vista como um conjunto de formas naturais e culturais associadas em uma dada área é analisada morfologicamente, vendo-se a integração das formas entre si e o caráter orgânico ou quase orgânico delas. O tempo é uma variável fundamental. A paisagem cultural ou geográfica resulta da ação, ao longo do tempo, da cultura sobre a paisagem natural. Nas palavras de Sauer (In CORRÊA, 2004): “A paisagem cultural é modelada a partir de uma paisagem natural por um grupo cultural. A cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural o resultado” (CORRÊA, 2004, p. 59). Mesmo com críticas feitas à obra de Sauer, não há como negar sua grande contribuição para o pensamento geográfico, na medida em que reafirmou a categoria paisagem.

No final dos anos 1970, houve um processo de recuperação da abordagem cultural na Geografia que passou a admitir que a cultura está intimamente ligada ao sistema de representações, de significados, de valores que criam uma identidade que se manifesta mediante construções compartilhadas socialmente e expressas espacialmente. Segundo Corrêa (1999) neste contexto

O ressurgimento da geografia cultural se faz num contexto pós-positivista e vem da consciência de que a cultura reflete e condiciona a diversidade da organização espacial e sua dinâmica. A dimensão cultural torna-se necessária para a compreensão do mundo. (CORRÊA,1999, p.51)

De acordo com o exposto, o homem foi recolocado no centro das preocupações dos geógrafos culturais, como produtor e produto de seu próprio mundo, ou seja, na revalorização de características fundamentais do humanismo. Nesse aspecto, a hermenêutica foi reconhecida como método eficaz de interpretação, à medida que permite levar em conta os contextos próprios e específicos de cada fenômeno. Para o desenvolvimento desse método, segundo Zanatta (2007), o geógrafo deve assumir a posição de observador capaz de interpretar o jogo complexo das analogias, valores, representações e identidades que caracterizam a atividade humana exercida espacialmente. Por meio da compreensão, é possível alcançar uma significação, revelar a essência dos fatos que representam experiências vividas. Na Geografia Humanista, os geógrafos encontram subsídios necessários à reflexão sobre a própria existência e, por conseguinte, sobre os fenômenos do mundo vivido, pois essa

abordagem refere-se às contribuições da filosofia dos significados, que valoriza a experiência, a intersubjetividade, os sentimentos, a intuição e a compreensão.

Considerando que o espaço geográfico é um espaço mutável e diferenciado, cuja aparência visível é a paisagem, esta constitui-se em reflexo do espaço e em função das modalidades da intervenção humana é classificada de acordo Dolffus (1972), em paisagem natural, modificada e organizada. Neste contexto, podemos afirmar que o espaço é onde se realizam e se concretizam as atividades humanas, confirmando a importância da cultura na formação da identidade de uma comunidade que pode ser entendida através da categoria operacional paisagem que é constituída pelos aspectos socioeconômicos e culturais.

A análise do espaço possibilita desvendar as facetas culturais de uma sociedade, e, nos debates, o rural tende a ser visto como um modo particular de utilização do espaço e da vida social. Pensar a paisagem pelo viés cultural, através da análise das simbologias, formas de trabalho e modos de vida, é um importante instrumento para verificar a presença de ruralidades no município de Porteirinha/MG, pois trata-se de um lugar marcado pela forte influência das atividades agropecuárias, fruto de seu processo de formação e ocupação.

Compreender a ruralidade como um processo dinâmico de constante reestruturação dos elementos da cultura local, com base na incorporação de novos valores, hábitos e técnicas no município de Porteirinha, configura-se num desafio de apreender as abordagens de questões que se referem aos processos sociais em curso no espaço rural. Devido ao intenso processo de urbanização e crescimento urbano acelerado no mundo atual, os limites entre cidade e campo tornam-se mais intrincados, suscitando diversos questionamentos. E é sobre essas questões que discorreremos no eixo seguinte.

1.2. RURAL, URBANO E O ENTENDIMENTO DO CONCEITO DE RURALIDADES

O debate sobre o que caracteriza o rural e o urbano e suas dimensões sociais são produzidos no decorrer da história. As complexas relações sociais contemporâneas apresentam, ao mesmo tempo, fluxos culturais e materiais da ruralidade e da urbanidade, e rompem assim com a concepção essencialista de um ser rural que se opõe ao ser urbano. Percebe-se que essa dualidade ao invés de desaparecer, intensifica-se e que a ruralidade não é mais possível de ser definida com base na oposição à urbanidade. O rural e o urbano complementam-se, tornando-se interdependentes. Abramovay (2000) enfatiza que “[...] o rural não é definido por oposição e sim na sua relação com as cidades. [...]” (ABRAMOVAY,

2000, p.2). A importância dessas relações entre urbano e rural é essencial, mas ambos devem ser analisados em suas particularidades, dinâmicas e papéis que desempenham, assim como em suas complementaridades.

A definição de rural e/ou de urbano deve ser pensada a partir da dimensão geográfica da categoria: espaço. De forma genérica, o rural geralmente é associado a uma expressiva valorização da comunidade, valores de vida da família e do papel importante da religião. A vida urbana agrupa mais características de pessoas a partir de sua profissão, que vai além dos aspectos de família ou de orientação religiosa. Todavia, o entendimento do rural e do urbano não deve ser limitado a definições prontas ou restritas e sim apoiar-se em um conjunto de elementos que permita a leitura do espaço em um determinado tempo, devido a constantes transformações da realidade. Ou seja, discutir o urbano ou o rural deve sempre ser pautado no contexto espacial e histórico. Para Lefebvre (1978), quando utilizamos as concepções de urbano e rural, devemos considerar que é o conteúdo socioespacial que diferencia esses espaços e não somente a análise do ponto de vista funcional, é sempre o conjunto de informações que irá permitir uma análise mais consistente e ampla desses ambientes.

A relação rural-urbano tem sido objeto de debate e estudo ao longo de décadas pelas ciências humanas e sociais, inclusive pela Geografia que tem desempenhado um importante papel nessas discussões. As ruralidades se expressam de diferentes maneiras como representação social que orienta práticas sociais distintas em universos culturais diferentes, em um processo de integração plural com a economia urbana. Esses fatores representam a identidade social de uma comunidade que reproduz o seu modo de vida rural na cidade, indicando as ruralidades no espaço urbano, como afirma Abramovay (2000):

Não existe uma definição universalmente consagrada de meio rural e seria vã a tentativa de localizar a melhor entre as atualmente existentes. Mas há um traço comum nos trabalhos europeus, norte-americanos e nas tentativas mais recentes da Divisão de Desenvolvimento Rural da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura [ver FAO/SDA (1998)] para a América Latina: o rural não é definido por oposição e sim na sua relação com as cidades. (ABRAMOVAY, 2000, p.8)

Nessa perspectiva, as características mais gerais do meio rural, definidas pelo autor, são a relação com a natureza, regiões não densamente povoadas e inserção em dinâmicas urbanas. Contudo, as definições de rural e urbano têm sido constantemente discutidas pelas Ciências Sociais devido às transformações sociais da contemporaneidade. A concepção clássica da diferenciação entre o espaço rural e o espaço urbano pode ser evidenciada em

Sorokin, Zimmerman e Galpin (1981). Esses autores buscam uma definição sociológica desses espaços composta pela combinação de vários traços típicos, e não levam em conta apenas uma característica. As diferenças fundamentais apontadas por esses autores são as diferenças: ocupacionais, ambientais, tamanho das comunidades, densidade populacional, homogeneidade e heterogeneidade das populações, estratificação e complexidade social, mobilidade social, direção na migração e sistema de integração social.

Cada país tem sua forma de diferenciação definida e no Brasil não existe uma metodologia oficial de definição de áreas urbanas e rurais, de modo que fica a cargo de cada prefeitura definir seus limites dentro do território municipal. De acordo o texto para discussão, publicado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), vinculado ao Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, que tem por objetivo apontar os limites das definições mais usuais de rural e identificar a importância da ruralidade para as sociedades contemporâneas, para estudar as novas medidas de ruralidade (em que as relações com núcleos urbanos desempenham papel central) nos Estados Unidos, na França e em outros países da OCDE; na conclusão do trabalho é postulada a necessidade de se testar novos métodos de definição do rural. Logo, segundo o autor do referido texto, Abramovay (2000, p.8) pondera que:

Há um vício de raciocínio na maneira como se definem as áreas rurais no Brasil, que contribui decisivamente para que sejam assimiladas automaticamente a atraso, carência de serviços e falta de cidadania. A definição do IBGE, para usar a expressão de Elena Saraceno (1996/99), é de *natureza residual*: as áreas rurais são aquelas que se encontram fora dos limites das cidades, cujo estabelecimento é prerrogativa das prefeituras municipais. (ABRAMOVAY, 2000, p.8)

Oposto a essas diferenças apresentadas, existem estudos que defendem um *continuum* entre o rural e o urbano. Segundo Wanderley, (2001), “o *continuum* se desenha entre um pólo urbano e um pólo rural, distintos entre si e em intenso processo de mudança em suas relações” (WANDERLEY, 2001, p.33). Para a autora não existiria apenas o rural e o urbano sem algo que intermediasse essa relação, existiriam vários elementos que dariam a continuidade entre esses dois espaços. Contudo, mesmo tornando-se cada vez mais próximos devidos às constantes transformações no modo de vida, o rural e o urbano não perdem suas peculiaridades e mantém algumas diferenciações. Essas diferenciações estão ligadas a características culturais e cotidianas dos habitantes desses espaços, pois Wanderley (2000) afirma que “o meio rural continua sendo identificado a uma pequena aglomeração, com uma

sociabilidade correspondente e onde predominam as paisagens naturais” (WANDERLEY, 2000, p. 106).

O meio rural tornou-se diversificado e comporta hoje distintas formas de existência, o que o leva a ser objeto de discussões, pois a produção das informações de como se configura localmente o espaço rural/urbano é relevante para qualquer prática ou ação política municipal e é ela que irá refletir sobre a realidade local. Maia (1999) identifica a presença do rural – enquanto modo de vida – na paisagem urbana. Segundo a autora, há “resíduos” do rural dentro da cidade devido à existência de currais, estábulos, granjas, chácaras, que demonstram a permanência de atividades rurais não apenas como fonte de renda para alguns, mas também como manutenção de hábitos peculiares de alguns moradores. De acordo com essa concepção, é possível afirmar que nem toda população residente nas cidades tem o urbano como padrão de vida e que não há a eliminação dos valores e da cultura rurais em meio à sociedade contemporânea dita urbana. Fato é que dentro de áreas urbanas existem locais em que a paisagem nos revela a presença da ruralidade. Segundo Ferreira (2002):

Temos no Brasil uma ruralidade em reconstrução sob um processo complexo, não unidirecional, e que se revitaliza na sua complementariedade intrínseca com o urbano e que ainda carece de análises, estudos locais e regionais acerca de suas singularidades. (FERREIRA, 2002, p.41)

Para Abramovay (2000) ao se repensar o meio rural deve-se considerar que:

(...) c) O meio rural só pode ser compreendido em suas relações com as cidades, com as regiões metropolitanas e também com os pequenos centros em torno dos quais se organiza a vida local. É crucial o papel destes pequenos centros na dinamização das regiões rurais.

(...)

e) Embora existam traços comuns da ruralidade, é claro que o meio rural caracteriza-se por sua imensa diversidade. Estabelecer tipologias capazes de captar esta diversidade é uma das mais importantes missões das pesquisas contemporâneas voltadas para a dimensão espacial do desenvolvimento. (ABRAMOVAY, 2000, p. 33)

Na perspectiva de análise desta pesquisa e de acordo a autora Lindner (2011), entende-se que as ruralidades não estariam relacionadas diretamente a atividades agrícolas, mas sim a características culturais ligadas aos modos de vida das pessoas que habitam o rural, aos modos de vida tradicionais do campo, que influenciam atitudes e comportamentos e que não necessariamente são encontrados apenas em áreas rurais. E ainda concordamos com Carneiro (1998) que afirma que atualmente não se pode entender a ruralidade somente a partir da

penetração urbano industrial no rural tradicional, ela também deve ser entendida levando em conta o consumo da sociedade urbano-industrial de bens simbólicos e materiais e de práticas culturais reconhecidas como do mundo rural.

O que permitirá falar em ruralidades no presente trabalho são as manifestações culturais, ligadas aos modos de vida, tradições, ocupações, ou seja, elementos característicos desse espaço que ocorrem não necessariamente apenas nele. Assim, Biazzo (2007), afirma que:

[...] em ambos espaços se manifestam identidades sociais que configuram ruralidades e urbanidades. Em paisagens do campo e das cidades (formas conjuntos de objetos) existem urbanidades e ruralidade (conteúdos –heranças, origens, hábitos, relações, conjunto de ações) que se combinam, gerando novas territorialidades, admitindo-se que cada local ou região pode abrigar diferentes territorialidades superpostas, relativas a diferentes atores sociais. (BIAZZO, 2007, p. 19)

As ruralidades são encontradas não só em áreas rurais como também no urbano de alguns municípios, e se manifestam através de uma variada gama de objetos e ações que configuram toda a dinâmica espacial e social desses lugares. Fato este que pode ser observado, por exemplo, na figura 01 na qual observamos o modal de transporte rural muito comumente utilizado no município de Porteirinha, que caracteriza a ruralidade.

Figura 01: Presença de ruralidades na cidade de Porteirinha-MG.



Fonte: Autora- MENDES, F.F, 2017.

A tradicional feira que acontece aos finais de semana, sexta-feira e sábado, no mercado municipal, representadas nas figuras 02 e 03, revelam as relações sociais e espaciais

existentes entre o rural e o urbano, onde os pequenos agricultores comercializam seus produtos que vão desde feijão, doces, galinhas, melancia, remédios naturais, umbu e um gostoso caldo de cana.

Figura 02: Tradicional feira no Mercado Municipal de Porteirinha-MG.



Fonte: Autora- MENDES, F.F, 2017.

Figura 03: Mercado Municipal de Porteirinha-MG.



Autor: Prefeitura Municipal de Porteirinha-MG ,2016.

A abordagem do rural e do urbano deve levar em consideração a noção de um *continuum*, uma vez que a riqueza de informações surge quando percebemos a relação prática que se estabelece entre esses espaços. Um exemplo disso pode ser observado em

Porteirinha/MG onde a presença das ruralidades foram constituídas a partir dos resquícios deixados pelo seu processo de formação, ocupação e organização sócio-espacial. A presença marcante do rural no município pode ser percebida, antes de qualquer coisa, através da importância da população rural no conjunto da população municipal, conforme a tabela nos informa abaixo.

Tabela 01: Dados Demográficos (Municípios pertencentes ao Território da Cidadania Serra Geral - MG)

Município	Área (em Km ²)	2000			2010		
		População Total (hab.)	População Urbana (hab.)	População Rural (hab.)	População Total (hab.)	População Urbana (hab.)	População Rural (hab.)
Catuti	287.81	5,338	2,900	2,438	5,102	2,978	2,124
Espinosa	1,868.97	30,979	16,810	14,169	31,113	18,023	13,090
Gameleiras	1,733.20	5,272	855	4,417	5,139	1,413	3,726
Jaíba	2,626.33	27,295	13,146	14,149	33,587	17,635	15,952
Janaúba	2,181.32	61,573	53,808	7,765	66,803	60,570	6,233
Mamonas	291.43	6,130	1,784	4,346	6,321	2,812	3,509
Manga	1,950.18	21,926	13,956	7,970	19,813	13,848	5,965
Matias Cardoso	1,949.74	8,587	3,739	4,848	9,979	5,136	4,843
Mato Verde	472.25	13,158	9,324	3,834	12,684	9,459	3,225
Monte Azul	994.23	23,826	11,468	12,358	21,994	12,418	9,576
Nova Porteirinha	120.94	7,378	4,174	3,204	7,398	4,069	3,329
Pai Pedro	839.81	5,831	1,594	4,237	5,934	1,749	4,185
Porteirinha	1,749.68	37,828	18,105	19,723	37,627	19,338	18,289
Riacho dos Machados	1,315.54	9,313	3,083	6,230	9,360	4,499	4,861
Serranópolis de Minas	551.95	3,979	1,568	2,411	4,425	1,728	2,697
Verdelândia	1,570.58	7,181	3,692	3,489	8,346	4,762	3,584
Total	20,503.96	275,594	160,006	115,588	285,625	180,437	105,188

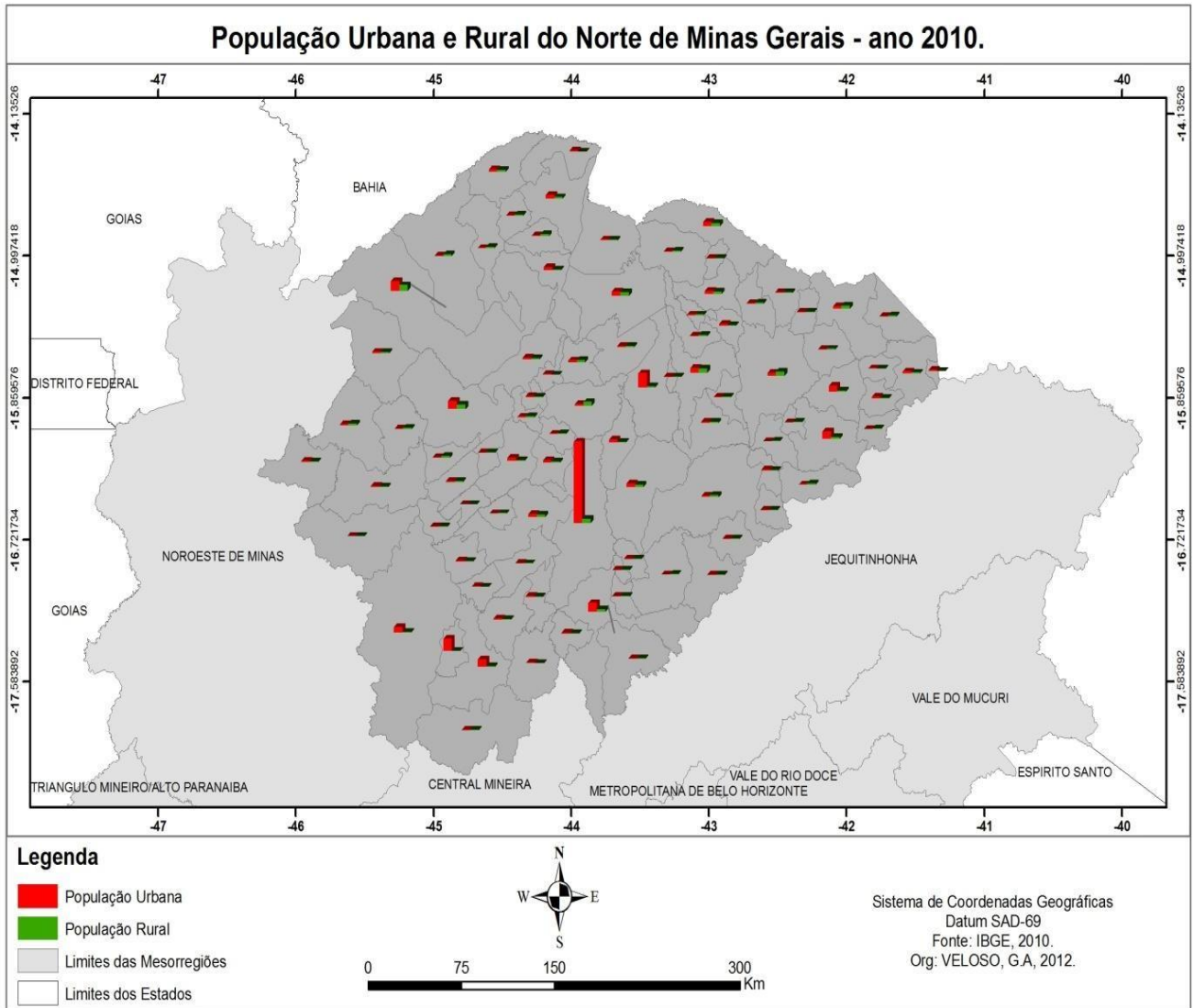
Fonte: IBGE, Censo Demográfico (2000); IBGE, Censo Demográfico (2010).

Na tabela 01 apresentada acima, comparado aos demais municípios pertencentes ao território da cidadania Serra Geral, Porteirinha apresenta a maior população rural, em termos absolutos, de acordo o censo demográfico de 2010, já o censo do ano 2000 demonstra a população rural como majoritária no município; destacando a presença das ruralidades em Porteirinha /MG.

Com quase 38 mil habitantes, Porteirinha tem suas raízes fincadas na agricultura, e sua população rural equipara-se à urbana como é revelado no mapa 01, apresentado na Tese de Doutorado de Fonseca (2012), que compara a população urbana e rural na mesorregião do norte de Minas Gerais no ano de 2010, confirmando a manutenção da população

porteirinhense na área rural. Todos os anos veem-se seus trabalhadores partirem em busca de recursos nas lavouras de café e cana-de-açúcar e alguns até fecham suas casas por meses e levam a família inteira para a região sul de Minas Gerais, interior de São Paulo ou Goiás. Confirmando esta discussão, o Extensionista Agropecuário II, Senhor Charles Silva Athayde, em entrevista realizada no Escritório Local da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais -EMATER-MG- em Porteirinha; afirmou que de acordo dados estatísticos o município encontra-se situado na mesorregião norte do Estado de Minas Gerais, ocupa uma área de 1.749 km² e apresenta, segundo o censo do IBGE 2010, 18.289 habitantes que residem no meio rural, o que representa 48,6% de sua população total, que se destaca também no mapa 01.

Mapa 01: População Urbana e Rural do Norte de Minas Gerais no ano de 2010.



Autor: Fonseca, A.I.A., 2012.

Nas palavras do extensionista técnico da empresa, a atividade agropecuária destaca-se no município pela sua importância social, econômica e ambiental e contribui de forma expressiva para a criação de oportunidades de trabalho e renda. A Emater-MG está presente em Porteirinha desde 1977 e tem participado ativamente com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, agricultores e outras instituições, do processo de construção de estratégias e implementação de ações para o desenvolvimento sustentável no município. A empresa visa formular políticas públicas coerentes com a realidade municipal e convergentes com o desafio de promover o desenvolvimento sustentável, de modo especial, a dinamização do setor rural.

Arelada a esta empresa técnica, encontra-se a atuação marcante do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Porteirinha (STR), que fundado em junho de 1973, é uma entidade da classe trabalhadora rural que tem como principal objetivo defender os interesses das famílias agricultoras e contribuir para a qualidade de vida no campo, o que nos permite confirmar a variedade de características rurais presentes no município. Em 1991, o STR iniciou sua caminhada com atuação em projetos de incentivo às práticas de convivência com o semiárido e já em 1994, foi o primeiro sindicato do Norte de Minas a contratar assistência técnica para as famílias agricultoras, conforme relato concedido em entrevista com o ex-coordenador Geral do STR, Elton Mendes Barbosa, atual vice-prefeito de Porteirinha. Desde então, “foram muitos os trabalhos realizados pela valorização da agricultura familiar, da sabedoria e da cultura popular do homem e da mulher do campo. Com isso, foi se incorporando nas lutas do Sindicato seus valores e sua cultura”, afirmou o senhor Elton Mendes Barbosa. Atualmente, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Porteirinha é uma entidade reconhecida e valorizada em toda região. Possui assento em importantes Conselhos municipais e regionais que ajudam a elaborar e a decidir sobre políticas públicas para as famílias agricultoras.

Outros aspectos rurais presentes no município pesquisado se dão pela ocorrência do modo de vida rural no ambiente dito urbano, conforme representado pela figura 04, como o plantio de hortaliças em área urbana, a utilização do cavalo e charrete como meio de transporte, a presença de currais, chiqueiros, galinheiros, conversa com os vizinhos na calçada, lazer das crianças na rua ou nas praças, as festividades religiosas tradicionais e a forte atuação do Sindicato dos trabalhadores rurais incentivando a prática da agricultura familiar, que proporciona o espaço de troca, sociabilidade e geração de renda na tradicional feira de final de semana no mercado municipal da cidade. Esses elementos serão descritos no terceiro capítulo deste trabalho.

Figura 04: Plantio de hortaliças na área urbana de Porteirinha-MG, próximo aos prédios do INSS e IFNMG.



Fonte: Autora- MENDES, F.F, 2017.

É possível afirmar que o espaço geográfico é um espaço mutável e diferenciado cuja aparência visível é a paisagem. A organização sócio-espacial é resultado de uma série de fatores e é onde se realizam e se concretizam as atividades humanas; o que confirma a importância da cultura na formação da identidade de uma comunidade que pode ser entendida e visualizada através da paisagem constituída pelos aspectos socioeconômicos e culturais. A categoria paisagem nesta pesquisa é tida como uma forma de leitura do espaço e, nos debates atuais, a ruralidade independe do espaço em que se manifesta, ela tende a ser percebida como um modo particular de vivência do espaço e da vida social.

Logo, podemos inferir que a inter-relação urbano/rural se complementa e interage de forma complexa e passam a coexistir em um mesmo espaço e a interferir na dinâmica e organização sócio-espacial. As ruralidades observadas em Porteirinha/MG reafirmam a ideia de que o rural e o urbano não podem ser pensados distintamente, mas como elementos que fazem a realidade de um influenciar na dinâmica do outro, mutuamente. A discussão do rural e do urbano está vinculada aos respectivos conceitos de campo e cidade os quais não podem ser entendidos separadamente. Cidade e campo são formas espaciais; e rural-urbano diz respeito a sua dimensão processual, como tem sido até aqui reafirmado. No mundo rural é possível constatar particularidades sociais, econômicas e culturais indissociáveis desse espaço. É nessa visão da reinvenção do modo de vida rural, que refletiremos sobre a multifuncionalidade do rural desvendadas pelo mercado municipal de Porteirinha/MG.

1.3. MULTIFUNCIONALIDADE DO RURAL DESVENDADAS PELO MERCADO MUNICIPAL

A feira e o mercado fazem parte da história das cidades do norte de Minas Gerais. A feira é um fenômeno antigo e sua importância vai além da questão econômica, ela também é o palco social e cultural de um povo. O mercado é o lugar das relações de proximidade, intimidade, a relação de amizade. A feira de Porteirinha-MG está presente no cotidiano de seus moradores, pois nesse aspecto integra a vida socioeconômica da cidade, visto que é um instrumento de efetivo desempenho na dinâmica de produtos e produtores, fregueses e feirantes, retratando o interior de uma sociedade em seu aspecto mercantil e em todos os alcances de sua subjetividade.

A feira é o lugar das manifestações sociais, um ambiente caracterizado pelas relações de reciprocidade, que ultrapassam seu papel puramente comercial, imprimindo-lhe significados. Nessa localidade pessoas de diferentes lugares se encontram e estabelecem vínculos. Sobre isso, Giovanna Araújo (2012) destaca em seus estudos:

(...) Inúmeras são as pessoas que se deslocam semanalmente para os núcleos urbanos, oriundos da zona rural ou mesmo de outros centros urbanos, transformando a feira numa efervescência social, caracterizada por uma multiplicidade de sujeitos, com variados eventos, modificando, ainda que por um período curto, a temporalidade da cidade e imprimindo um dinamismo diferente do rotineiro, do habitual. (ARAÚJO, 2012, p.52)

Nesse contexto, vemos a feira não apenas como local de trocas de mercadorias, mas um lugar de relações entre diferentes sujeitos que modificam a rotina desse espaço. Assim, a feira é o encontro da diversidade, das interações cotidianas, do acontecer frenético. A princípio, a feira em Porteirinha-MG era localizada no centro da cidade, a céu aberto, de forma livre, na então Praça São Joaquim, próxima ao Centro Cultural e Prefeitura, conforme ilustra a figura 05, mas foi posteriormente transferida para uma estrutura fechada, em formato de galpão, na Avenida Dalton Cunha, atual Mercado Municipal, onde permanece até hoje, retratada na figura 06, apresentada a seguir:

FIGURA 05 – Praça São Joaquim onde funcionava a antiga feira a céu aberto em Porteirinha/MG



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal – 2012

FIGURA 06 – Vista parcial do Mercado Municipal de Porteirinha localizado atualmente na Avenida Dalton Cunha



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal – 2012

Neste espaço, encontra-se uma amplitude de mercadorias, tais como verduras e legumes, frutas, carnes de origem aviária, roupas, sandálias, remédios caseiros, dentre outros. Mas a diversidade também se manifesta entre aqueles que frequentam a feira e dela fazem um lugar do vivido. A feira como lugar do vivido possibilita o encontro e partilha de experiências

entre diferentes sujeitos que a frequentam, para os quais a feira pode significar um conjunto de valores materiais e simbólico-expressivos, haja vista que a compra, venda e troca de mercadorias também podem fomentar sentimentos de confiança, reciprocidade e amizade. A feira pode constituir-se um lugar cheio de sons, movimentos e cheiros. Encontramos indivíduos heterogêneos, que dividem o espaço e estabelecem relações que vão além da questão técnica-comercial de venda e compra, pois nessa relação tornam-se amigos. A feira no mercado é também o lugar da informalidade, descontração, da familiaridade, ou seja, o lugar do vivido, pois através de uma experiência profunda e imediata do mundo ocupado, o lugar adquire um papel central através do qual se articulam as experiências e vivências no espaço. Para Silvestre (2008)

Em Minas Gerais, principalmente nos municípios de economia rural do semi-árido, as feiras livres fazem parte da paisagem e da dinâmica de produção e consumo, sendo um dos pontos de integração entre a cidade e o campo, mantendo assim uma dinâmica marcadamente intersetorial. (SILVESTRE, 2008, p.5).

O papel fundamental desse espaço é ser um lugar de conversas e de troca de experiências entre as pessoas, tanto do meio rural quanto do urbano; o que gera a interação perfeita entre cidade e campo.

Nessa perspectiva de pensar o significado desse espaço como social no qual se destaca a presença das ruralidades; buscamos também uma análise do entendimento das multifuncionalidades do rural desvendadas pelo Mercado Municipal de Porteirinha-MG, uma vez que Wanderley (2002) afirma que o mundo rural está socialmente integrado à sociedade e ao contexto das relações internacionais, deixando de ser um universo isolado, como antes era visto. É importante salientar que o rural “mantém peculiaridades históricas, sociais, culturais e ecológicas que o identificam como uma realidade própria, da qual fazem parte as próprias formas de inserção na sociedade” (WANDERLEY, 2002, p.40). Cada vez mais as transformações vivenciadas no meio agrário vêm estabelecendo “novas relações e significados sociais”.

A agricultura tradicional, embora ainda seja a principal atividade do meio rural, tem dividido sua atenção com novas funções que despontam na área rural. O espaço rural tem se diversificado, tornando-se heterogêneo e dinamizando a economia local, por meio de novos nichos de mercado. Além da expansão dessas novas atividades, há o crescimento de atividades não agrícolas, inclusive na área de serviços. Essa nova característica aponta para uma tendência à pluriatividade, prática que pode revelar uma estratégia de reprodução social

de famílias sem condições de se manter exclusivamente da atividade agrícola, como também pode indicar mudança no padrão de exploração agrícola. Assim, associadas às atividades do setor de serviços, a pluriatividade, combinada com a noção de multifuncionalidade, tende a incentivar a discussão sobre as características das novas ruralidades na sociedade.

O rural passa a ser entendido como suporte para as relações sociais e passa, ele mesmo, a ser construído socialmente como forma de diferenciação. Surge, então, nova dinâmica social, econômica e cultural locais, oriundas das relações rural / urbano, que são materializadas na produção de novos serviços e bens de consumo (econômicos e culturais), e que resultam no deslocamento humano e novos reconhecimentos. A feira no mercado que proporciona geração de renda, espaços de lazer e entretenimento reflete uma das representações evidentes dessa nova dinâmica e produção do espaço. Essas novas atividades robustecem o esforço da reprodução das famílias e as possibilidades de permanência no meio rural.

O rural precisa da integração com a cidade, seja para escoamento da produção, mercado consumidor, como para obter tecnologia, assistência técnica e desenvolvimento de pesquisas agropecuárias, resultando na configuração de uma rede de relações recíprocas. Portanto, o mundo rural não pode mais ser associado a espaços atrasados, pois ele possui um expressivo dinamismo. O significado do termo multifuncionalidade, no contexto do meio rural, trata de um fenômeno que implica na necessidade de se entender a agricultura familiar no novo contexto que lhe é proposto, por meio da interação cada vez mais presente entre valores e práticas sociais, culturais e econômicas diversificadas. A reprodução social passa a ser definida, também, pela satisfação econômica e pelas demandas culturais e sociais, onde o agricultor no mercado é visto como um ser social de múltiplas inserções e valores culturais.

É necessário mudar o olhar sobre o rural e buscar definir a ruralidade dentro do contexto da multifuncionalidade, pois, como constata Carneiro (2002), o campo não se submete a um processo de homogeneização, é preciso observar as diferentes formas de expressão da ruralidade, os contextos espaciais, culturais e sociais, que são peculiares e heterogêneos.

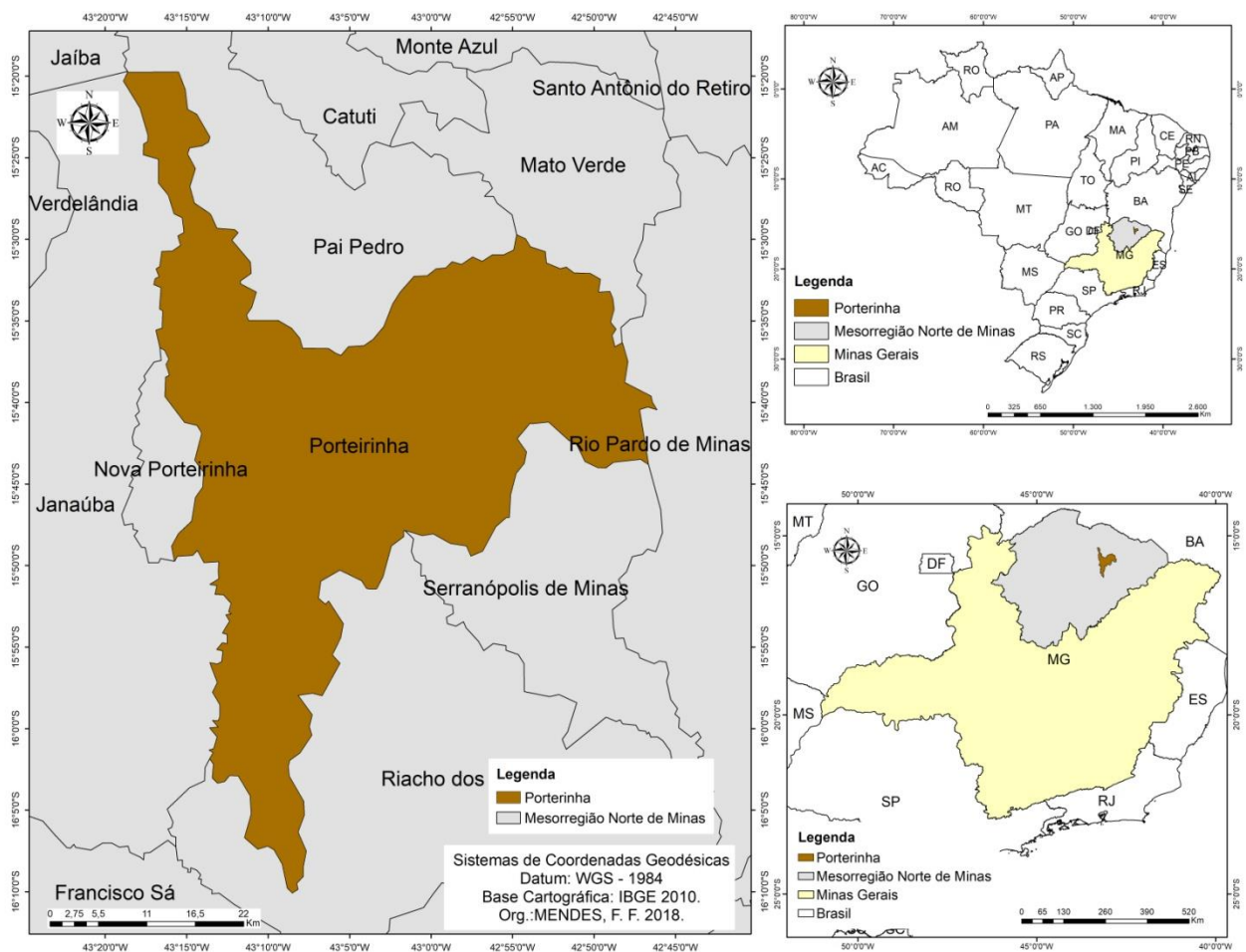
Assim, entende-se que a ruralidade é um processo dinâmico e em constante reestruturação dos elementos locais, a partir da implementação de novos valores, hábitos e técnicas. Pois, de acordo Wanderley (2002), o “rural” é um modo particular de vida social que contribui para a troca de conhecimentos técnico e científico, levando para o campo todo aparato tecnológico. Já Carneiro (1999) enfatiza a modernização da agricultura e afirma que

esta não homogeneíza o rural, ao contrário, integra-o às facilidades do urbano. Dessa forma, tornam-se evidente, através dos dados descritos e apresentados, além das demais características mencionadas; as transformações ocorridas nas características do modo de vida rural desvendadas pela multifuncionalidade presentes no Mercado Municipal de Porteirinha-MG.

2. A ORGANIZAÇÃO SÓCIO-ESPACIAL SOB A PERSPECTIVA DAS RURALIDADES

Para entender a organização do espaço de um município é necessário que se entenda sua dinâmica espacial e social, que se encontra assentada nas tradições locais, nas características culturais ligadas a sua colonização, economia e aos valores de seus habitantes. A análise do espaço possibilita desvendar as facetas culturais de uma sociedade, e nos debates, o rural tende a ser visto como um modo particular de utilização do espaço e da vida social. O município de Porteirinha/MG possui identidades espaciais e sociais muito fortemente influenciadas por questões culturais que remetem aos modos de vida do rural. O município em estudo pode ser identificado no mapa 02 abaixo.

Mapa 02: Localização do Município de Porteirinha-MG na Mesorregião Norte de Minas



Autor: Mendes, F.F. 2018.

Destarte, relacionadas à economia e a dimensão populacional, as ruralidades são traços marcantes neste município, que se encontram enraizadas nas formas de falar, socializar, comer, produzir, nas formas de viver e organizar seu espaço. A dimensão do rural em Porteirinha/MG pode ser analisada através de elementos como a distribuição da população na área municipal, a proporção de pessoas ocupadas em atividades agropecuárias, os modos de vida representados pelo contato próximo dos habitantes (que evidencia que todos se conhecem), o envolvimento em trabalhos comunitários como os bingos que acontecem de forma voluntária em prol de algum objetivo comum, na maioria das vezes coordenados por membros da sociedade local, ligados à igreja, as festividades com temáticas do mundo rural e da cultura local, assentadas em sua maioria na religiosidade.

Esses elementos refletem a estreita ligação existente entre o rural e o urbano, deixando clara a importância da dimensão do rural nesse local. Logo, as ruralidades presentes na economia municipal, em seus valores e modos de vida, passam a influenciar a configuração espacial do município. Os modos de vida refletem os hábitos cotidianos dos indivíduos em seu meio e o tamanho do lugar condiciona o cotidiano das pessoas. Os municípios com uma concentração populacional reduzida mantêm uma maior relação social entre os seus habitantes. Segundo Endlich (2009), a afetividade e o apreço são características que aparecem nas relações de família e amizade referentes ao lugar, e tem relação com o enraizamento e a adaptação. Assim, a cultura e as tradições envolvem crenças, regras, manifestações artísticas, e ensinamentos que são transmitidos no interior de uma sociedade ao longo de gerações, e são essas estruturas simbólicas que expressam identidade, o que é manifestado em elementos materiais e imateriais. O simbólico, manifestado na paisagem e no cotidiano local, influencia diretamente na sua produção e organização espacial, que expressam a história e os modos de vida. Esse simbolismo é expresso na história e em alguns dos versos do poeta do Sertão, Oscarino Aguiar Cordeiro, criador e membro do Grupo Umbuzeiro Cantiga de Roda, além de participante do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Porteirinha/MG e um ativista em outros movimentos sociais e ambientais:

**Os versos aqui escritos
São fatos verdadeiros
Causos que aconteciam
Aqui no Norte mineiro
Relembrem nossos costumes
Inspirados meus companheiros**

Na cultura de nossa terra
Os deixo para os herdeiros

Aqui vai minha mensagem
Guiada para todos leitores
Unindo os vastos desejos
Independente dos sabores
Alavanquei a nossa cultura
Revivendo os muitos amores

Conhecendo nossa cultura
O povo dá mais atenção
Realmente é nossa riqueza
Defendida por cada irmão
É uma bela e rara lembrança
Iluminada aqui neste chão
Recortada por este poeta
O sonhador do sertão.

Como um município de vocação agrícola, realidade esta da grande maioria dos municípios no norte do Estado de Minas Gerais, devido ao intenso processo de substituição da vegetação de caatinga por grandes áreas irrigadas de monocultivo¹, empregados através da utilização de tecnologia e de mecanização que estruturou a modernização da agricultura na região, Porteirinha/MG teve ao longo de sua história a característica da permanência da maior parte da população residindo em sua área rural. No entanto, os dados do último Censo do ano de 2010, conforme apresentado, revelou uma inversão nessa realidade, com a maior parte da população passando a residir em sua área urbana. Nas palavras de Fonseca [et al] (2013):

A transformação espacial promovida pela monocultura algodoeira, no final da década de 1970 e na de 1980, deixou profundas marcas na paisagem física, cultural e social nessa região; tendo sido modificadas a forma e a função das práticas agrícolas locais, a mesma não garantiu a sua continuidade, retirando as estruturas oferecidas inicialmente, mesmo tendo alterado a conformação espacial e a funcionalidade das

¹ Entendemos como monocultivo (monocultura), o plantio em grande escala de um só produto. Já que a palavra cultura significa diversidade e para o sertanejo terra de cultura é onde se planta um policultivo.

pequenas propriedades familiares, com a substituição de policultivos e de variedades frutíferas pelo monocultivo do algodão. (FONSECA [et al], 2013, p.235):

Todavia, essa realidade de transformação espacial devido ao declínio da monocultura de algodão não veio evidenciar o predomínio do urbano ou diminuir a força das ruralidades no local, e sim confirmar e evidenciar a necessidade de manutenção das famílias em áreas rurais, retornando à prática dos festejos e do plantio diversificado. Dessa forma, a conservação dos valores e tradições do local, manifestada nos modos de vida da população, leva o espaço do município a possuir uma configuração voltada aos modos de vida do povo rural, mesmo diante das marcas de modernização trazidas pelo desenvolvimento da agricultura.

A implantação e a história da vocação da agricultura no território caatingueiro do município de Porteirinha pode ser conhecida através do relato poético, colhido em uma entrevista com uma das lideranças do município, senhor Oscarino, que diz:

Companheiros de caminhada,
Uma história eu vou contar.
Daqui do Norte de Minas,
Vocês vão acompanhar.
Como era nossa terra
E os costumes do lugar.

Era terra de cultura
Também de muito valor.
Só vivia nesta terra
Homem sério e trabalhador.
Não pensava que um dia
Viesse sofrer tanta dor.

Tinha nas caatingas e cerrados
Frutas pra gente comer:
Umbu, cagaita e pequi
E muitos que podia ver
Alimentavam as pessoas
E davam pros peixes viver.

Em nossos rios haviam
Peixes de todos os jeitos:
Traíra matrinxão e dourados
Assim como Deus tinha feito.
Pescadores alimentavam as famílias
Mas por eles tinham respeito.

As árvores de nossa terra
eram de se encantar:
cedro, tambori, imburana,
pau d'arco, canafistula e jatobá
somente por necessidade
podiam se derrubar.

Por isso vivia o povo
Respirando o ar puro.
Não tinha poluição
O tempo era seguro:
Chovia na época certa
Não havendo tempo duro.

Chegou em nossa região
Um tal desenvolvimento
Vindo lá do estrangeiro
trazido por um grupo de gente
que vivia só explorando
e não falava claramente.

Dizia que aqui estava
Esquecido e atrasado
O povo era preguiçoso
Simples e mal educado
Que em nosso país precisava

De homens mais avançados.

Derrubando nossas matas
Caatingas e também cerrados
Até nas margens dos rios
Eles faziam roçados
Transformando tudo em carvão
Tendo fornos para todos os lados.

Chegaram em nossas cidades
Empresas para atender
Os homens que precisava
Plantar suas roças e colher.
A lavoura que o pobre cuidava
Precisava os técnicos ver.

Para esta tal de lavoura
Tinha financiamento
O pequeno ia ao banco
Fazer seu cadastramento
Para receber o dinheiro
E tocar o progresso pra frente.

Contratavam os diaristas
Para fazer todas limpezas.
Derrubavam as árvores
Desrespeitando a natureza
Visando só em seus bolsos
Para ter grande riqueza.

Tombava a terra com trator
Matando a sementeira
Fazendo do solo fértil
Uma grande impureza

Compactando este terreno
Virando tudo poeira

Pra colher um bom produto
Precisava um bom cuidado
Batendo veneno forte
Em toda semana mercado
Não sabendo que seu sangue
Estava todo intoxicado.

Com este tipo de coisas
O nosso povo perdeu
Nossa cultura e costume
E nada se resolveu.
Com este desenvolvimento
Muito companheiro morreu.

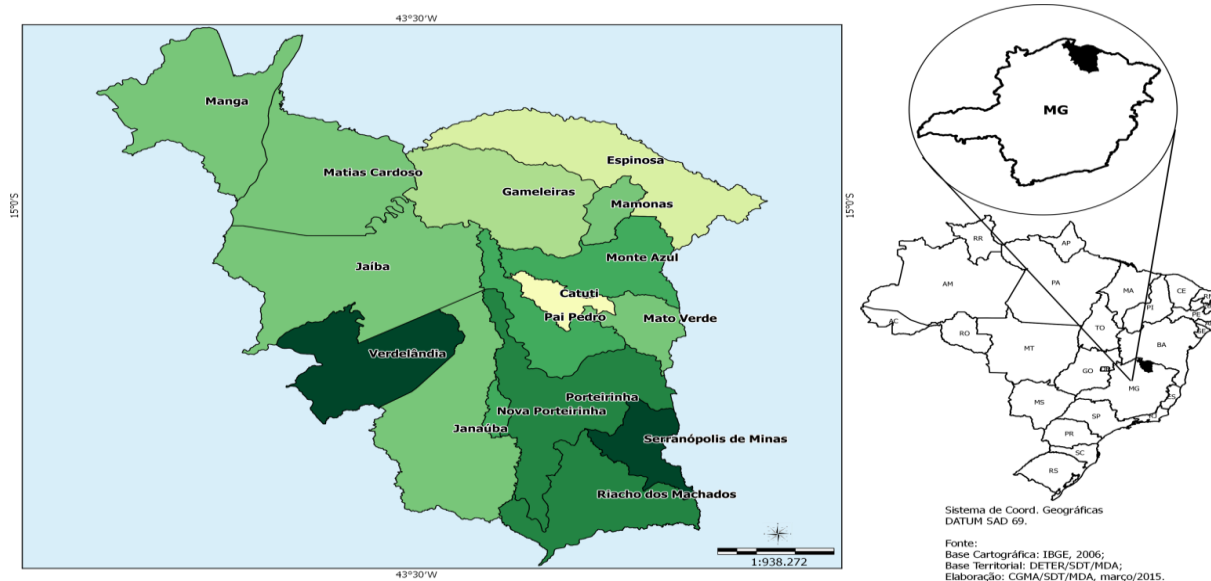
A organização do espaço ocorre através da interação de todos os elementos nele contidos, o que faz com que as ruralidades influenciem e atuem diretamente nesse espaço através da permanência dos modos de vida, como é o exemplo das prosas, poesias e cantigas do poeta do sertão. Ademais, como apontado até aqui, a interpretação da dinâmica social e espacial torna-se um importante instrumento para compreender o modo de vida das pessoas, as formas de trabalho, cultura e tradições. É nessa perspectiva de entender a organização social e espacial do município de Porteirinha, sob viés das ruralidades, que contextualizamos no tópico seguinte a sua geo-história municipal.

2.1. RETROSPECTIVA GEO-HISTÓRICA E CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO EM ESTUDO

Porteirinha/MG está localizada na Região Imediata (antes denominada mesorregião) do Norte de Minas Gerais e na Região Intermediária (antes microrregião) de Janaúba/MG², de acordo a regionalização oficial do IBGE, 2017, onde geograficamente se limita ao norte com o município de Mato Verde e Pai Pedro, ao sul com riacho dos Machados, a oeste com Janaúba e Nova Porteirinha e a leste com Rio Pardo de Minas e Serranópolis de Minas. Inserido ainda na microrregião da Serra Geral de Minas Gerais, no Polígono das Secas, dentro da área mineira da SUDENE, na bacia do São Francisco, abrangendo uma área de 1.749,68 Km² (IBGE, 2016). Pertencente também ao Território da Cidadania Serra Geral – MG³ está localizado na região Sudeste e é composto por 16 municípios: Catuti, Espinosa, Gameleiras, Jaíba, Janaúba, Mamonas, Manga, Matias Cardoso, Mato Verde, Monte Azul, Nova Porteirinha, Pai Pedro, Porteirinha, Riacho dos Machados, Serranópolis de Minas e Verdelândia, conforme pode ser observado no mapa 03 seguinte:

² Com a nova regionalização proposta em 2017 pelo IBGE a mesorregião e a microrregião passará a denominar região Imediatas e Intermediárias.

³ Os Territórios da Cidadania é uma estratégia de desenvolvimento regional sustentável e garantia de direitos sociais voltado às regiões do país que mais precisam, com objetivo de levar o desenvolvimento econômico e universalizar os programas básicos de cidadania. Trabalha com base na integração das ações do Governo Federal e dos governos estaduais e municipais, em um plano desenvolvido em cada território, com a participação da sociedade. Em cada território, um Conselho Territorial composto pelas três esferas governamentais e pela sociedade determinará um plano de desenvolvimento e uma agenda pactuada de ações. Foram definidos conjuntos de municípios unidos pelas mesmas características econômicas e ambientais que tenham identidade e coesão social, cultural e geográfica. Maiores que o município e menores que o estado, os territórios conseguem demonstrar, de uma forma mais nítida, a realidade dos grupos sociais, das atividades econômicas e das instituições de cada localidade, o que facilita o planejamento de ações governamentais para o desenvolvimento dessas regiões. Um território rural se define por sua identidade social econômica e cultural com os seguintes requisitos: conjunto de municípios com até 50 mil habitantes; densidade populacional menor que 80 habitantes/Km²; organizados em territórios rurais de identidade; integrados com os Consórcios de Segurança Alimentar e Desenvolvimento Local (Consad), do Ministério do Desenvolvimento Social (MDS) e/ou Mesorregiões, do Ministério da Integração Nacional (MI). Fonte: <http://www.mda.gov.br>. Acesso em jan. 2017.

Mapa 03: Municípios pertencentes ao Território da Cidadania Serra Geral – MG

Autor: Ministério do Desenvolvimento Agrário, CGMA, 2015.

Dos seus 1.749,68 km², o município de Porteirinha apresenta um relevo topográfico bem diversificado, entretanto, suas terras são consideradas de baixa altitude. Desta topografia, segundo a EMATER-MG, o revestimento florístico apresenta as características de lavouras permanentes, lavouras temporárias, lavouras temporárias em descanso, pastagens formadas, matas naturais, terras produtivas não utilizadas e reserva florestal. Em relação ao uso do solo, a maior parte de sua cobertura vegetal apresenta intervenção antrópica, mesmo na área rural. A principal atividade modificadora do uso do solo trata-se da agropecuária, considerando que a região ainda é pouco urbanizada, em relação à ocupação do núcleo urbano. O solo predominante do município é do tipo latossolo vermelho amarelo, com textura média e cobertura vegetal em sua maioria, pela caatinga. Em relação à sua geomorfologia, a região de Porteirinha está inserida na área de “Planalto das Bordas do Espinhaço” o qual, por sua vez, está incluído no “Domínio dos Planaltos Cristalinos”. Esses Planaltos consistem em faixas de transição entre unidades situadas em diferentes níveis topográficos, formando um patamar topográfico entre a serra e as áreas mais baixas. Na área serrana, o “Planalto do Espinhaço” apresenta degraus esculpidos em rochas quartzísticas. O município também se encontra localizado na Bacia do Rio São Francisco, e contém os principais rios do Gortuba, Mosquito, Mocambinho, Sítio Novo, Sanharol, Serra Branca, Lages, Cocos. Essa diversidade climática, as especificidades do relevo, hidrografia, solo e vegetação tem uma relação direta com os hábitos cotidianos e culturais de um modo de vida singular dos habitantes de Porteirinha/MG.

A formação do Norte de Minas a partir das pequenas propriedades, de acordo com GONÇALVES (2000, p. 23) teve o seu povoamento inicial marcado pela mistura entre índios, paulistas, baianos e escravos fugidos das regiões de mineração e/ou das regiões de monocultivo da cana-de-açúcar, que aqui se instalaram, o que ocasionou essa diversidade populacional. Daí a origem do povo do sertão norte-mineiro; população que soube extrair dessas terras um rico regime alimentar oferecido por suas áreas de brejos/várzeas, encostas, chapadas, cerrados, matas secas e caatingas, ensejando seus sistemas agrícolas. A sua localização geográfica que, principalmente na época da colonização, serviu também como ponto estratégico para a exploração e a ocupação do restante do estado; ajuda a entender como esses fatores contribuíram para produzir uma região com modos de vida e com vivências singulares, o que nos permite compreender como se mantêm atualmente as populações locais que vivem com base na produção e na organização pautada no uso da terra.

Referente ao contexto histórico do município em estudo, Oliveira (2008) afirma que a área do município de Porteirinha/MG foi desbravada pela bandeira de Miguel Afonso de Siqueira, que, no século XVIII, aproximadamente em 1759, adentrou o sertão norte mineiro a procura de ouro, quando no mesmo período iniciou-se a criação de gado. A ocupação se deu primeiramente como ponto de pouso para os viajantes, em sua maioria de origem do Nordeste brasileiro, que seguiam para o sul do Estado de Minas Gerais. A origem do nome do município deve-se a Veríssimo Nunes de Brito, que no século XIX, construiu uma pequena e rústica porteira e a colocou no meio do caminho dos tropeiros viajantes.

A porteira era tão pequena e estreita que quando passava um animal carregado os seus costais eram ralados. Muitas vezes, para que se conseguisse transpô-la, era necessário retirar toda a carga transportada. Por isso mesmo, ali resolviam pernoitar (OLIVEIRA, 2008, p. 19-20).

Foram muitas as pessoas que fixaram residência no local com o decorrer do tempo. Contudo, foi em 1921 que o povoado foi elevado a Distrito do município de Grão Mogol, destacado na figura 07.

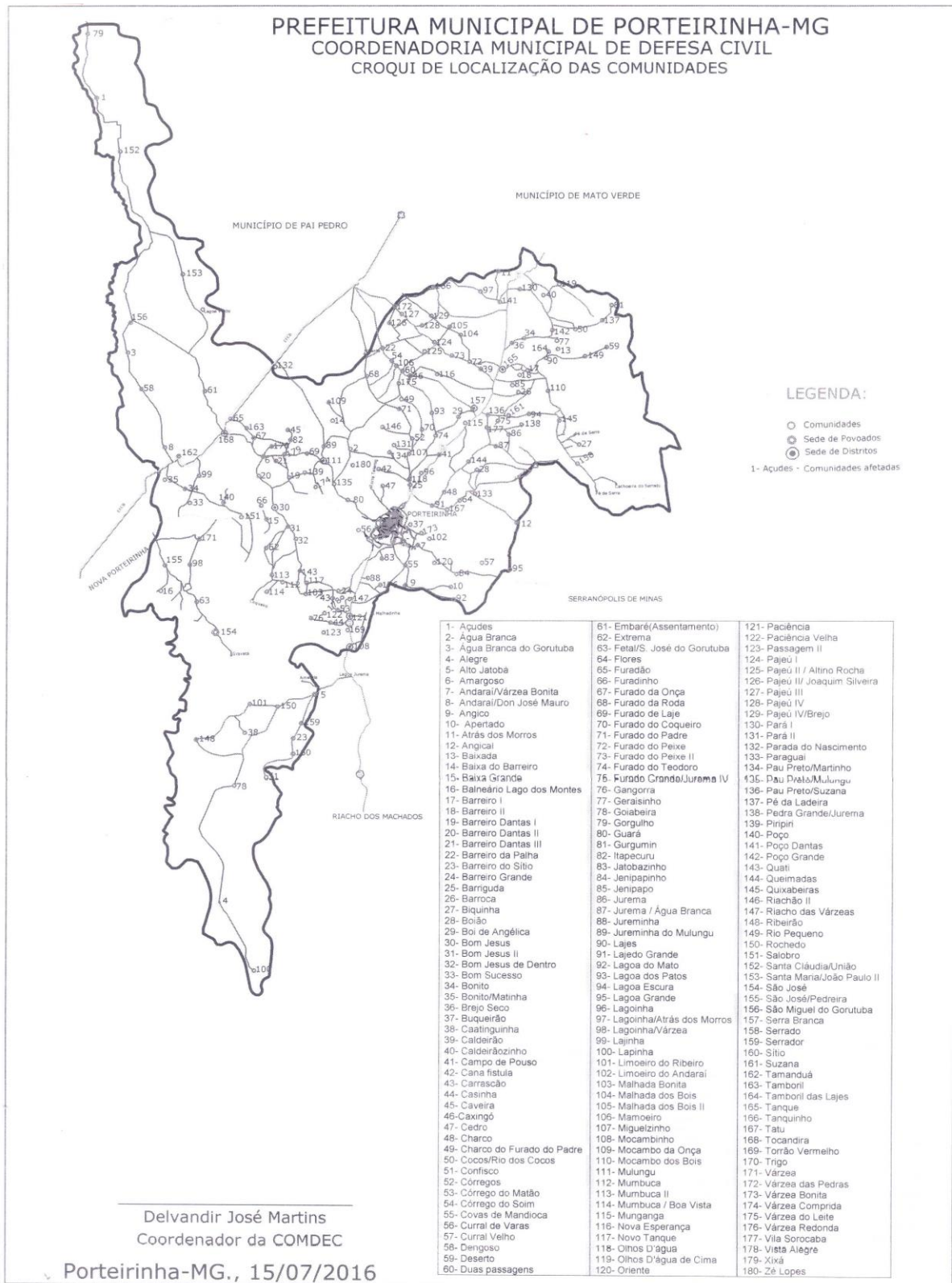
Figura 07- Porteirinha ainda distrito de Grão Mogol em 1932.



Fonte: http://www.ihgmc.art.br/revista_volume5.htm

Foi somente em 1938, pelo Decreto-Lei nº 148 de 17/12/1938, que foi criado o município de Porteirinha, instalado em 01/01/1939. O município atualmente tem como sede administrativa a cidade de Porteirinha, os Distritos de Bom Jesus (Gorutuba), Mocambinho, Mulungu de Minas, Paciência, Serra Branca de Minas, Tocandira, e possui em seu território inúmeras comunidades rurais (IBGE, 2016), a saber, 180 (cento e oitenta) comunidades rurais informadas no mapa 04 que evidenciam a influência das ruralidades na caracterização da dinâmica espacial e social da cidade e município de Porteirinha/MG, em que se verifica a estreita ligação entre rural e urbano.

Mapa 04: Município de Porteirinha/MG e suas Comunidades Rurais.



Fonte: Prefeitura Municipal de Porteirinha/MG, PMP, 2016.

A identificação da existência de ruralidades no município de Porteirinha/MG, também podem ser percebida através da realidade evidenciada nas imagens dos seis Distritos

pertencentes ao município de Porteirinha/MG que revelam a presença dos símbolos do mundo rural, o modo de vida dominante e a dinâmica da sociabilidade local. As figuras 08 e 09 demonstram que as ruralidades fazem-se presentes no processo lento de crescimento urbano e com a satisfação dos que ali vivem, pois tem a proximidade da cidade de Janaúba/MG, localizada a poucos quilômetros do Distrito de Bom Jesus, refletida na dependência de cidades maiores.

FIGURA 08 – Distrito de Bom Jesus

Fonte: MENDES,F.F. 2018



FIGURA 09 – Vista parcial do Distrito de Bom Jesus

Fonte: MENDES,F.F. 2018



As Figuras 10 e 11 que mostra parcialmente o Distrito de Tocandira revelam as ruralidades percebidos através do ambiente pacato e pela presença da evidente socialização entre seus habitantes devido a presença de espaços públicos como praças, refletido no valor dado a vida em comunidade.

FIGURA 10– Vista do Distrito de Tocandira



Fonte: MENDES,F.F. 2018

FIGURA 11– Praça pública: espaço de sociabilidade no Distrito de Tocandira



Fonte: MENDES,F.F. 2018

A religiosidade e os elos afetivos, que evocam sentimentos de pertencimento, também comprovam a presença de ruralidades existentes no município em estudo, como pode ser observado nas figuras 12 e 13 do Distrito de Paciência e nas figuras 14 e 15 do Distrito de Mocambinho.

FIGURA 12– Vista do Distrito de Paciência



Fonte: MENDES,F.F. 2018

FIGURA 13– Igreja Católica do Distrito de Paciência



Fonte: MENDES,F.F. 2018

FIGURA 14– Vista do Distrito de Mocambinho

Fonte: MENDES,F.F. 2018

FIGURA 15– Vista da Igreja Católica de Mocambinho

Fonte: MENDES,F.F. 2018

A pesquisa também aponta como os sujeitos identificam e qualificam o município e sua qualidade de vida, bem como a forma como se manifestam as heranças históricas e culturais, que dão a identidade ao local e mantém viva a memória do lugar. As permanências das tradições reveladas tanto na forma concreta, através de símbolos impressos na paisagem

local, como em suas representações cotidianas e eventuais, expressas nas festividades locais, podem ser ilustradas nas Figuras 16,17 e 18 dos Distritos de Mulungu de Minas e Serra Branca.

FIGURA 16– Vista do Distrito de Mulungu de Minas



Fonte: MENDES,F.F. 2018

FIGURA 17– Vista da Igreja Católica do Distrito de Mulungu de Minas



Fonte: MENDES,F.F. 2018

FIGURA 18– Vista do Distrito de Serra Branca

Fonte: MENDES,F.F. 2018

De acordo com o IBGE (2010) e estimativa do IBGE (2016), Porteirinha atualmente abriga 38.730 habitantes, sendo que 19.338 vivem na área urbana e 18.289 no espaço rural, de modo a evidenciar a expressividade populacional deste espaço. No que se refere à economia do município, apesar de estar em processo de crescimento através da expansão do comércio e serviços, Porteirinha ainda apresenta traços de uma cidade de interior de ambiente acomodado, onde os moradores ainda mantêm a tradição de sentar-se na praça, conversar com a vizinhança, comercializar entre si de maneira informal, características culturais e sociais que agregam peculiaridade ao modo de vida dos habitantes do município.

A economia esteve constantemente atrelada a atividades agropecuárias e especialmente ao cultivo de algodão por aproximadamente três décadas, compreendidas entre anos de 1960 a 1980, quando o algodão, chamado de “ouro branco”, constituiu a mais importante fonte de renda do município. Porteirinha chegou a receber o codinome “Capital Mineira do Algodão” no auge da produção algodoeira, quando quase todas as famílias tinham a sua plantação, ou trabalhavam nas grandes fazendas. Foi a inserção do município na área mineira da SUDENE que contribuiu para essa configuração e dinâmica espacial e social. Através dos incentivos fiscais e financiamentos, as terras devolutas passaram a ser destinadas ao cultivo do algodão e a instalação de usinas beneficiadoras. A cultura do algodão desenvolveu-se lentamente, mas sempre havia produtores dispostos a plantar, pois tinham a certeza de lucro. O algodão é uma espécie que sobrevive com pouca chuva e ganhou espaço

comercial no município, pois havia se implantado infraestrutura para realização do beneficiamento da produção na área rural e urbana através das pequenas usinas distribuídas. Acerca disso, Oliveira (2008) aborda que

O algodão em Porteirinha deixou muita gente rica. Os produtores ganharam pouco, pois pouco plantavam; os compradores, que juntavam o pouco de cada pequeno produtor, conseguiram ganhar muito, pelo alto volume comercializado. Os industriais do algodão de Porteirinha tiveram nada menos que 15 usinas e duas fábricas de óleo na região. Só em Porteirinha existiam sete usinas e já não estavam mais nas mãos de uma só família [...] (OLIVEIRA, 2008, p. 41).

Contudo, com o declínio da cultura algodoeira no município, devido à infestação da praga do bicudo, houve o empobrecimento de muitos agricultores. Segundo Oliveira (2008), cinco anos seguidos de seca iniciados em 1983, a falta de apoio dos usineiros com investimentos em assistência técnica e o decréscimo do preço do produto gerou a decadência dessa atividade.

Diante dessa perspectiva, podemos considerar que a análise da categoria geográfica paisagem, a partir da leitura das ruralidades, é algo muito subjetivo, de modo que temos que utilizar da observação e da cultura para entendermos o seu sentido na prática e no cotidiano da população. Esse sentido torna-se mais forte quando a análise é feita em uma área rural, na qual o real e o imaginário se misturam, e os sentimentos de pertença pelo lugar são latentes, como pode ser observado na fala do munícipe, Senhor Oscarino, que relatou assim a chegada e a decadência do monocultivo de algodão nas décadas de 1970 e 1980, na Tese de Doutorado de Fonseca (2013).

“Naquela época se ficava décadas sem se saber que ninguém morreu de câncer. Vivia-se com dificuldades financeiras, mas, havia a alegria. As pessoas tinham os recursos de acordo com suas necessidades. Era comum aonde tinha os rios, o povo falar em brejos: um lugar contíguo que se cercava para plantar batata, mandioca. A maioria das pessoas não comprava nada. Até a rapadura, a gente tinha a cana e tinha o engenho na região, então a gente moía e fazia a rapadura. O agricultor moía a cana e do caldo (garapa) fazia o café, a rapadura. Também produziam a farinha para ficar o ano inteiro e vendia a sobra. Fazia a goma para fazer o biscoito - tudo era coisa natural. Mas chegou a mudança quando teve a revolução verde, quando o governo militar tomou o poder e aí os princípios e costumes na região mudaram, “nada valia

nada”. À época havia um comercial que dizia: “Plante que o governo garante”. Então se deixou tudo, para plantar o algodão. “Tirou-se tudo o que era nosso, assim nós tivemos que desmatar a terra sem uma proteção do solo”. Houve o carreamento do solo e a perda das terras férteis. Assoreou os rios, as terras aonde se plantava arroz e tudo ficou a mercê do mercado. Eu produzia o algodão, vendia e comprava tudo de fora. O que aconteceu foi o enriquecimento de muita gente (os intermediários, os usineiros e os políticos de um modo geral). Então, foram estes políticos que cresceram: deputados, vereadores que enriqueceram com “este Desenvolvimento”. Aí houve a necessidade de se criar o sindicato para dar convênio entre o governo e o hospital para dar tratamento gratuito para os trabalhadores ou pobres. Tinha lugar que não havia acesso à água potável, aí muitos bebiam água que passava pela roça, ocorreram muitos abortos – o sistema inteiro estava cheio de veneno. Uma faculdade fez pesquisa na área constatando um índice de 70% de trabalhadores envenenados. Mas tudo passa, porque a natureza cobrou – as terras não produziram mais o suficiente para compensar o cultivo. Também chegou o chamado “bicudo”, e a gente falava que já tinha o chamado “bicudo” que comprava o nosso produto barato e vendia caro. Com a chegada do “bicudo”, do assoreamento e da perda da fertilidade do solo, o povo teve que abandonar o algodão e ficamos uns dez anos a mercê de uma renda no município (aposentados, que na época era meio salário), nós passamos um período muito crítico depois do chamado desenvolvimento. Porque antes o povo sabia sobreviver e depois os agricultores ficaram tipo o cachorro quando caiu da mudança – e agora vou fazer o quê? O sindicato de Porteirinha foi criado no dia 3 de junho de 1973. Teve que ter o sindicato para ter assistência médica, aí foi quando eu casei e arrumei mulher e filho, tinha que pagar o sindicato para adquirir a carteirinha para minha mulher e filhos, foi tocando. Mas com algumas tecnologias, cursos, o sindicato começou a trabalhar. Criamos o centro de agricultura alternativa e damos cursos aos agricultores e também a EMATER mudou seus trabalhos, ao invés de jogar veneno começou a traduzir a agricultura na região – tipo sorgo. O sindicato procura conscientizar os agricultores em relação ao uso do agrotóxico. Com o sorgo começou a envolver, a criar gado, o sindicato buscou semente como a da EMBRAPA, espalhou por aí, e Porteirinha começou a pegar outro rumo. Hoje é chamada a cadeia leiteira, mas esta transição da monocultura do algodão para começar a produzir leite, formar a infraestrutura, isto foi muito dificultoso. Eu passei por tudo isto, não é! Mas graças a Deus eu tive uma palestra lá em Belo Horizonte e no apresentar eu disse: “eu sou um sobrevivente da monocultura do algodão, porque muitos foram e graças a Deus os movimentos sociais me sustentou”. O que nós fazemos para o agricultor, esta mobilização do CMDRS de Porteirinha é uma das melhores do estado. É o agricultor que faz o seu costume de acordo com suas necessidades, não é o político que chega jogando. Nós temos associações organizadas, temos um pouco de acesso ao

sindicato, inclusive nós estamos o tempo todo cobrando a semente. Porque nossa semente, nós a perdemos com a monocultura do algodão e quando vinha a semente deles era híbrida, e o milho híbrido além de não produzir a semente, ele afetava a semente do agricultor – a semente crioula – porque na hora que cruzava perdia o efeito também da semente nossa;

“E foi um desafio a gente buscar de volta essa semente crioula, mas nós tivemos uma articulação em nível nacional, muitas organizações resgataram a semente” Além de tudo isto, da dificuldade, nos grotões tinha o agricultor que não aderiu ao movimento e ficava a margem da sociedade, mas seguiu esta riqueza nossa que é o milho crioulo. E com esta produção, o aumento do milho crioulo nessa agricultura, voltou o agricultor a ter acesso à semente.” (Oscarino in FONSECA, 2013)

A transformação espacial promovida pela monocultura algodoeira, no final da década de 1970 e na de 1980, deixou profundas marcas na paisagem física, cultural e social nessa região; tendo sido modificadas a forma e a função das práticas agrícolas locais, a mesma não garantiu a sua continuidade, retirando as estruturas oferecidas inicialmente, mesmo tendo alterado a conformação espacial e a funcionalidade das pequenas propriedades familiares, com a substituição de policultivos e de variedades frutíferas pelo monocultivo do algodão.

Presentemente, esse lugar retoma o sentido de antes da vivência e da convivência; com o declínio do algodão, as famílias se veem num retorno de refazer o seu cotidiano, que tinha dado lugar às máquinas, e, desde então, a economia do município não se reergueu completamente, e no aspecto social, é considerável a quantidade da população pobre.

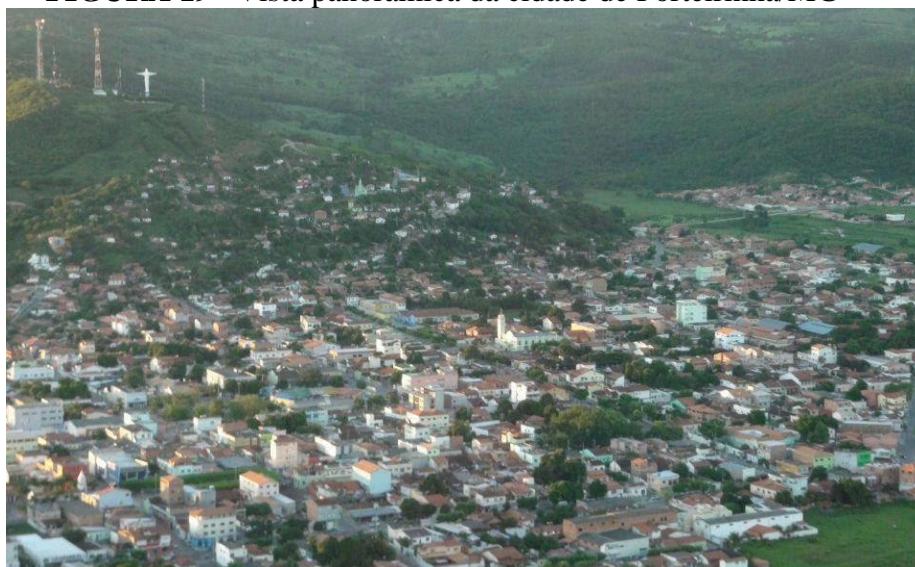
2.2. A ATUAL DINÂMICA ESPACIAL E SOCIOECONÔMICA DO MUNICÍPIO DE PORTEIRINHA/MG

A dinâmica espacial sob a perspectiva das ruralidades exerce forte influência no município de Porteirinha/MG e sua permanência através das relações sociais observadas no mercado, influencia os modos de vida da população e conseqüentemente toda sua dinâmica espacial. O espaço urbano do município em estudo possui estreita relação com suas áreas rurais, aliada a um lento desenvolvimento urbano e dependência de cidades maiores próximas. Devido ao seu contexto histórico, Porteirinha é um lugar de vocação agrícola e tradições rurais, que molda e organiza seu espaço, mesmo que inconscientemente, a exemplo de suas

crenças, suas tradições e seus modos de conduzir a vida, ou seja, as ruralidades presentes no cotidiano local. A presença concreta e simbólica das ruralidades neste município assenta-se no entendimento da dinâmica espacial e social, que demonstra que o espaço é antes de tudo uma construção social e ele se organiza e se transforma de acordo com o ritmo e modos de vida dos que nele habitam, e, dessa forma, em um lugar onde a sociedade está claramente marcada pelas ruralidades, logo o espaço também será organizado sob as suas influências.

Nesse cenário, atualmente o município supracitado possui como principais atividades econômicas a bovinocultura de corte, pequenas agroindústrias de leite e derivados, agricultura familiar organizada em cooperativas e associações, voltada para a pequena produção de hortifrutigranjeiros, mel e extrativismo sustentável, visando à produção de polpas, cultivo de canas e derivados, plantio de mandioca e produção de farinha. A prestação de serviços é gerada pela prefeitura e comércio e existem poucas indústrias no ramo de cerâmica de telhas, tijolos e serralheria. Segundo o IBGE (2010), o número de pessoas economicamente ativas do município é de 14.960, distribuídos por setores da economia da seguinte forma: agropecuária 11.582, indústria 912, comércio 566, transporte 313 e outros 1.587. A sede municipal, da cidade de Porteirinha pode ser visualizada na Figura 19 a seguir.

FIGURA 19 – Vista panorâmica da cidade de Porteirinha/MG



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal – Dezembro de 2014

Grande parte da população está organizada em entidades que totalizam mais de 150 associações comunitárias de pequenos produtores rurais, Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Sindicato dos Produtores Rurais, Associação Atlética Banco do Brasil, Lions Clube, Clube das Acácias, Clube do Ferro Velho, Loja Maçônica União e Trabalho, Loja Maçônica Acácia

de Porteirinha, Capítulo Porteirinha da Ordem Demolay, Clube Social de Porteirinha, Movimento Familiar Cristão, Pastoral da Criança, Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural, Conselho Municipal de Saúde, Conselho Municipal de Acompanhamento do FUNDEB, Conselho de Assistência à Criança e ao Adolescente, Conselho Municipal de Trânsito, Comissão Municipal de Distribuição Emergencial de Alimentos- PRODEA, Conselho Municipal de Educação, Comissão Intermunicipal do PROGER, Pólo de Desenvolvimento Integrado do Norte de Minas.

A economia é baseada na agropecuária, com pecuária de corte extensivo e de leite semi-intensivo, em que a produção de leite é destinada à Cooperativa CRESCER, Laticínio Nova Esperança e fabriquetas locais de queijo artesanal. Os produtos derivados do leite são comercializados nos grandes centros do país. Observa-se também o predomínio de pastagem, o que evidencia a grande extensão de terras. A agricultura é principalmente familiar, destacando-se as culturas de milho, sorgo, feijão e cana-de-açúcar, além da fruticultura irrigada.

Em relação ao acesso à água, Porteirinha tem como principal curso d'água o Rio Mosquito, sua nascente é no município de Serranópolis de Minas. A cidade de Porteirinha fica à margem do referido rio. Também é possível destacar os rios Serra Branca, Sítio Novo, Lajes Mocambinho, todos afluentes do Mosquito. Com o objetivo de perenizar os rios e armazenar água para a população em tempos de estiagem, foram construídas quatro barragens no final do século. Desde 2008, a água que abastece a cidade é captada na barragem do Talhado, de responsabilidade da Companhia de Saneamento de Minas Gerais (COPASA), localizada no município de Serranópolis de Minas.

Diante da compreensão da configuração espacial e social do município de Porteirinha, é notório que o espaço é o local onde se realizam e se concretizam as atividades humanas, o que confirma a importância da cultura na formação da identidade de uma comunidade que é entendida através da categoria paisagem; ratificando que o rural tende a ser visto como um modo particular de utilização do espaço e da vida social e nos debates atuais a ruralidade independe do espaço em que se manifesta, ela tende a ser percebida como um modo particular de vivência do espaço e da vida social. Vivência esta que será discutida a seguir na interpretação feita da relação do mercado municipal de Porteirinha com o desenvolvimento rural.

2.3 O MERCADO MUNICIPAL E O DESENVOLVIMENTO RURAL

O mercado é um espaço que possibilita o encontro interpessoal, um lugar de contato face-a-face, que propicia àqueles que nele realizam relações comerciais, ou outras formas de trocas, a vivência de relações sociais de coletividade. Logo, podemos apresentar o espaço da feira do Mercado Municipal como ambiente de interação e integração social entre as pessoas que dela participam. A feira pode representar um lugar de preservação das relações socioculturais, dos aspectos peculiares ao ambiente rural, da autonomia do (da) agricultor (a), do fortalecimento dos laços e do saber local; e pode ainda ser abordada como espaço relevante para a comercialização da produção da agricultura familiar, promovendo desta maneira o desenvolvimento rural do município.

A feira é um espaço que tem influência na melhoria de vida das pessoas, não só pela obtenção de uma renda familiar, mas pela apreensão das ideias e representações associadas à feira como espaço de socialização, carregada de narrativas e símbolos sociais. Ao mesmo tempo, esse ambiente fornece informações no que diz respeito às condições de trabalho, organização e consumo, origem e destino dos produtos potenciais de comercialização.

Os espaços públicos são fundamentais para a construção de sociabilidades e identidades, assim como para a construção de vínculos afetivos. Há no mercado municipal o encontro entre o urbano e o rural, no qual se percebe assim diferentes concepções de mundo e de vida, diferentes representações sociais acerca das relações materiais e simbólicas e suas significações e importâncias para os diferentes atores sociais nele presentes. O trabalho da família na propriedade constitui-se como uma parte essencial do processo produtivo. A comercialização agrícola familiar representa uma outra face, na qual acontecem e se iniciam acordos, uma vez que a negociação se manifesta na forma de reproduzir a combinação de agricultura e contratos sociais. O agricultor familiar, mais que um proprietário de uma área de terra, é um trabalhador da terra; sua dialética de produção está associada a lógicas diversas intrínsecas que determinam as relações sociais de grupo entre famílias e entre comunidades.

Desse modo, a ideia de desenvolvimento rural está associada, segundo o Ministério de Desenvolvimento agrário do Governo Nacional (MDA), à ideia de criação de capacidades - humanas, políticas, culturais e técnicas que permitam às populações rurais agir para transformar e melhorar suas condições de vida, por meio de mudanças em suas relações com as esferas do Estado, do mercado e da sociedade civil. Para tanto, é indispensável que essas

populações ampliem seu acesso a recursos materiais e simbólicos - terra, crédito, conhecimento e informações, organização, bens e serviços - públicos e privados - e a oportunidades - de emprego, geração de renda, saúde, educação, originadas principalmente nas políticas públicas, mas também em mercados.

Um exemplo de promoção do desenvolvimento rural em Porteirinha/MG e fortalecimento da agricultura familiar é a prática do cooperativismo. Fundada no dia 15 de maio de 1998, por um grupo de pequenos agricultores das comunidades rurais de Barreiro, Brejo Seco, Tanque, Pará, Poço Dantas, Baixa da Areia, Caldeirãozinho e Lages, a Cooperativa Regional da Serra Geral de Porteirinha/MG – CRESCER está localizada na comunidade do Tanque, a 17 km da sede do município.

Anteriormente, a região dedicava-se à produção de algodão, cultura que foi paulatinamente substituída pela pecuária leiteira. Na década de 1990, o governo federal estimulou a criação de associações de agricultores familiares voltadas para a atividade de leite e derivados, o que provocou uma dinâmica nas paisagens e alterou os meios de vida dos agricultores e as atividades desenvolvidas com vistas à sua reprodução socioeconômica.

Os agricultores dessas comunidades trabalhavam em pequenos laticínios da região, mais conhecidos como queijeiras de fundo de quintal, sem acompanhamento técnico e em condições precárias de trabalho e higiene. Os queijos eram feitos de maneira informal, situação que inviabilizava todo processo de produção e comercialização. Havia também o problema de uma grande multinacional do ramo de laticínios que com a granelização do leite tornou impossível que um pequeno produtor adquirisse um tanque de resfriamento de leite, e com isso muitos agricultores ficaram excluídos do mercado.

Devido às dificuldades que os agricultores enfrentavam na comercialização do leite e derivados, surgiu a necessidade de montar um laticínio legalizado. Para a realização desse sonho, os pequenos produtores contaram com a ajuda de técnicos da EMATER, Banco do Nordeste e Prefeitura Municipal. Assim, em 1998, criaram a Cooperativa Regional da Serra Geral com o nome fantasia de Cooperativa Crescer, e com o registro do Serviço de Inspeção Estadual – SIE, onde mais de 150 agricultores se associaram e obtiveram resultados muito positivos na produção e comercialização do leite e seus derivados, o que beneficiou também os pequenos produtores que ainda não tinham se associado, fortalecendo a renda das famílias. Outro ponto positivo foi a geração de empregos na comunidade, pois a Cooperativa gera atualmente 20 empregos diretos e aproximadamente mais de 200 empregos indiretos. São pessoas que estão envolvidas na cadeia do leite, principal fonte de renda de todo o município de Porteirinha/MG.

A Cooperativa entrega parte da produção para o Programa Leite Pela Vida do Governo Federal, que dá a garantia e o suporte necessário para a sua manutenção e dos seus agricultores. Estes também contam com os investimentos do PRONAF- Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar, que tem fortalecido a agricultura familiar, em especial a cadeia do leite. A Cooperativa recebe e beneficia atualmente 7.000 (sete mil) litros de leite por dia. O contrato para fornecimento de leite para o Programa Leite Pela Vida é de 4.000 (quatro mil) litros de leite por dia, atendendo cinco cidades, dentre elas, Porteirinha, Serranópolis de Minas, Pai Pedro, Catuti e Monte Azul. O restante da produção é destinada para a fabricação de queijos do tipo muçarela, parmesão, minas padrão, ricota e bebida láctea em geral, que hoje chega a 300 kg por dia e que é vendido para o mercado convencional.

A Cooperativa hoje conta com um caminhão tanque para coleta de leite nas propriedades e 20 tanques resfriadores que estão instalados nas comunidades rurais em pontos estratégicos e ainda com outros dois caminhões para fazer a entrega dos produtos. Alguns produtos da Cooperativa Crescer podem ser visualizados na figura 20 abaixo:

FIGURA 20 –Produtos da Cooperativa Crescer do município de Porteirinha/MG



Fonte: MENDES, F.F, 2017.

A Cooperativa tem por objetivo principal a defesa econômica e social de seus associados com a produção e comercialização dos produtos da agricultura familiar. Para os agricultores e funcionários, a criação da Cooperativa possibilitou o fortalecimento da renda e da autoestima de todos aqueles que estão direta e indiretamente vinculados à Cooperativa.

Já o debate sobre os mercados como um dos motores do desenvolvimento aconteceu aos poucos. Isso porque a prioridade estava nas reformas estruturais e também porque o conceito de mercado estava associado ao mercador, a termos de intercâmbio desfavoráveis, à dependência, aos intermediários ou aos exploradores de camponeses. Os problemas agravaram-se com o modelo de desenvolvimento baseado na industrialização intensiva e com a modernização do setor capitalista na agricultura, que liberou mão-de-obra no campo e, em muitos casos, o abandono das atividades dos pequenos lavradores à procura de melhores condições de vida. Na atualidade, os programas de desenvolvimento rural integrado têm o grande desafio de devolver ao pequeno agricultor um lugar privilegiado na sociedade. Sua tarefa deve ser a elaboração de planos que envolvam projetos e microprojetos que sejam criados a partir do interior das próprias comunidades rurais.

O apoio ao comércio da produção rural é uma importante ação de incentivo ao produtor, principalmente pela venda direta dos pequenos produtores ao consumidor final, pois isso proporciona um preço justo. O acesso dos produtores rurais a feiras e mercados públicos é outra ação que permite a venda direta da produção ao consumidor, garantindo um melhor preço. Assim, diante dos dados apresentados podemos inferir a estreita relação que o mercado municipal de Porteirinha possui com o desenvolvimento rural, pois, o dia de feira movimenta a economia local, e torna-se um grande momento de encontro da população. É também quando o produtor realiza suas obrigações na cidade e, com seus ganhos, aproveita para comprar outros itens no comércio, de modo que propicia a circulação de receitas. A feira gera trabalho e renda no campo, dinamiza a economia local e oferta a soberania e segurança alimentar para a população urbana, além da dimensão sócio cultural, já que é espaço privilegiado de organização e participação social, além de trocas de conhecimentos e informações. Com base nessas perspectivas, que apresentamos no capítulo seguinte o resultado desta pesquisa, que visa compreender o olhar dos feirantes do mercado a respeito do entendimento da influência das ruralidades na organização social e espacial do município de Porteirinha/MG.

3. O OLHAR DOS FEIRANTES DO MERCADO DE PORTEIRINHA/MG SOB AS RURALIDADES

As mudanças sociais, a partir dos períodos de industrialização, foram profundas, principalmente no que se refere aos estilos de vida e relações sociais, bem como os meios de produzir e de trocar os produtos, impactando fortemente o mundo rural. Contudo, os mercados locais, pelo conjunto de peculiaridades e pela oportunidade de construção participativa, acabam funcionando como espaços de persistência de estilos de vida em que atributos do que é tradicional e do que é moderno estão imbricados, de modo que se reforça a relação existente entre cidade e campo. Assim, no contexto desta pesquisa, que visa compreender como o modo de vida, sob a perspectiva da ruralidade, reflete na organização sócio-espacial do município de Porteirinha/MG a partir do entendimento dos feirantes no mercado, é que apresentamos neste capítulo o resultado alcançado.

Nossa pesquisa foi desenvolvida no espaço do Mercado Municipal onde se realiza aos finais de semana a tradicional feira em Porteirinha/MG, ressaltando o olhar e a ideia que o feirante tem sobre as ruralidades e a importância dessa prática para a sobrevivência familiar. É importante considerar que o feirante participa das dinâmicas urbanas, seja na elaboração do mercado como um espaço de trocas e de sociabilidades, seja em suas táticas de reelaborar seu trabalho, pois é esse trabalhador que trará para o espaço urbano os produtos do mundo rural, seja ele um produtor agrícola ou não. Se as feiras e mercados de rua ainda fazem parte da paisagem urbana é porque essa forma de comercializar alimentos permanece plena de sentido para seus habitantes, trabalhadores ou fregueses.

A partir do modelo de desenvolvimento rural, as práticas da agricultura familiar contribuem para geração de renda, controle da inflação e melhoria no nível de sustentabilidade das atividades agrícolas. A agricultura familiar destaca-se por desenvolver culturas variadas e que, apesar da pequena escala, distinguem-se por sua qualidade. Caracterizada por pequenas propriedades, o número de beneficiados com os resultados financeiros também é um diferencial, o que possibilita a geração de renda em regiões distantes de centros industrializados, e oferece alternativa, inclusive, para fixação do homem no campo. Na questão ambiental, que ganha cada vez mais destaque, a agricultura familiar também se sobressai por adotar práticas ambientalmente mais sustentáveis, em função, principalmente de sua característica de produção em pequena escala e por evitar os riscos proporcionados pelas

monoculturas de grandes propriedades. Agregam-se a isso os estímulos à produção de alimentos orgânicos ou obtidos por meio da agroecologia, que conferem aos produtos da Agricultura Familiar diferencial competitivo na busca por qualidade e responsabilidade socioambiental.

Diante disso, evidenciamos que as ruralidades criam oportunidades de trabalho e renda através dos feirantes e da agricultura familiar no mercado do município de Porteirinha/MG. A agricultura familiar pode integrar-se com atividades não agrícolas onde a pluriatividade e a multifuncionalidade ganham seu espaço. As ruralidades demonstram uma capacidade de gerar empregos, contribuindo para a sucessão hereditária. Socialmente, são importantes as ruralidades, por ajudarem a conter o fluxo migratório e também economicamente, as pequenas propriedades agrícolas familiares do município, aprendem cada vez mais ao agregar valor aos seus produtos. As políticas públicas no município de Porteirinha/MG têm concentrado esforços para ajudar e orientar os pequenos produtores rurais no que diz respeito à produção de formas sustentáveis; e a presença atuante do Sindicato dos Trabalhadores Rurais no Município, apresentado nas figuras 21, 22 e 23, demonstram que o associativismo e o cooperativismo são importantes para o sucesso da agricultura familiar e a consolidação das ruralidades.

FIGURA 21 – Sede do Sindicato dos Trabalhadores Rurais na cidade de Porteirinha/MG



Fonte: MENDES,F.F. 2017

FIGURA 22 – Reunião de Capacitação com os agricultores familiares no auditório do STR



Fonte: MENDES,F.F. 2017

FIGURA 23 – Seminário da Agricultura Familiar no Centro Cultural de Porteirinha/MG



Fonte: MENDES,F.F. 2017

O Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município faz a diferença quando o assunto é melhoria de vida do campo; mas nem sempre foi assim. Foi preciso muita luta e coragem para que a entidade representativa dos agricultores familiares fosse de verdade da classe trabalhadora. O STR de Porteirinha foi fundado em junho de 1973. Porém, naquela época, o objetivo da diretoria era muito mais político do que representar a classe dos trabalhadores, segundo Senhor Oscarino, diretor do STR no ano de 2017. Os políticos e poderosos do município dominavam a diretoria da entidade. Um dos poucos serviços prestados era o

atendimento médico com descontos consideráveis para os associados, através de convênios com médicos e hospitais. Quando esses convênios acabaram, ninguém mais procurava o sindicato nem queria mais ser associado.

Começaram a acontecer nas comunidades rurais, reuniões das Comunidades Eclesiais de Base – CEBS. A partir daí, as famílias agricultoras começaram a refletir sobre seus direitos e sobre o poder das entidades representativas como associações e sindicatos, com a ajuda da Comissão Pastoral da Terra – CPT e do programa de rádio da Federação dos Trabalhadores Rurais do Estado – FETAEMG. Foi quando os trabalhadores rurais começaram a se despertar para a luta. Era hora dos trabalhadores rurais tomarem as rédeas da situação e assumirem a entidade. Em 1990, Devanir Mendes Nogueira, presidente da entidade na época, convocou a Assembleia Geral dos associados para propor a reformulação do estatuto. Muita coisa mudou e o novo formato permitiu maior participação de toda a diretoria. Ao invés do presidencialismo que dava total poder para o presidente, foi aprovado o sistema de diretoria colegiada; depois veio nova eleição. O primeiro coordenador geral após a alteração do estatuto foi o agricultor Levi Quaresma dos Santos. A partir de então, o Sindicato passou a ser, de fato, a casa do trabalhador e da trabalhadora rural; mas não foi fácil. O diretor Oscarino Aguiar Cordeiro lembra que nessa época o Sindicato não tinha nenhuma credibilidade e que foi preciso muito trabalho para ser reconhecido como uma entidade séria e que trabalhava para seus associados.

Em 1991, o Sindicato iniciou sua caminhada pela qualidade de vida no campo. Foi quando começaram a atuar em projetos de incentivo às práticas de convivência com o semiárido. Foi muito importante o apoio dos parceiros nessa época, como o Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas – CAA/NM e a CPT. Em 1994, através de convênios firmados com entidades nacionais e internacionais, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Porteirinha foi o primeiro sindicato do Norte de Minas Gerais a contratar assistência técnica para as famílias agricultoras. Desde então, foram muitos trabalhos pela valorização da agricultura familiar e começaram a ser realizadas capacitações e oficinas sobre agroecologia e troca de experiências. Por meio dos convênios estabelecidos, o Sindicato pôde acompanhar as propriedades rurais. Além do técnico, foram contratados como monitores alguns líderes comunitários e agricultores que tinham a função de colaborar e orientar o trabalho das famílias agricultoras. Esses monitores contribuíam compartilhando conhecimento sobre agroecologia e uso de adubos orgânicos, conservação e manejo do solo, curvas de nível, controle natural de pragas e doenças e outras práticas sustentáveis.

Com as reuniões e atividades comunitárias, foi fortalecido o trabalho de valorização das sementes crioulas. Muitas variedades de sementes que estavam perdidas, principalmente de feijão e milho, voltaram a aparecer. Também muitas variedades de mandioca foram resgatadas. Com essas visitas e trocas de experiências, muita sabedoria popular do homem e da mulher do campo foi resgatada. Em cada grotão, furado, pé de serra e em todo lugar do município, encontravam-se sempre poetas, tocadores, grupo de reis, parteiras, cantadores de versos, modas e cantigas de roda, guardiões de sementes e da cultura popular. Essas práticas foram se incorporando nas lutas do Sindicato, o jeito caatingueiro de ser, com seus valores e cultura.

Em 1999, foi criado o Fórum de Desenvolvimento Sustentável do Norte de Minas. O Fórum é um espaço de discussão das organizações da sociedade civil e movimentos populares para discutir um modelo de desenvolvimento econômico, político, ambiental e cultural com mais justiça social. Nessa mesma época, foi criada a ⁴Articulação no Semiárido Brasileiro-ASA, e também formada a Articulação a nível estadual, a ASA Minas. Por meio da articulação, fortaleceu-se a luta por práticas agroecológicas sustentáveis e de convivência com o semiárido. Novas parcerias foram feitas e mais projetos para a melhoria da vida no campo foram realizados. Depois foi criada a Cooperativa Agroextrativista Grande Sertão, para que as famílias agricultoras pudessem comercializar seus produtos. Além de Porteirinha, participaram outros cinco municípios, sendo de cada município, cinco comunidades. Nas comunidades, eram feitos levantamentos até das quantidades de pés de frutas nativas do campo.

Já em 2007, o Sindicato adquiriu nova sede. Com estrutura para grandes encontros, salão para reuniões e eventos, mas principalmente para melhor atender aos trabalhadores e trabalhadoras rurais. No mesmo ano foi realizada nova mudança estatutária, o que permitiu a atuação do Sindicato em todo o semiárido mineiro. Com essa abertura, a entidade pôde buscar

⁴ A ASA é uma rede que defende, propaga e põe em prática, inclusive através de políticas públicas, o projeto político da convivência com o Semiárido. É uma rede porque é formada por mais de três mil organizações da sociedade civil de distintas naturezas – sindicatos rurais, associações de agricultores e agricultoras, cooperativas, ONG's, etc. Essa rede conecta pessoas organizadas em entidades que atuam em todo o Semiárido defendendo os direitos dos povos e comunidades da região. As entidades que integram a ASA estão organizadas em fóruns e redes nos 10 estados que compõem o Semiárido Brasileiro (MG, BA, SE, AL, PE, PB, RN, CE, PI e MA). Sua missão é fortalecer a sociedade civil na construção de processos participativos para o desenvolvimento sustentável e a convivência com o Semiárido referenciados em valores culturais e de justiça social. E a ASA fortalece a sociedade civil mobilizando-a. Uma das estratégias que a Articulação utiliza para a mobilização social é a Comunicação Popular, assim como processos de sistematização de experiências e de intercâmbio entre as famílias agricultoras, que promovem a construção coletiva do conhecimento. Fonte: <http://www.asabrasil.org.br>. Acesso em out. 2018.

novos projetos para a melhoria da qualidade de vida do homem e mulher do campo. Hoje, o STR de Porteirinha é uma entidade forte. Além de encaminhar processos de previdência social como aposentadorias, auxílio maternidade, auxílio doença, auxílio reclusão e pensão por morte; influencia diretamente nas políticas públicas para as famílias agricultoras. Possui assento em importantes Conselhos municipais e regionais que ajudam a elaborar e a decidir sobre políticas públicas para as famílias agricultoras.

Uma das lutas mais importantes do Sindicato, desde a sua retomada pelos trabalhadores e trabalhadoras rurais, é a valorização da mulher. O sindicato participou da luta para conquista de muitos direitos dos trabalhadores rurais e principalmente da mulher do campo, inclusive no incentivo de filiação da agricultora. Hoje, o Sindicato acompanha e incentiva grupos produtivos de mulheres e participa ativamente das lutas e desafios do movimento feminista. Através de projetos e capacitações são acompanhados dezenas de apicultores no município e região. As produções de mel, própolis e cera têm sido importantes como fonte de renda e segurança alimentar e nutricional. Por meio de parceria com o SENAR, Serviço Nacional de Aprendizagem Rural, são realizados diversos cursos de formação social, capacitação e qualificação profissional nas comunidades rurais. Também foram implementadas centenas de hortas e quintais agroecológicos, que além de alimento de qualidade, geram saúde, renda e conhecimento sobre a preservação ambiental. São realizadas capacitações e cursos para as famílias agricultoras sobre controle natural de pragas e doenças, aproveitamento dos recursos da propriedade, bem como a importância das sementes crioulas.

Atualmente, um dos mais importantes trabalhos do Sindicato é o Programa de Formação e Mobilização Social para Convivência com o Semiárido em parceria com a ASA. Por meio do ⁵Programa Um Milhão de Cisternas – P1MC, em parceria com o CAA, foram construídas mais de 206 (duzentas e seis) cisternas de placas, tecnologia também conhecida

⁵ O Programa Um Milhão de Cisternas – P1MC constrói cisternas de captação e armazenamento da água da chuva com capacidade para 16 mil litros, através de mutirões a partir da mobilização social. Oferece, assim, água de qualidade a milhares de famílias agricultoras de todo o semiárido brasileiro. A cisterna, ou caixa-d'água como é conhecida pelas famílias agricultoras em Minas Gerais, é uma tecnologia simples, de baixo custo e adaptável a qualquer região. É feita de placas pré-moldadas, construídas pela própria comunidade e serve para armazenar a água da chuva colhida através de calhas afixadas nos telhados das casas. Fonte: <http://www.asabrasil.org.br>. Acesso em out. 2018.

como caixas d'água para armazenamento de água da chuva, captada através do telhado, conforme indicado na figura 24, a seguir:

FIGURA 24 – Caixas d'água instaladas pelo P1MC no município de Porteirinha/MG



Fonte: Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Porteirinha –STR, 2017.

Esse programa garante água de qualidade para famílias agricultoras beberem e cozinarem. Outro programa executado em parceria como o CAA e com a Cáritas Regional Minas Gerais é o Guarda-Chuvas, que já construiu 60 (sessenta) cisternas de placas só no município de Porteirinha. Já o ⁶Programa Uma Terra e Duas Águas – P1+2 veio para garantir a segurança alimentar e nutricional das famílias agricultoras através do armazenamento de

⁶ Com o intuito de ampliar o estoque de água das famílias, comunidades rurais e populações tradicionais para dar conta das necessidades dos plantios e das criações animais, a ASA criou em 2007 o Programa Uma Terra e Duas Águas, o P1+2. O nome do programa faz jus à estrutura mínima que as famílias precisam para produzirem – o espaço para plantio e criação animal, a terra, e a água para cultivar e manter a vida das plantas e dos animais. O P1+2 integra o Programa de Formação e Mobilização Social para a Convivência com o Semiárido, da ASA. Esse programa-guarda-chuva congrega também o Programa Um Milhão de Cisternas, o P1MC. Os objetivos do P1+2 são promover a soberania e a segurança alimentar e nutricional das famílias agricultoras e fomentar a geração de emprego e renda para as mesmas. A estratégia para alcançar esses objetivos é estimular a construção de processos participativos para o desenvolvimento rural do Semiárido brasileiro. Fonte: <http://www.asabrasil.org.br>. Acesso em out. 2018.

água da chuva para produzir alimentos. O Sindicato é gestor e executor desse Programa, o que faz com que a entidade se fortaleça cada vez mais. Hoje o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Porteirinha é uma entidade madura, pois atualmente o Sindicato dialoga tanto com organizações populares, como também com as organizações governamentais. Todavia, urge, pois que se desenvolvam políticas ainda mais eficientes e perspicazes de modo a estimular o pequeno produtor rural. Não falta conhecimento; faltam mais recursos e técnicos para um acompanhamento mais constante junto ao pequeno produtor rural. Nessa perspectiva, que destacamos no próximo tópico o mercado de Porteirinha/MG, como um espaço de sociabilidade.

3.1. A FEIRA E O MERCADO: ESPAÇO DE SOCIABILIDADE

As relações comerciais que se dão no espaço da feira explicam-se pelas relações entre pessoas e coletividades, o que não restringe o seu caráter a uma relação estritamente comercial. Para além de uma simples compra e venda de produtos, a compra se estabelece a partir dos laços de amizade e de parentesco. O espaço da feira constitui-se como um lugar simbólico recoberto de sentimentos, palco de diferentes representações sociais, o que propicia a manutenção e fortalecimento dos vínculos familiares e de amizade, por sua vez, essenciais à reprodução social das famílias dos feirantes.

A feira no Mercado Municipal de Porteirinha/MG é uma forma espacial de comércio tradicional na cidade, realizada às sextas-feiras e sábados, conforme ilustra a figura 25. A oferta de diferentes mercadorias, como produtos hortifrutigranjeiros, derivados do milho e leite, artesanatos e alguns industrializados atrai um número considerável de pessoas, de diferentes segmentos sociais, de cidades circunvizinhas e outras comunidades rurais, que além de comprarem os produtos, também se apropriam do espaço para encontros e diversão.

FIGURA 25 – Feira no Mercado Municipal de Porteirinha/MG

Fonte: MENDES,F.F. 2018

Além dos pressupostos econômicos, a feira livre desempenha o papel de ponto de encontro e de reafirmação de culturas, onde o vivido e a experiência em grupo, seja na produção, seja no consumo, traduzem modos de vida. Esse modo de viver envolve, sobretudo, manifestações econômicas, sociais e culturais que se materializam no espaço do mercado. A feira movimenta a cidade em termos espacial, econômico e cultural; ou seja, embora apresente uma essência econômica como já dito anteriormente, a feira preenche também uma função social, enquanto veículo de comunicação e expressão da cultura do povo, por se configurar como lugar de encontro, reencontro e de lazer para os que ali vivem e para os que por ali passam.

A feira modifica e desenvolve o espaço sob diversas formas de relações sociais. Da economia à cultura, possuem uma infinidade de perspectivas e finalidades tanto para quem comercializa quanto para quem consome. Dessa forma, a feira no Mercado Municipal de Porteirinha/MG pode ser compreendida como espaço fundamentalmente diversificado, cujos saberes e vivências constituem a identidade daqueles que dela participam. Enquanto veículo de comunicação resiste na modernidade pelo seu caráter popular e cultural e como expressão do povo.

3.2. OS FEIRANTES DO MERCADO MUNICIPAL COMO OBJETO DE ANÁLISE

Para compreender o olhar dos feirantes sobre as ruralidades, a lógica da organização espacial que está presente nas trocas sociais que acontecem entre os feirantes e frequentadores do Mercado Municipal da cidade de Porteirinha/MG, assim como o significado que este tem para a reprodução econômica e social das famílias; buscou-se, inicialmente, observar e visitar esse espaço físico e social. Barbosa (2002) destaca que a principal característica de um mercado é o lugar certo, a periodicidade, o horário; isto posto como instrumento de comércio. E explica ainda:

A diferença entre o mercado e a feira está no tempo que decorre a realização de cada um. O mercado se refere a encontros que se repetem a curtos intervalos, diários, semanais, isto é, fazem parte de curtos ciclos de troca. Quando os períodos são de três, seis ou doze meses, chamamos feiras. (BARBOSA, 2002).

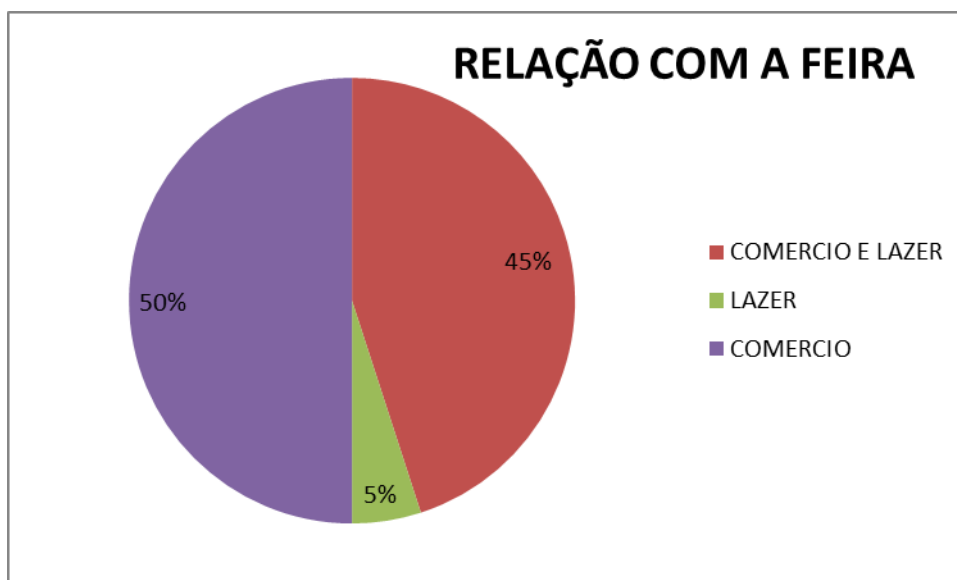
Por ser uma característica própria de Minas Gerais, é possível afirmar que em todos os municípios mineiros, existem feiras ou mercado, seja de grande ou pequeno porte. A permanência dos mercados como um lugar fixo e imutável constrói uma relação de pertencimento e, ao mesmo tempo, de extensão da casa para o agricultor e os consumidores. O Mercado Municipal de Porteirinha/MG tem funcionado como um lugar de trocas entre o rural e o urbano. E é baseada nessa percepção, que nossa inserção empírica ocorreu inicialmente através do trabalho de campo. A partir de visitas, compras e conversas no mercado com os feirantes conseguimos nos aproximar deles para apresentar os objetivos da pesquisa. Posteriormente a essa aproximação, os feirantes demonstraram interesse em contribuir com o estudo. Entretanto, é importante ressaltar que alguns feirantes ficaram receosos com essa aproximação, alegando que tínhamos o interesse de fiscalizá-los e nos perguntavam se éramos funcionários da prefeitura. Assim, a etapa de observação teve como objetivo: obter informações e conhecer a dinâmica espacial da feira no mercado, os seus atores sociais e as relações sociais estabelecidas entre eles como os sentimentos que permeiam essas relações, e também aspectos que apontavam a presença das ruralidades neste espaço.

Em continuidade, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os feirantes com o intuito de se compreender os significados que a feira tinha para eles; as relações com os seus frequentadores e com os outros feirantes e a participação de membros familiares nessas atividades, dentre outros. Entre o grupo dos feirantes, distintos perfis socioeconômicos e culturais estão associados a diferentes variáveis: situação no trabalho (se é dono do negócio

ou contratado, se é um negócio familiar ou não), dimensão do negócio, origem (urbana ou rural), tipo de produto vendido (agropecuário, industrializado, artesanato), dentre outros.

Portanto, uma das questões direcionadas aos feirantes, no mercado pesquisado, foi: Qual a sua relação com a feira? 45% dos entrevistados responderam que era tanto para o comércio como para o lazer; 50% disseram que era simplesmente para o comércio, como podemos observar no Gráfico 01. Nesse sentido, fizemos um esforço para entender o que seria lazer para eles; aí, as respostas foram diversas. Para dona Isabel Barbosa, da comunidade Serrado: “ Se eu não vim na feira acho que adoço” (sic). Para o senhor José Maria dos Santos, da comunidade Curral Velho: “Vir na feira é uma alegria, onde eu vendo os produtos e converso com as pessoas; não fico sem fazer nada dentro de casa e ainda compro minhas coisinhas para casa, parece uma festa. ” (Entrevista realizada em 09/03/2018, na feira do Mercado Municipal de Porteirinha).

Gráfico 01: Relação do agricultor com a feira

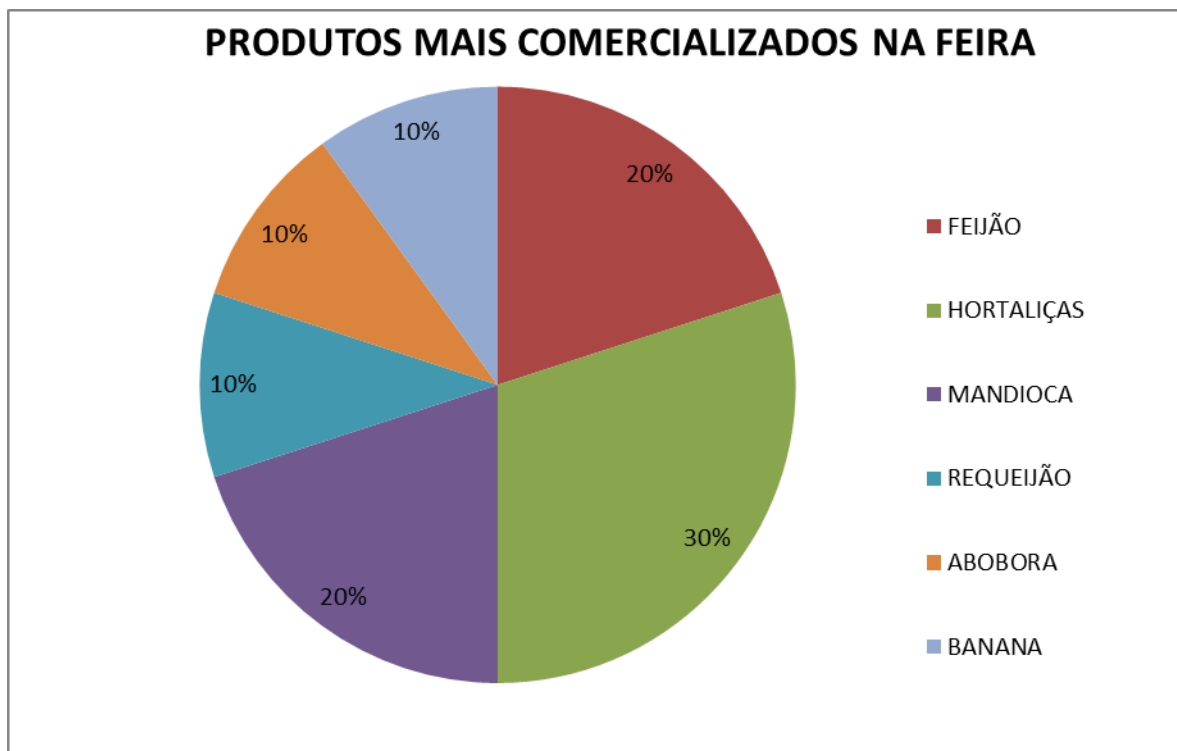


Fonte: MENDES, F.F (2018)

Para a grande maioria dos agricultores entrevistados, a tradicional feira no Mercado Municipal é quase a única forma de escoar sua mercadoria e ter uma renda garantida por semana; e é também um lugar de sociabilidade. Esse local serve tanto para o agricultor ou para o consumidor, como é também um lugar de várias utilidades; também se configura como um lugar de trocas diversas, como a de um produto por outro. O senhor Valdivino da Costa da

comunidade Serrado, relatou assim: “Faço uma hortinha no meu terreno e vendo aqui pra comprar arroz e açúcar”.

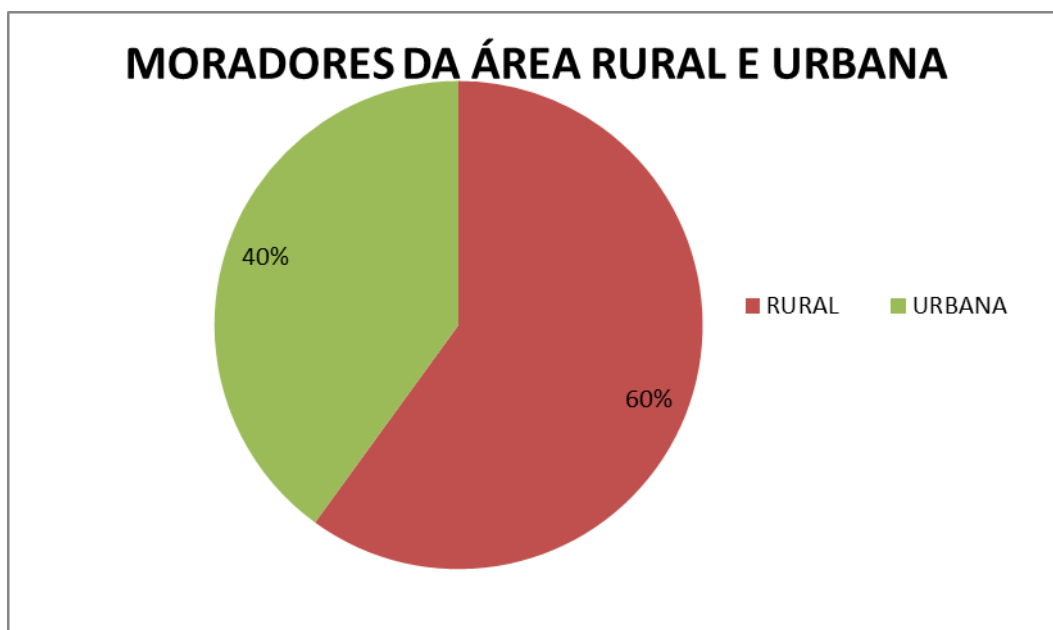
Gráfico 02: Produtos mais comercializados na feira



Fonte: MENDES, F.F (2018)

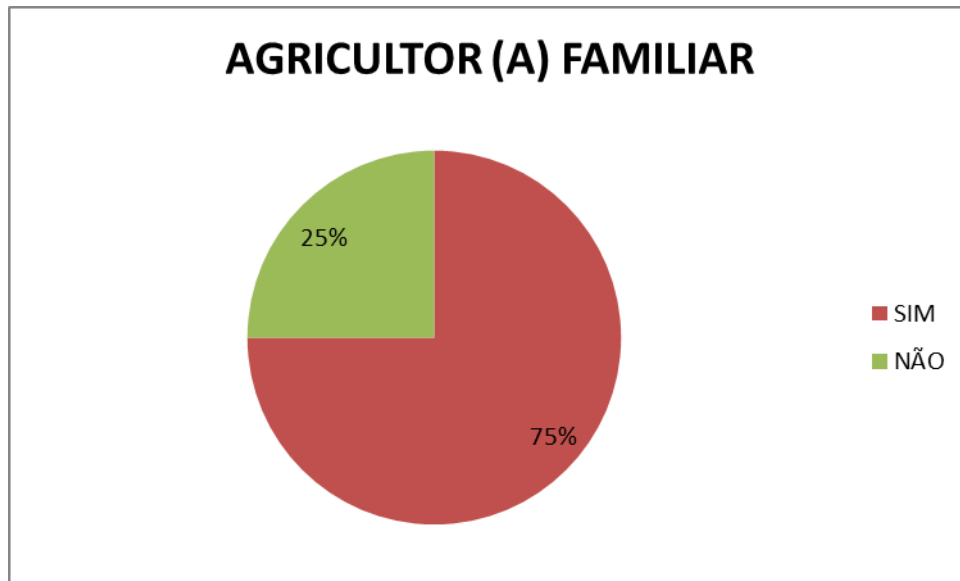
Com base nessa configuração espacial de trocas e sociabilidade é possível inferir que, em grande parte dos municípios norte-mineiros, a comunidade rural é igual ou maior do que a urbana, evidenciando a influência e presença das ruralidades também no município de Porteirinha/MG. Percebemos que ocorre uma articulação entre as comunidades rurais com a área urbana, o que facilita a comunicação entre as mesmas, como podemos observar no Gráfico 03, apresentado a seguir, que está de acordo com o que aponta Silvestre (2008):

Em Minas Gerais, principalmente nos municípios de economia rural do semi-árido, as feiras livres fazem parte da paisagem e da dinâmica de produção e consumo, sendo um dos pontos de integração entre a cidade e o campo, mantendo assim uma dinâmica marcadamente intersetorial. (SILVESTRE, 2008, p.5).

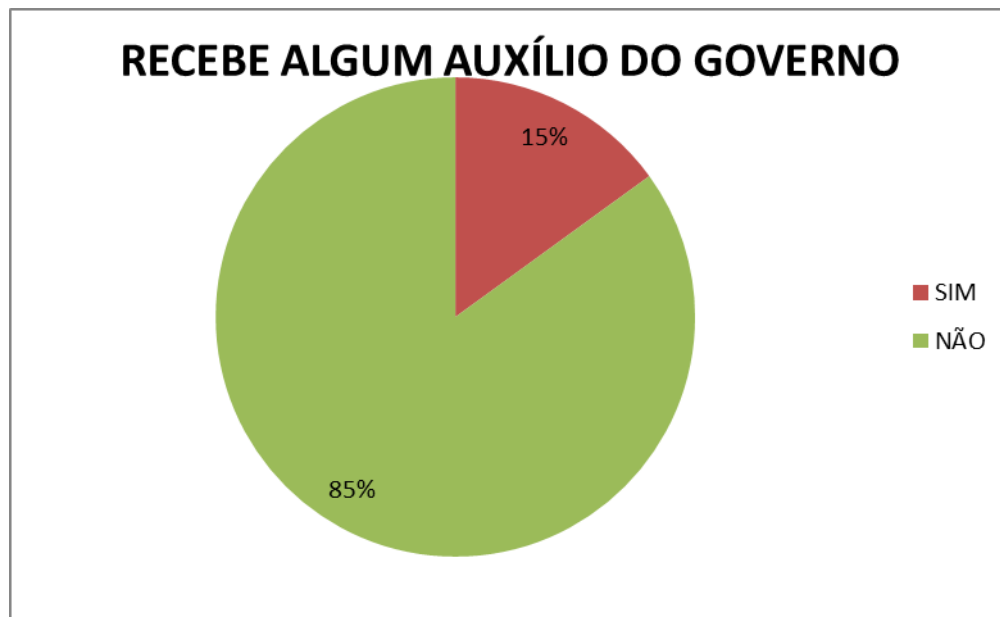
Gráfico 03: Moradores da área rural e urbana

Fonte: MENDES, F.F (2018)

Os mercados e as feiras, além de possuírem diversidade de atendimento da população, explicitamente, da população rural, claramente, atendem aqueles que teriam dificuldade de colocar seus produtos em outros canais de comercialização. Em grande parte, o agricultor familiar coloca-se na feira como um comerciante e, naquele momento, exerce outra atividade, que é trabalhar a terra. As feiras apresentam-se como importantes canais de comercialização dos produtos oriundos da agricultura familiar. Por isso, é notório nos Gráficos 04 e 05, que 75% dos feirantes reconhecem-se como agricultores familiares e que a renda obtida na venda dos produtos na feira do Mercado Municipal representa uma importância significativa para a sobrevivência das famílias e permanência dos produtores, uma vez que grande parte dos produtores não recebem nenhum tipo de auxílio do Governo. Portanto, a feira possui um grande potencial como espaço de comercialização e relações sociais, bem como em termos de viabilização do comércio local, geração de ocupações e renda e de possibilidades de controle sobre a procedência dos produtos.

Gráfico 04: Reconhecimento enquanto agricultor familiar

Fonte: MENDES, F.F (2018)

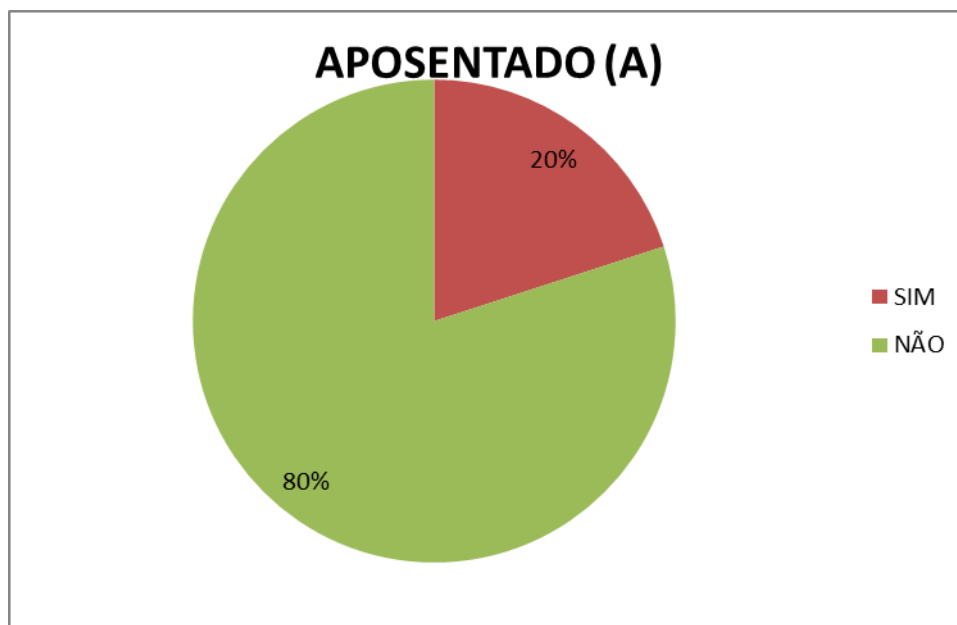
Gráfico 05: Recebe algum auxílio do Governo

Fonte: MENDES, F.F (2018)

O mercado é um local privilegiado por ter uma dimensão social e cultural para a ação pública e comunitária ao congregar uma grande quantidade e variedade de pessoas em um evento periódico. Devido ao fato de os feirantes possuírem atividades produtivas e comerciais múltiplas, foi possível constatar que 80% dos entrevistados não possuem aposentadoria,

conforme é apresentado no Gráfico 06, o que confirma a importância da feira na garantia de sobrevivência alimentar das famílias.

Gráfico 06: Recebe benefício da aposentadoria



Fonte: MENDES, F.F (2018)

Por ser a venda e escoamento das mercadorias para uma maioria considerável dos feirantes um compromisso de garantia de renda para as famílias dos agricultores; esses produtores têm consciência da importância da manutenção desse espaço para a sua conservação econômica e social. Ao observar a organização sócio-espacial da feira no Mercado Municipal de Porteirinha/MG, é possível ver retratado, nesse espaço, o sentido de lugar tratado por Santos (2004), pois, lá, podemos mergulhar nessa relevância e nessa dinâmica. Ao longo da pesquisa, podemos afirmar que, para os feirantes e até alguns frequentadores da feira, esse lugar é como um lugar de vivência e de convivência, onde as compras semanais são realizadas, mas o maior sentido é a sua representatividade.

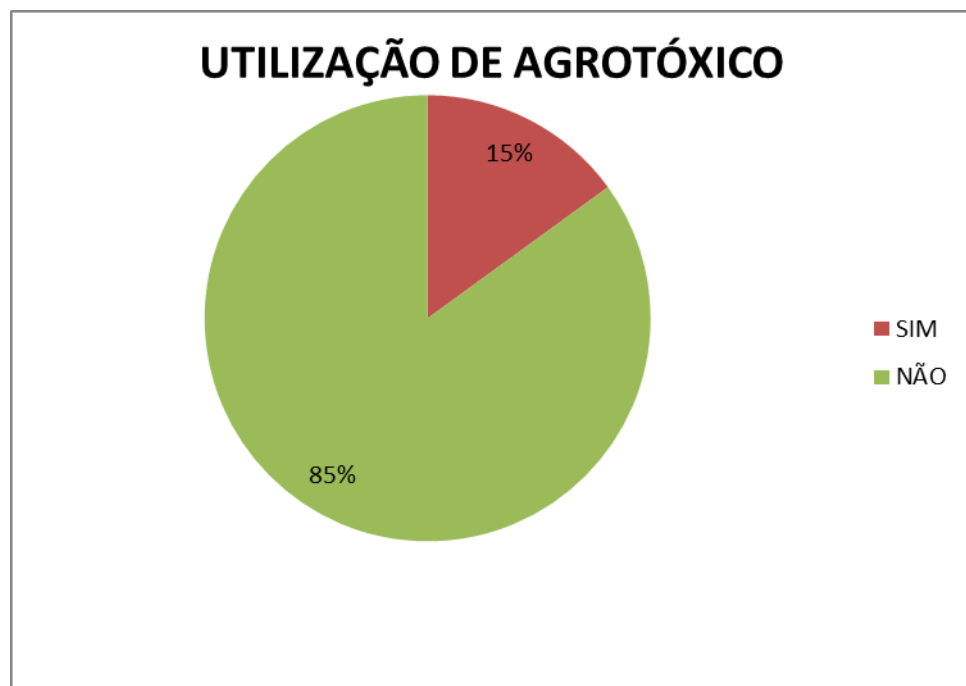
Na feira estudada é possível encontrar produtos oriundos da agricultura familiar, conforme a figura 26 ilustra e, com menor quantidade de agrotóxicos segundo a afirmação dos entrevistados; ou para sustentar a população de baixa renda, que pode também encontrar produtos mais baratos principalmente no final da feira, pois o agricultor não volta com o seu produto para a sua casa; prefere vender mais barato no final da feira. Nas palavras do senhor José Nunes, da comunidade de Barreiro Dantas, com opinião em relação ao uso de agrotóxico em sua produção, afirma: “Não coloco, pois se eu colocar prejudica eu”. Essa análise reforça a importância desses locais para o urbano e para o rural.

Figura 26: Venda de produtos de origem da Agricultura Familiar



Fonte: MENDES, F.F (2018)

Gráfico 07: Utilização de algum tipo de agrotóxico

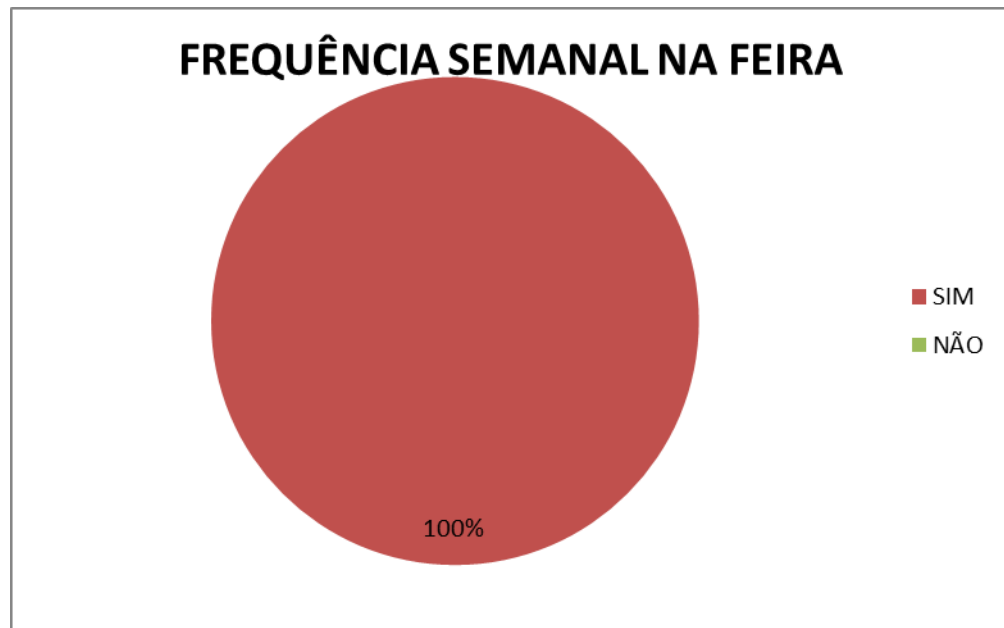


Fonte: MENDES, F.F (2018)

Vários foram os relatos em que o mercado aparece como ponto de encontro das pessoas; encontros de amizade, de comércio, de conversa entre comadres e compadres, de

informação, de acerto e divulgação de festas tradicionais e religiosas nas comunidades rurais. Quando indagados sobre qual era a periodicidade de frequência da feira, os feirantes responderam que sempre vão, todas as semanas, como podemos observar no Gráfico 08:

Gráfico 08: Frequência na feira



Fonte: MENDES, F.F (2018)

A frequência semanal dos agricultores torna esse local em um lugar de pertencimento e de encontro das comunidades, sejam elas rurais ou urbanas. O mercado favorece a união de pessoas e suas relações sociais.

Nesta perspectiva, a feira tradicionalmente estabelecida no Mercado Municipal de Porteirinha/MG reflete a forma de transformação e dinâmica sócio-espacial deste município. Portanto, o papel fundante desse setor da economia é ser um lugar de conversas e de troca de experiência entre as pessoas, tanto do meio rural quanto do urbano; é mais predominante nas pequenas cidades rurais, as quais ainda trazem as características de mercado como o local voltado para atender uma população rural que, em função dos seus produtos, faz a interação perfeita entre cidade e campo. Esta interação produz um conhecimento generoso para todos os envolvidos.

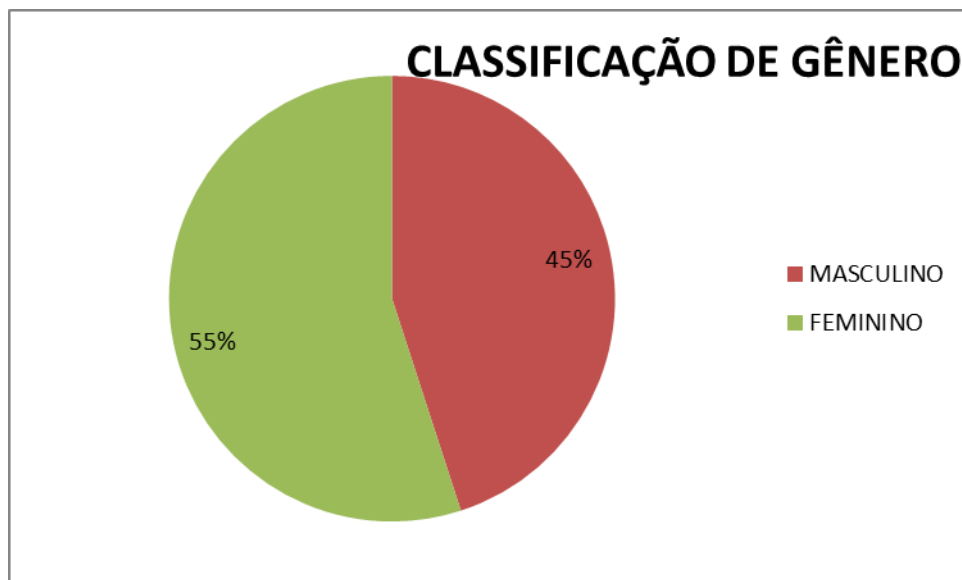
As observações diretas e as entrevistas com os feirantes confirmaram os nossos pressupostos, ao evidenciarem que, para além de um espaço de trabalho – para muitos – única forma de sobrevivência, a feira é também um lugar simbólico recoberto de sentimentos, palco

de diferentes representações sociais e que confirma a influência e presença das ruralidades nesse espaço. É também um local que permite a manutenção dos laços de amizade, familiares e divertimento/lazer.

3.2.1. O PAPEL DO HOMEM E DA MULHER NO ESPAÇO SOCIAL DO MERCADO

A relação hierárquica dentro das famílias rurais, cuja base material se ancora na divisão sexual do trabalho, está condicionada socialmente através de vivências, símbolos e representações, e se reproduz no cotidiano da dinâmica familiar. Logo, por se tratar de um espaço de relações e manutenção familiar, o espaço social do Mercado Municipal de Porteirinha/MG permite-nos destacar o papel preponderante do homem e da mulher na garantia alimentar da família enquanto agricultores familiares e considerar as transformações do rural contemporâneo. A participação feminina e masculina na feira pode ser representada no gráfico seguinte.

Gráfico 09: Participação feminina e masculina na feira



Fonte: MENDES, F.F (2018)

Devido à divisão de gênero nas atividades, usualmente cabe ao homem à responsabilidade do trabalho produtivo da agricultura e à mulher, o trabalho relativo aos cuidados domésticos. Todavia, devido à metamorfose advinda ao meio rural pela modernidade, as atividades das mulheres rurais não estão apenas circunscritas aos trabalhos

domésticos, pois elas também realizam atividades nas lavouras e na produção de alimentos. Dentro desse contexto, podemos afirmar que a realidade das mulheres no âmbito rural é marcada por muito trabalho e pouco reconhecimento. Foi com esse intuito da busca pelo reconhecimento e valorização da mulher no rural, que foi elaborada a “Marcha das Mulheres”, e em Porteirinha com cidades circunvizinhas da região, aconteceu a “IV Marcha das Mulheres” com o apoio do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, registrada nas Figuras 27,28, 29 e 30 seguintes.

Figura 27: IV Marcha das mulheres na cidade de Porteirinha/MG



Fonte: Fonseca (2013)

Figura 28: Participação do STR de Taiobeiras na IV Marcha das mulheres na cidade de Porteirinha/MG



Fonte: Fonseca (2013)

Figura 29: Participação do CEMTR/MG na IV Marcha das mulheres na cidade de Porteirinha/MG



Fonte: Fonseca (2013)

Figura 30: Participação de comunidade idosa feminina na IV Marcha das mulheres na cidade de Porteirinha/MG



Fonte: Fonseca (2013)

No ano que aconteceu a Marcha (2013), organizadores do evento disseram que estiveram presentes mais de 3.000 mulheres, que marcharam pelas ruas da cidade pelo fim da violência doméstica, contra a discriminação e pela garantia dos direitos de acordo a ilustração das Figuras 31, 32 e 33. Na abertura do evento, estiveram presentes diversas lideranças, dentre elas, a senhora Maria de Lourdes de Souza Nascimento, presidente da Associação do Coletivo de Mulheres do Norte de Minas.

Figura 31: Participação de diversas mulheres na IV Marcha das mulheres na cidade de Porteirinha/MG



Fonte: Fonseca (2013)

Figura 32: Participação da FETAEMG-TB-CEMTR/MG



Fonte: Fonseca (2013)

Figura 33: Participação do STR de Rio Pardo de Minas na IV Marcha das Mulheres na cidade de Porteirinha/MG



Fonte: Fonseca (2013)

Essa Marcha ou luta realizada em favor do reconhecimento e visibilidade das mulheres é relevante, pois geralmente o trabalho realizado pelas agricultoras no âmbito produtivo é visto como “ajuda” ao marido ou à família, mesmo quando as agricultoras trabalham tanto quanto seus maridos ou executam as mesmas atividades que eles. As atividades agrícolas exercidas por elas são vistas como uma extensão intrínseca às suas atribuições de mãe e esposa e, muitas vezes, recebem pouca ou mesmo nenhuma remuneração pelas atividades executadas. Essa realidade é evidenciada na fala de ‘Dona Lurdes’, que fala sobre a importância do papel da mulher na prática da Agricultura Familiar e manutenção do Desenvolvimento Rural em sua participação na Mesa Redonda do Colóquio de Geografia da Universidade Estadual de Montes Claros/MG.

“Sou agricultora familiar sou do município de Porteirinha da comunidade chamada Mucambo da Onça, mas a única onça que tem lá é eu mesmo não pega nada (risos) não assusta ninguém. Mas é, eu queria começar minha fala, dizendo o seguinte além de tá fazendo parte de comissão Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Porteirinha hoje eu sou coordenadora do Pólo regional do norte de Minas que é uma responsabilidade maior. Mas o que me traz aqui é uma coisa muito além de tudo isso. E eu queria iniciar, começar fazendo uma

pergunta pra vocês: Alguém gostaria de fazer uma leitura e dizer o que que acha da agricultura familiar sem demagogia? (resposta) ninguém, há porque é assim o, a gente sabe que quando a maioria das pessoas quando vai falar da agricultura familiar, a primeira coisa que aparece na cabeça pensando no campo é cheio de miséria, de tristeza, de atraso, de ignorância a primeira coisa que vem quando vem quando passa assim pela cabeça e quando a gente vai pensar um pouquinho aí começa a fantasiar uma outra coisa aí eu comecei a pensar assim gente, como eu vou falar para um grupo de acadêmicos sobre esse assunto pesquisar algumas coisa tem muita coisa que parece na mídia toda hora eles estão entrando na mídia pra achar o conceito disso, mas qual é o meu conceito? Então assim eu comecei a rabiscar algumas coisas, quando eu terminei que eu li, falei mas ficou poético, ficou parecendo uma poesia. E assim o meu conceito é: Ser agricultor é fazer o seu próprio horário é madrugar pra na hora que quiser trabalhar até a noitinha, mas dormir até mais tarde se quiser então é fazer o seu próprio horário, fazer o seu tempo do seu jeito. É se apaixonar quando ver a Terra molhada, quando a chuva cai você sente o cheiro da Terra molhada, aí você tá muitas vezes hoje como liderança né fica representando a agricultura familiar em outros espaços que chove quem tá aqui em Montes Claros dentro de uma sala de escritório, aí 'cê' fica com aquela paixão que queria tá lá na Terra, sentindo o cheiro da Terra molhada. E aí é se apaixonar também quando você coloca a semente na Terra, 'cê' coloca ela na Terra pra germinar, sem medo de perder, porque às vezes a gente empolga tanto que a gente coloca a semente lá e aí vem um veranice em seguida que não era a chuva certa de planta, você vai La e planta e perde a semente mas você não tem medo, chove de novo e você sente o cheiro da Terra e torna replantar sem medo de fazer isso.

As atividades realizadas pelas agricultoras em seus cotidianos são essenciais para a subsistência biológica e socioeconômica das famílias, para o bem-estar, para a segurança alimentar e preservação do meio ambiente, segundo 'Dona Lurdes' que continua relatando:

(...) “Agora tem uma coisa que né que esse medo, pra gente não ter esse medo precisamos ter uma coisa que é um dos desafios que a gente traça, vem traçando já algum tempo e com alguns deles muito interessante é ter autonomia da semente, porque se toda vez que chover você precisar ir no mercado comprar um pacote de semente acompanhando a tecnologia que aí está você não ‘guenta’ é muito caro e os agricultor familiar é isso, você tem que ter autonomia de sua semente, você planta lá, pode plantar quantas vezes precisar sem medo de errar ou de perder né, porque uma coisa que não é permitido pra gente é perder o molhado, a gente tem que aproveitar todo o molhado que cai na Terra, aí com esses pacotes de tecnologias que tem aqui é importante, não deixa de ser importante, mas a gente tem que ter alguns cuidados, esse desenvolvimento que aí está que não é um desenvolvimento com facilidade para o agricultor familiar, porque os pacotes tecnológicos são muito caro e aí o agricultor familiar não consegue se manter no mercado né do jeito que aí esta. Outra coisa que é muito interessante pra gente é o seguinte, o agricultor familiar não se permite né, a gente mesmo não se permite a plantar uma única cultura, pra nós o que é interessante e o que é real de fato é as diversificação da sua produção né, é plantar de tudo, tanto é que eu tenho Terra minúscula muito pequena, mas lá planta feijão, arroz, o sorgo, a mandioca, a palma. Diversas coisas é plantada no mesmo espaço e o andu né, quando você termina de ter uma colheita que você termina de colher o feijão verde que é a época boa tem as famosas farofinhas que todo mundo tanto gosta né então tudo isso junto com esses plantios tecnológicos não dentro dessa diversidade dessa agricultura familiar cultiva e exercita vem também a criação de diversos tipos de animais de pequenos animais principalmente porco, galinha né, vem a produção de ovo né, vem o gadinho, a vaquinha de leite que é necessário na propriedade rural, a criação de abelha, o cabrito que não é uma cultura mineira mas ela é muito interessante para agricultura familiar e entre outras coisas né. E aí quando tem um período no ano que a atividade ela é muito intensa, como eu falei no início a gente não é permitido, a gente perder chuva né, perder molhada, então nego rala muito trabalha até mais de dezoito horas por dia porque a gente tem que aproveitar todo tempo que se tem pra aproveitar esse molhado e é muito

intensa as atividades em todos os sentidos e aí depois que se passa tem outro período interessante também muito interessante (pega pra mim por favor Braulino), que é o aproveitamento da colheita e o armazenamento de tudo que você produziu que tem que ser feita com muito carinho, muito cuidado é porque ali você vai tirar a sustentação pra frente. Na sequência quando você termina esse armazenamento, que aí nós temos várias formas de armazenamento, o mais usado hoje confimergista que cês sabe como é, coloca lá debaixo de uma lona e rebuça e tal. Mas a cinza da bosta de gado é super interessante pra fazer esse armazenamento sem prejuízo, sem perca e sem contaminação de seus alimentos, a cinza da bosta de gado, nós temos também o vedamento do tambor, quando você coloca no tambor ascende uma vela e coloca lá dentro pra percolagem, tecnologias sociais que funcionam então esse período de armazenamento é muito importante também. E aí na sequência vem a agregação de valores como é que isso acontece, aí a agricultura familiar vai pegar os grãos que colheram, separam suas sementes primeiramente né, separa suas sementes, armazenam separadamente e aí transforma o grão, os grãosinhos tirados para alimentação além do feijão, arroz, café lugar colhe arroz outros não, mas aí o resto é transformado na carne, no ovo, na 'gurdura' que vira biscoito, no queijo. No requeijão, no doce e etc. Essa é a agregação de valor por trás dessa agregação de valor tem uma classe de gente muito importante, 'cês' imagina quem é que tá por trás dessa agregação de valor, adivinhem as mulheres, as mulheres porque esse trabalho mais delicado, quem sempre tem a mão mais delicada, mais acolhedora, mais cuidadosa somos nós mulheres, nada contra 'cês' viu homens mas esse carinho que é dado nessa agregação de valor pra fazer o queijo, o requeijão, o de bicar as galinhas no terreiro, olhar se as porcas vai parir, além de tudo que ela ajudou na produção na roça né, elas estão por trás disso tudo. A outra coisa que a agricultura familiar já fazia e faz só que agora recentemente a gente descobriu um nome muito interessante pra ele, essa história de agroecologia, a gente já fazia há muito tempo, só que a gente não sabia disso, não tinha um nome bonito assim agora a gente descobriu que o que a gente já fazia há muito tempo se chamava ecologia, a questão da diversidade, do cuidado com a Terra, a queda do uso de veneno

algumas produções né, então assim a agricultura familiar veio alienada por uso do agrotóxico durante um tempo, mas eu tenho a felicidade e o prazer de dizer: Eu faço parte de alguns grupos que fazem bem a mesma produção e sem usar o agrotóxico nenhum na sua produção, eu faço parte desse grupo e tenho muito orgulho de dizer que na nossa propriedade hoje ela tem mais de vinte anos não usou mais uma gota de agrotóxico nenhum na nossa propriedade e nem fogo e nem fogo, química nenhuma, a gente usa na nossa Terra as técnicas dos antepassados que era preservar a Terra, joga o bagaço lá pra alimentar a Terra e deixar os microorganismos também sobreviver, eles são minúsculos a gente nem vê eles, mas a gente dá importância deles.” (...)

As mulheres exercem um papel fundamental como agentes nas estratégias de manutenção e reprodução da agricultura familiar, apesar de sua situação de desigualdade frente aos homens. E ainda nas palavras de ‘Dona Lurdes’, a mulher precisa fazer muito mais, frente a essa necessária revolução feminina no campo:

(...) “Então da agroecologia já falamos da importância da mulher nisso tudo e tá fazendo revolução ne alguns mercados né e assim precisamos revolucionar muito mais, sair de patriarcado que viveu consumindo a gente a vida inteira dominando as política das mulher, dominando as mulheres de um modo geral, nós sabemos que hoje nós podemos muito bem fazer a revolução de uma forma digna, maritaria, humana sem passar por cima de ninguém então atenção meninas vamos construir um mundo melhor pra nós sem egoísmo e sem ser submisso né, acho que é discutir na base do diálogo que a gente tem que construir um mundo melhor e aí eu chamo atenção do grupo que aqui está da importância suas para nossa vida, o campo está envelhecendo e nós precisamos da tecnologia que vocês aprendem aqui na sala de aula pra multiplicar a produção do campo com saúde né porque assim com destruição e tanta tecnologia destruidora que aí está nós já temos muitas, nós temos muitas precisamos de vocês pra olhar pra nós da agricultura familiar vocês vim pra cá, olhando pra gente com carinho, o campo é um

lugar de paz é um lugar de produção é um lugar de fartura é um lugar de dignidade quando a gente é caipira fala assim né igual um cantor que falava um tempo atrás eu tenho orgulho de ser caipira sim senhor, você pode ser doutor aqui na cidade, mas no campo eu sou doutora também né então essa, isso não é com demagogia não eu falo isso por conhecimento de causa e com muita honra de dizer o seguinte: Todo dia nós 'tamo' vendo falar na televisão da crise mundial que aí está, nós 'tamo' vendo um monte de criador de pintinhos destruir os pintinhos porque não tem ração pra dá. Quem produz a ração, quem produz a ração então assim, o campo e a cidade precisam entender a importância da agricultura familiar ele fala na mídia todo dia, agricultura familiar é responsável por 70% não vi que gera não vi quantos mil empregos pra agricultura familiar, sempre tá com um olhar pra gente como se a gente fosse um coitadinho e nós não somos coitadinho coisa nenhuma, coisa nenhuma nós somos a mostra desse país na produção, que aí eu gostaria que os acadêmicos que aqui estão a gente sabe que vocês não vão voltar para o campo para fazer o que nós fazemos, mas que as tecnologias desenvolvidas pra nós seja respeitando o meio ambiente, seja respeitando a cultura que lá está, então venha para o nosso lado: Campo e cidade precisam se unir pra construir dias melhores pra todo mundo não é só pra um não ou o campo não vai ter êxodo se a cidade não entender a importância do campo e nem a cidade vai querer, se não respeitar a produção que lá vive no campo. Então nós estamos no mesmo barco, nós estamos juntos e precisamos mudar essa historia de achar que o urbano é melhor que o rural ou o rural tem que ser aquele rico, que uma agricultura familiar né é uma outra classe não, nós somos tão importante quanto os outros setores tá certo então assim essa é a minha mensagem que vim trazer pra vocês, continuo repetindo que os jovens precisam fazer os estudos seus, desenvolver pesquisa com olhar pro campo com essa importância, o campo precisa produzir em quantidade e qualidade que é o mais importante é a qualidade, não adianta ter o mundo se sair daqui da cidade achando que tudo que CE quer, mas que oferecendo doença e não respeitando a sua saúde e a sua vida, então junte-se a nós do campo vamos fazer historia, 'vamo' mudar o que aí está porque todos nós precisamos de ter saúde, precisamos respeitar o nosso planeta e construir uma sociedade

melhor, mudar a sociedade que aí está alienado pras coisas que destrói a vida então respeitando tudo isto nós vamos ter um final feliz, essa é a minha mensagem pra vocês”.

Dada a relevância da contribuição da mulher para a reprodução social de suas famílias e da própria agricultura familiar, é imperativo compreender as atividades exercidas por ela através de uma lente analítica que evidencie o seu papel como trabalhadora rural, tanto no aspecto produtivo como no não produtivo da agricultura, permitindo, desta forma, que o trabalho exercido pelas mulheres rurais se torne visível à sociedade em sua integridade.

Diante disso, essas novas abordagens do papel fundante da mulher no meio rural procuram ressignificar o conceito de ruralidade para além das atividades produtivas, sem abandonar as premissas e condicionantes para que ela possa ocorrer, tais como: o acesso aos meios de produção e, em especial, à terra; a ampliação dos níveis de renda dos agricultores por meio do acesso às políticas públicas e ao mercado; a agregação de valor, expressa na qualidade dos produtos; a manutenção do tecido social; e a conservação dos recursos naturais e das paisagens, dentre outros aspectos, como a preservação da cultura no rural, que será discutida no próximo tópico.

3.3. AS TRADIÇÕES PRESERVADAS EM PORTEIRINHA/MG: AS FESTIVIDADES, CULTURA E OS SÍMBOLOS DO MUNDO RURAL

Em termos gerais, o município pesquisado constitui-se como um complexo mosaico socioambiental, representativo das muitas contradições da experiência mineira e, por que não dizer, brasileira, de políticas para o desenvolvimento rural. Sendo assim, o povo porteirinhense mantém a tradição do arroz com pequi, tanto quanto o apreço pelo umbu. Em se tratando de festas religiosas as principais manifestações são: Festa de Santos Reis, Comemorações de São João, Festa de Senhora Sant’Ana, Festa do Divino Espírito Santo, dentre outras. Nas manifestações folclóricas podemos citar a catira, o batuque e a Folia de Reis. Quanto aos espaços de cultura podemos listar as praças, o mercado, o centro cultural, as igrejas, o centro de artesanato e espaços de convivência.

Pensar a paisagem pelo viés cultural, através da análise das simbologias, formas de trabalho e modos de vida, é um importante instrumento para verificar a presença de

ruralidades no município de Porteirinha-MG, questão que pode ser exemplificada pela tradicional festa de São José do Gorutuba, lugar, que por meio de registros históricos, é evidenciado como o berço da civilização norte mineira. O Rio Gorutuba foi descoberto e dado como local aurífero.

São José do Gorutuba era um arraial de grande destaque na região, visto que se tornou centro natural de convergência, sendo assim importante pólo agropecuário e comercial por está localizado entre Grão Mogol e a Bahia. Esse povoado era habitado por latifundiários, possuidores de muitos escravos e garimpeiros de cristais. Foi sede da primeira freguesia do extremo norte de Minas, criada por um Decreto da Regência em nome do Imperador D. Pedro II, em 14 de julho de 1832, e abrangia os territórios das atuais freguesias de Brejo das Almas (Francisco Sá), Santo Antônio do Gorutuba (Catuni), Riacho dos Machados, Mato Verde, Tremedal (Monte Azul) e Lençóis (Espinosa). Primeiro distrito de toda a região norte (1832) antes mesmo da emancipação de Grão Mogol (1840).

Do antigo arraial de São José do Gorutuba resta apenas a igreja, guardiã da lembrança de um tempo de glória, que resiste como um forte da cultura e tradição local. A Igreja de Nossa Senhora da Soledade, atualmente designada Capela de São José de Gorutuba, provavelmente construída no século XVIII tem grande valor arquitetônico e histórico. Nesse templo foi realizado o batizado de Francisco Sá, um dos maiores benfeitores e notável tribuno do sertão norte-mineiro.

São José do Gorutuba foi um rico distrito composto de imensos latifúndios de propriedade das famílias mais antigas do Norte de Minas Gerais. Embora o ferredouro do arraial de São José não exista mais, a capela é o único elemento material remanescente daquele período como ilustra a figura 34, estando relacionada às memórias das antigas celebrações como a tradicional Festa do Divino Espírito Santo que ainda hoje leva muitas pessoas ao Distrito.

Figura 34: Capela de São José do Gorutuba.



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Porteirinha. (2018)

São José do Gorutuba abrigou também a primeira Escola Estadual da região, conforme mostra a figura 35, que começou a funcionar em 1903, depois que Sophia Rosa da Silva, natural de São José do Gorutuba, filha de José Miguel da Silva, diplomou-se normalista pela Escola Normal de Montes Claros, em 01 de junho de 1901, e foi nomeada normalista para emprego de professora pública primária, da cadeira do sexo feminino de São José do Gorutuba, município de Grão Mogol, em 15 de setembro de 1902, pelo Palácio da Presidência do Estado de Minas Gerais em Belo Horizonte. Em 1978, como não havia mais moradores na Vila de São José, a escola foi transferida para Porteirinha já com o nome de Escola Estadual Neco Lopes.

Figura 35: Vista da Antiga Escola Estadual do Gorutuba em meados do século XX, em período anterior à desapropriação realizada pelo DENOCS.



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Porteirinha. (Data desconhecida)

Com a construção da Barragem do Bico da Pedra, as terras férteis cultivadas pelos habitantes da região às margens do Rio Gorutuba foram inundadas, a maioria das famílias foram desapropriadas e obrigadas a abandonar o lugar pelo DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra as Secas). Embora o território que abrigava a vila de São José não tenha sido alcançado pelas águas da barragem, todas as famílias abandonaram o vilarejo, pois, em meados da década de 1970, a informação oferecida pelo governo militar e pelos engenheiros do DNOCS era de que toda região seria inundada. Com essa informação os moradores, além de se mudarem, derrubaram suas casas, retiraram todas as peças e materiais que poderiam reaproveitar em uma nova residência fora dali.

Teoricamente o povoado de Bom Jesus, hoje Distrito de Bom Jesus de Porteirinha/MG, foi estruturado com energia elétrica e água encanada para receber essa população. A forma como as famílias foram retiradas de São José pelo governo militar, apagou a história do lugar, pois quase não há registros desse povoado tão importante para a história do Norte de Minas. Os moradores espalharam-se pelas cidades vizinhas, desde Jaíba até Riacho dos Machados.

No povoado de Bom Jesus, o primeiro morador foi o senhor Oraciano Pereira da Silva. Das terras deixadas por ele à sua segunda mulher D^a Maria Jovina dos Reis e desta à sua filha Avelina Pereira da Silva, que foi feito o loteamento que deu origem ao povoado.

Avelina repassou à prefeitura de Porteirinha, por meio do prefeito Alcides Mendes da Silva, meio alqueire de terras para lotear, construir o cemitério, a igreja e a escola. Como os lotes foram doados pela prefeitura, logo o povoado cresceu, seus moradores vieram de várias comunidades da região e até de municípios vizinhos, mas não de São José do Gorutuba. Portanto atualmente, a sede do distrito de Gorutuba é o povoado de Bom Jesus.

Conforme consta nos documentos paroquiais, a Capela de Nossa Senhora da Soledade de São José de Gorutuba foi construída com a denominação de Igreja de Nossa Senhora da Soledade, sendo desconhecidos sua data de construção e o responsável pela obra. No entanto, é possível situar sua inauguração entre 1722 e 1800. Além disso, até o ano de 2008, havia no alto da capela uma cruz com a inscrição da data de 1808, sendo possível que a data de inauguração tenha sido esta. Em função desse contexto temporal, é possível afirmar que sua construção contou com mão de obra escrava, mas não há informações sobre quem a teria solicitado. Não há referências de como teria ocorrido a alteração da denominação da Igreja de Nossa Senhora da Soledade para Igreja de São José de Gorutuba, sendo que ela deixou de ser Igreja para se tornar Capela quando deixou de ser sede da Paróquia.

Nas primeiras décadas do século XX, a Paróquia de São José do Gorutuba estava sob a responsabilidade do padre Ricardo Gnani, que permaneceu ali de 1914 a 1928. Aos 12 de março de 1931 o Padre Francisco Nunes dos Santos foi transferido como vigário Ecônomo para Riacho dos Machados, e encarregado da Paróquia de São José do Gorutuba, cuja sede já era Porteirinha.

Segundo a Sra. Vitalina Alves Conceição, ex-moradora de São José de Gorutuba, durante o período compreendido entre a década de 1940 e 1970 o zelador da Capela foi o Sr. Manoel Rodrigues Gomes, conhecido como “Neco Lopes”, comerciante e juiz de paz. Nessa época, a Capela de Nossa Senhora da Soledade de São José de Gorutuba era utilizada em períodos festivos e ao longo do ano em velórios, também para receber visitantes e no período da quaresma, quando a comunidade se reunia de forma autônoma, sem a presença de um pároco, para rezar o terço e a Via Sacra, como relata a Sra. Vitalina. Segundo a antiga moradora, as festividades tinham início em janeiro com a realização da Festa de Santos Reis, no dia 06 deste mês. O evento era antecipado com a realização de encontros diários entre os foliões, que se iniciavam no dia 24 de dezembro do ano anterior, percorrendo as ruas do distrito. O grupo folclórico das Pastorinhas também integrava a festividade que ocorria nas ruas de São José de Gorutuba e no interior da Capela, conforme ilustram as figuras 36 e 37, da década de 1980.

Figura 36: Festa do Divino em Gorutuba.



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Porteirinha.(Década de 1980)

Figura 37: Festa do Divino no Distrito de Gorutuba.



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Porteirinha.(Década de 1980)

Ainda no mês de janeiro, ocorria a festa de São Sebastião, com a realização de novena todas as noites à luz de velas no interior da Capela. As orações eram seguidas pelas badaladas dos sinos. No dia da festa, geralmente dia 19 de janeiro, era realizado um leilão, hasteamento de bandeira e celebração da missa. Realizavam-se ainda batizados e

casamentos, além da procissão que encerrava o evento. No mês de março era celebrada a Festa de São José e, em maio, ocorria a Festa de Maria Santíssima, com a participação dos alunos da Escola Estadual do Gorutuba, que coroavam a imagem de Nossa Senhora da Soledade. Em julho, realizava-se a Festa do Divino Espírito Santo, festividade mais tradicional de São José do Gorutuba. O evento atraía visitantes de vários municípios próximos, que se hospedavam no Distrito, dando grande dinâmica social ao povoado neste período. Em agosto era realizada a Festa do Senhor Bom Jesus e em setembro ocorria a Festa de Nossa Senhora da Soledade, padroeira da Capela. No mês de dezembro, a comunidade se reunia para a montagem do presépio no altar da capela do santíssimo, localizado no interior da Capela de Nossa Senhora da Soledade de São José de Gorutuba. Fora dos períodos festivos a Capela permanecia fechada na maior parte do tempo.

A Capela de Nossa Senhora da Soledade de São José de Gorutuba permaneceu por muitos anos abandonada, sendo usada apenas uma vez ao ano na Festa do Divino, sendo que as demais festividades deixaram de ser realizadas. Com isso, as imagens da Capela foram transferidas para Janáuba pelo Bispo Dom Mauro, na década de 2000. Essas imagens, principalmente a Imagem de Nossa Senhora da Soledade, era levada para a Capela em épocas festivas e devolvida posteriormente.

No ano de 2002, a Capela de Nossa Senhora da Soledade de São José de Gorutuba foi tombada a nível municipal, e sofreu uma reforma para troca do madeiramento do telhado. Além disso, algumas peças do tabuado em madeira foram substituídas, trincas foram preenchidas com argamassa e a pintura foi refeita. No ano de 2004, a capela passou a ser zelada pelo casal Lizena Maria de Jesus Silveira e Laércio Carlos Ribeiro. Segundo ela, somente em 2005 a capela passou a contar com bancos para os fiéis, sendo estes comprados em outras igrejas. Desde que o casal assumiu a guarda da Capela de Nossa Senhora da Soledade de São José de Gorutuba, as festividades tradicionais têm sido recuperadas, de modo que atualmente a Capela recebe as festas de São José em março, de Nossa Senhora da Soledade no mês de setembro, retomadas desde 2010, e Festa do Divino no mês de Julho. Além disso, os padres Wellington Rodrigues e Diego Platini realizam missas mensais na Capela de Nossa Senhora da Soledade de São José de Gorutuba.

Um outro exemplo de tradições preservadas em Poorteirinha/MG através de festividades, cultura e símbolo do mundo rural é a tradicional festa de Senhora Sant'Ana, no Distrito de Serra Branca de Minas: símbolo de cultura e fé de seus habitantes demonstrada no convite da figura 38, a seguir:

Figura 38: Convite da Festa Religiosa Tradicional de Porteirinha-MG.



Autor: Prefeitura Municipal de Porteirinha-MG (2016).

A quinze quilômetros da cidade de Porteirinha, no semiárido mineiro, existe uma comunidade que há centenas de anos tem sido palco da festa tradicional mais antiga da região. É a comunidade de Serra Branca, que celebra todos os anos a fé, a cultura, a tradição e a alegria do povo habitante no espaço rural e na cidade, conforme ilustram as figuras 39 e 40, a seguir:

Figura 39: Celebração da Missa na tradicional Festa Religiosa de Senhora Sant’Ana em Porteirinha-MG.



Fonte: Prefeitura Municipal de Porteirinha-MG (2016).

Figura 40: Festeiros participando da Festa Religiosa de Senhora Sant’Ana em Porteirinha-MG.



Autor: Prefeitura Municipal de Porteirinha-MG (2016).

Há mais de duzentos anos, do dia 17 ao dia 26 de julho, sendo o dia 26 feriado municipal, acontecem as festividades da padroeira do lugar, Senhora Sant’Ana. A festa de maior manifestação da cultura popular da região tem a maior quantidade de festeiros e visitantes, entre os dias 25, dia do Trabalhador Rural, e 26, dia de Senhora Sant’Ana. A comunidade de Serra Branca serviu de inspiração para páginas do romance de Guimarães

Rosa, “Grande Sertão Veredas”. Atualmente, moram na comunidade cerca de 70 famílias, em sua maioria compostas por agricultores e agricultoras. Além de ser visitada todos os anos no mês de julho por milhares de fiéis, Serra Branca possui um dos cemitérios mais antigos e tradicionais da região, sendo para muitos, local de oração e último adeus a parentes e amigos queridos; e a comunidade rural recebe esse nome devido à cor branqueada da serra que percorre toda a região, como pode ser observado na figura 41.

Figura 41: Serra Branca no município de Porteirinha-MG.



Autor: MENDES, F.F (2017).

Sobre a história da festa tradicional, os mais velhos contam que há muitos e muitos anos atrás, uma mulher muito rica chamada Ana, veio de Portugal para o Brasil e foi morar na Bahia. Com o passar do tempo, depois que seu marido morreu, Ana resolveu pegar toda a sua riqueza e sair rumo ao Norte de Minas, se instalando em terras próximas ao rio Serra Branca. Dizem que a tal Ana tinha muitos escravos, o que na época era normal. Suas terras eram extensas e numerosas tão grandes, tão grandes que dava para perder de vista. Porém, conta a história que logo que chegou na região, ficou muito doente. A doença era muito forte e como ela era uma pessoa de fé, recorreu com orações à sua santa de devoção, que é a mãe de Maria e avó de Jesus: Senhora Sant’Ana. Depois de muito rezar, a mulher ficou curada. Como agradecimento, ela doou todas as suas terras à Santa e no ano de 1722, mandou construir no local uma bonita capela.

De início, a capela foi construída com pedra e cal. O altar, moradores mais antigos contam que foi construído com madeira contorcida, tudo muito bonito e natural. Formou-se

um povoado ao redor da igreja e a fama de Senhora Sant'Ana se espalhou. O povo da região começou a festejar todos os anos a Festa de Senhora Sant'Ana. Dizem que anos depois a capela passou por uma reforma, mantendo apenas os alicerces de pedra e parte do altar. A parede era de adobe e piso de tábuas. Essa igreja durou por muitos anos, até por volta de 1975, quando o prefeito da época com sua simplicidade, sem levar em conta a importância histórica e cultural, mandou derrubar a igreja que estava ameaçada por cupins. No mesmo ano, foi construída outra igreja, porém, ela não guardava mais a memória da história local em seus traços.

Porém, a festa tradicional continua a ocorrer e começa todos os anos com a alvorada, e depois de nove dias de reza, é encerrada no dia da padroeira Senhora Sant'Ana, com uma procissão, seguida da celebração da missa final. Moradores idosos contam que antigamente não havia meios de transportes e havia pouquíssimos padres. A população das comunidades ao redor aproveitava a festa tradicional para se casar e batizar seus filhos. Na época, a única opção nos arredores de as pessoas se casarem era durante o acontecimento da festa. Seja quem havia começado a namorar em agosto, ou no mês de junho, quando chegava o mês de julho era o tempo de preparar as filhas moças para o casamento. Como eram muitas pessoas, o casamento era feito de forma coletiva. Depois do casamento, os casais eram acompanhados até as suas palhoças ao som de sanfona, onde recebiam os cumprimentos e eram servidos café e biscoito aos amigos. Cada casal tinha uma palhoça, também chamada de rancho.

Conforme informam os moradores, “a festa era boa, todos precisavam procurar alternativas para chegar à comunidade. Normalmente eles vinham a pé, com os mantimentos e crianças carregados em carros de boi. As pessoas de outros municípios só conseguiam chegar com conduções mais práticas como cavalos ou charretes. Roupas novas e calçados eram só para ir para a festa. Dizem também que era muito comum as mães comprarem grandes medidas de um só pano, elas faziam roupas para os filhos que iam para a festa, todos com a mesma estampa.

Assim as famílias eram identificadas pela estampa da roupa que usavam. Era na festa que as crianças aproveitavam para se divertirem e juntavam trocados o ano todo para, em Serra Branca, brincarem nos jogos de sorte e comprarem dos mascates pequenas bugigangas vindas da cidade grande.

Com o passar dos anos, a festa foi se adaptando às novidades trazidas pelo desenvolvimento. A energia elétrica chegou e as estradas e meios de transporte ficaram mais acessíveis. O barulho da sanfona e instrumentos de reizados deu lugar ao som mecânico que o comércio usava para atrair seus clientes. As orações, procissões, músicas próprias do lugar e

da cultura local passaram a não ser mais o único motivo que levam as famílias a Serra Branca. Porém, a comunidade e os fiéis mais próximos sempre foram os grandes responsáveis por não deixarem que o sentido religioso da festa se transformasse e que ela se tornasse apenas comércio. Os festeiros ao assumirem a festa, assumem responsabilidades de fazer cumprir os tradicionais rituais religiosos, de oferecer estrutura mesmo que simples para receber os visitantes e promover a interação com os moradores de Serra Branca. Com a renda da festa, os festeiros também têm o dever de deixar melhorias, seja para a igreja, seja para a casa da festa ou a comunidade.

No ano de 2009, foi criada a Associação Cultural Senhora Santana. O objetivo da Associação é fazer com que a cultura local volte a ser valorizada e que Serra Branca seja lembrada não apenas na época da festa, mas durante o ano inteiro, pois a comunidade precisa de atenção e de melhorias. Em 2011, foi lançado o documentário “Construindo nossa história”, feito pelos jovens da comunidade em uma oficina de vídeo que buscou resgatar a história; esta realização contou com o apoio do Sindicato dos trabalhadores rurais de Porteirinha e associações culturais locais; com o objetivo de que todos percebam a importância da valorização da cultura e da preservação da memória.

Serra Branca é símbolo da integração entre o povo do campo e da cidade, confirmando as ruralidades como elemento cultural em Porteirinha. A figura 42 ilustra a localidade citada que contém tal característica.

Figura 42: Comunidade rural de Serra Branca em Porteirinha-MG.



Autor: MENDES, F.F. (2017).

Porém, para as famílias agricultoras, a Festa de Senhora Sant'Ana tem um valor especial. Todos os anos, no dia 25 de julho, é celebrado o dia do Trabalhador e da Trabalhadora Rural de maneira customizada e temática. A missa é campal e no momento da oferta, são entregues os alimentos produzidos no campo, sementes e instrumentos de trabalho que as famílias agricultoras trazem em agradecimento a Deus. A celebração é feita com encenações, poesias e muita animação. As músicas têm temas relacionados à terra e à vida diária, acompanhadas por sanfona e demais instrumentos. Participam o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, a Pastoral da Juventude, o Grupo de música Seresteiros do Luar, a Associação Cultural da comunidade e os agricultores e agricultoras de toda região. No dia também é realizado o levantamento do mastro com animação dos foliões.

O espaço geográfico é um espaço mutável e diferenciado, cuja aparência visível é a paisagem. O estudo da paisagem possibilita desvendar as facetas culturais de uma sociedade, e nos debates atuais a ruralidade independe do espaço em que se manifesta, ela tende a ser percebida como um modo particular de vivência do espaço e da vida social.

Ao observarmos o espaço como um conjunto de inter-relações, existe a possibilidade de identificar elementos que o produzem. O espaço é onde se realizam e se concretizam as atividades humanas, confirmando a importância da cultura na formação da identidade de uma comunidade, que pode ser entendida através da paisagem constituída pelos aspectos socioeconômicos e culturais.

A partir das transformações que o espaço rural tem vivido, torna-se fundamental promover o diálogo institucional, as ações governamentais e a produção do conhecimento; pois a agricultura e o mundo rural são temas importantes tanto na esfera do Estado, quanto na da sociedade e, concomitantemente, da academia, sendo uma questão estratégica e de soberania para o desenvolvimento local e do país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa, cujos resultados apresentamos, objetivou a compreensão de como o modo de vida sob a perspectiva da ruralidade reflete na organização sócio-espacial do município de Porteirinha/MG a partir do entendimento dos feirantes no mercado. Nesse âmbito, entender como um determinado espaço organiza representa o primeiro passo para pensar o seu planejamento. É importante considerar que o rural possui formas de vida diferenciadas. Nesse sentido, pensar a paisagem pelo viés cultural, através da interpretação de suas simbologias, das formas de trabalho e modos de vida, é um importante instrumento para perceber a presença de ruralidades.

Ao longo da pesquisa, foi possível perceber que o local de estudo trata-se claramente de um lugar onde as atividades produtivas ainda encontram-se baseadas em atividades agrícolas. Essa ligação do urbano com o rural não influencia apenas nos trabalhos da população e sim em todo o modo de vida dessas pessoas. Essas características já começam a se revelar na paisagem, uma paisagem repleta de elementos simbólicos de um espaço de vida da comunidade local. Além das formas estáticas, a paisagem também revela o movimento da vida local, um ritmo de vida lento e socializado, que se transforma em dias de festividades, onde a tranquilidade dá lugar a agitação e a socialização torna-se mais intensa. Dessa forma, a força da cultura rural manifesta-se nos mais variados elementos, como na economia municipal, nas tradições e no cotidiano, e envolve, mesmo que inconscientemente, os habitantes locais, influenciando direta e indiretamente na organização espacial do local.

Percebeu-se também ao longo do estudo que a realidade da urbanização não vem evidenciar o predomínio do urbano ou diminuir a força das ruralidades no local, mas sim demonstrar a existência de determinados processos no local, já evidenciados por diversos estudiosos das questões rurais, como a aposentadoria rural, pluriatividade e multifuncionalidade.

Assim, a penetração de características ditas do mundo rural é claramente percebida em todo o espaço do município de Porteirinha/MG, seja nas áreas rurais da cidade, seja nas áreas urbanas, seja através da economia, do trabalho da população, nos costumes, nas tradições ou no imaginário dos habitantes. Mas o que faz com que as ruralidades influenciem e atuem diretamente nesse espaço? Essa pergunta poderia ser respondida em poucas palavras, como com a resposta simples: É a permanência de modos de vida tradicionais.

Assim, o espaço do município de Porteirinha/MG é organizado sob o olhar das ruralidades, o que é perceptível tanto em sua paisagem materializada nas construções, como no “movimento da vida” de sua população e nos feirantes do mercado, o que traz diversas peculiaridades a esse lugar.

Por fim, torna-se importante ainda ressaltar que qualquer estratégia que se busque para o desenvolvimento desse local deve respeitar as suas peculiaridades e seu ritmo, não por meio de importação de soluções externas, mas sim visando o cerne de suas potencialidades internas e reais.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. Funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo. **IPEA** (Texto para Discussão), n. 702, 2000, 33p. Disponível em: <<http://www.ipea.br>>. Acesso em: dez. 2017.

ARAÚJO, Giovanna de A. F. (2012). Continuidade e descontinuidade no contexto da globalização: um estudo de feiras em Portugal e no Brasil (1986-2007). Tese de Douramento em História Contemporânea (Universidade do Minho -UMINHO) e História Social (Universidade Federal da Bahia - UFBA), Braga, Portugal.

BARBOSA, C. C. **A feira, a cidade e o turismo: conceito, definições e relações com o lazer e a cultura em Montes Claros - MG**. Uberlândia, 2002. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002.

BIAZZO, Pedro Paulo. Campo e rural, cidade e urbano: distinções necessárias para uma perspectiva crítica em Geografia Agrária. In: MARAFON, Gláucio José; PESSÔA, Vera Lucia Salazar (Org.). **Interações Geográficas: a conexão interinstitucional de grupos de pesquisa**. 1. ed. Uberlândia: Roma, 2007. 207 p. p. 10 - 22.

CGMA. MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO. Secretaria de Desenvolvimento Territorial. **Caderno Territorial da Serra Geral**. Brasília (DF): CGMA, 2015.

CARNEIRO, Maria José. Ruralidades: novas identidades em construção. In: **Estudos Sociedade e Agricultura**, 11, outubro 1998.

CARNEIRO, M.J. **Política Pública e Agricultura Familiar: uma Leitura do Pronaf. Projeto Rurbano**, 1999. 8p. disponível em: www.eco.unicamp.br/projetos/rurban14.html

CARNEIRO, M.J. **Multifuncionalidade da agricultura e ruralidade: uma abordagem comparativa**. In: MOREIRA, R.J; COSTA, L.F.C. Mundo rural e cultura. Rio de Janeiro, Mauad, 2002. P. 223-240.

CLAVAL, P. **A Geografia Cultural** (Tradução de Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta). Florianópolis, Editora da UFSC, 1999.

CLAVAL, P. A geografia cultural: o estado da arte. In: CORRÊA, R.L. et al. (org.). **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999

_____. As abordagens da Geografia Cultural. In: INÁ Elias de Castro et al (Org). **Explorações Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

_____. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: EdUFSC, 1995.

CORREA, Roberto, L & ROSENDAHL, Z. (Org) **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CORRÊA, Roberto Lobato, ZENY, Rosendahl. (Org.) **Paisagem, Tempo e Cultura**. 2 ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

_____. “Geografia cultural: passado e Futuro: uma introdução”. In: CORRÊA, R.L. et al. **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

_____. Carl Sauer e a Geografia Cultural. In: **Trajatórias geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001 [1989].

_____. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Universidade Estadualdo Rio de Janeiro, 1998.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Espaço, um conceito-chave da geografia**. In: **Geografia: conceitos e temas**. CASTRO, Iná Elias de.; GOMES, Paulo César da Costa.; CORRÊA, Roberto Lobato. (orgs.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajatórias Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

DOLLFUS, O. **L’Analyse Géographique**, Paris, P.U.F., 1972.

ENDLICH, Ângela Maria. **Pensando os papéis e significados das pequenas cidades**. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

FERREIRA, A. D. D. Processos e sentidos sociais do rural na contemporaneidade: indagações sobre algumas especificidades brasileiras. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro (CPDA), n.18, p. 28-46, abr. 2002.

FONSECA, A.I. A. **Agricultura familiar como sustentabilidade: estudo de caso do planalto rural de Montes Claros/MG**. 2012. 182 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas do *Campus* de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2012.

FONSECA, A.I.A... [et al.]. **Estudos sobre agroecologia, agricultura familiar e as territorialidades no Norte de Minas Gerais**. Montes Claros : Unimontes, 2013.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. As Minas e os Gerais– Breve ensaio sobre o desenvolvimento e sustentabilidade a partir da Geografia do Norte de Minas. In: DAYRELL, Carlos Alberto; LUZ, Cláudia (Orgs.). **Cerrado e desenvolvimento: tradição e atualidade**. Montes Claros: Max Gráfica e Editora Ltda., 1999.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Divisão Regional do Brasil em mesorregiões e microrregiões geográficas**. Rio de Janeiro (RJ): IBGE, 1990.

_____. **Dados de Porteirinha 2010**. Disponível em: <<<http://cod.ibge.gov.br/XX9>>>. Acesso em 26 de junho de 2017.

_____. **Dados de Porteirinha 2016**. Disponível em: <<<http://cod.ibge.gov.br/XX9>>>. Acesso em 26 de junho de 2017.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Divisão Regional do Brasil em regiões geográficas imediatas e regiões geográficas intermediárias.** Rio de Janeiro (RJ): IBGE, 2017.

LEFEBVRE, H. **De lo rural a lo urbano.** Barcelona: Península, 1978.

LINDNER, Michele. **A Organização do Espaço sob a Ótica das Ruralidades: uma Análise da Dinâmica Espacial, Social e Cultural de Pequenos Municípios.** In: **Anais... 3º SIMPÓSIO NACIONAL O RURAL E O URBANO NO BRASIL**, 2011, Porto Alegre. Porto Alegre: Ufrgs, 2011. p. 1 - 22.

MAIA, Doralice S. **Hábitos rurais em vidas urbanas.** In: DAMIANI, Amélia L; CARLOS, Ana Fani A; SEABRA, Odete C. de L. (Orgs.) **Espaço no fim do século: a nova raridade.** São Paulo: Contexto, 1999, p. 214-220.

MCDOWELL, L. **A transformação da Geografia Cultural.** In: GREGORY, D. et alii. (Org.) **Geografia Humana: Sociedade, Espaço e Ciência Social.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996

MOREIRA, Ruy. **Pensar e Ser em Geografia.** São Paulo: Contexto, 2007. Norris Christopher.

OLIVEIRA, Palmyra Santos. **Porteirinha: Memória histórica e genealogia.** Editora: O Lutador, 2008.

PORTEIRINHA. **Prefeitura Municipal de Porteirinha.** Histórico. Disponível em: <http://porteirinha.mg.gov.br/municipio/historia/> Acesso em: 25/06/2017.

SANTOS, Milton. **Da sociedade à paisagem: o significado do espaço do homem.** In: SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem.** São Paulo: EDUSP, 2004, p. 53-63.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica, Tempo, Razão e Emoção.** São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia.** São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SAUER. Carl Ortwin. **Geografia Cultural.** In: CORRÊA, R.L. et al. (Org.) **Introdução a Geografia cultural.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SAUER. Carl Ortwin. **A morfologia da Paisagem.** In: CORRÊA, Roberto Lobato, ZENY, Rosendahl. (Org.) **Paisagem, Tempo e Cultura.** 2 ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

SILVESTRE, L. H.; CALIXTO, J. S.; RIBEIRO, E. M. **Mercados locais e políticas públicas para a agricultura familiar: um estudo de caso no município de Minas Novas, MG.** In: XIII Congresso da SOBER. Ribeirão Preto/SP: SOBER, 2008.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Geografia e filosofia.** São Paulo: Editora Unesp, 2004.

SOUZA, Marcelo Lopes de. Da “diferenciação de áreas” à “diferenciação socioespacial”: a “visão (apenas) de sobrevôo” como uma tradição epistemológica e metodológica limitante. *Cidades, Presidente Prudente*, v. 4, n. 6, p. 101-114, jan./dez., 2007.

_____. **Em torno de um hífen**. Formação, Presidente Prudente, n. 15, v. 1, p. 159-161, jan./jul., 2008.

_____. Introdução: a “nova geração” de movimentos sociais urbanos – e a nova onda de interesse acadêmico pelo assunto. *Cidades, Presidente Prudente*, v. 6, n. 9, p. 9-26, jan./jun., 2009.

SOROKIN, Pitirim A.; ZIMMERMAN, Carlo C.; GALPIN, Charles J. Diferenças fundamentais entre o mundo rural e o urbano. In: MARTINS, José de Souza. **Introdução crítica a sociologia rural**. São Paulo: Hucitec. 1981. 224 p. p. 198-224.

SUERTEGARAY, D. M. A. **Espaço geográfico uno e múltiplo**. *Rev. Scripta Nova*. Vol. V, Universidad de Barcelona, 2001. P. 79 - 104. Disponível em Acesso em 10/05/2017.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas – o “rural” como espaço singular e ator coletivo. In: **Estudos Sociedade e Agricultura**. Nº 15, outubro 2000.

_____. A ruralidade no Brasil moderno. Por um pacto social pelo desenvolvimento rural. In: **¿Una nueva ruralidad en América Latina?**. Buenos Aires: CLACSO, 2001. p. 31- 44.

WANDERLEY, M.N.B. Territorialidade e ruralidade no Nordeste: por um pacto social pelo desenvolvimento rural. In: **Planejamento e Desenvolvimento dos Territórios Rurais: conceitos, controvérsias e experiências**. Brasília: EMBRAPA, 2002.

ZANATTA, Beatriz Aparecida. **A abordagem cultural na Geografia**. *Revista Temporis [ação]*, UEG, v. 1, n. 9, p. 224-235, 2007.

ANEXO

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA FEIRANTES NO MERCADO MUNICIPAL DE PORTEIRINHA/MG

1. DADOS DO FEIRANTE

Nome: _____

Mora no município Mora fora do município

Mora na cidade Mora na área rural

Sexo: M F

1.4 Aposentado(a): Sim Não

Recebe algum auxílio do governo: bolsa-escola, cesta-básica? Sim Não

Qual? _____

2. HÁBITOS DO FEIRANTE

O Sr.(a) vem todas as semanas à feira? Sim Não

Quais dos produtos abaixo costuma vender em TODA FEIRA?

Qual a sua relação com a feira?

Comércio Lazer Comércio e Lazer

Qual a importância da renda obtida com a venda na feira?

É utilizado algum tipo de agrotóxico ou adubo químico na produção? _____

Você se reconhece como agricultor familiar? Sim Não